

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LAURI ALFONSO MOMBACH

**A ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO AO MAL-ESTAR DOCENTE:
um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS)**

São Leopoldo

2015

LAURI ALFONSO MOMBACH

A ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO AO MAL-ESTAR DOCENTE:
um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS)

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Religião e Educação

Orientador: Remí Klein

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M732e Mombach, Lauri Alfonso
A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente: um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS) / Lauri Alfonso Mombach ; orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.
110 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Espiritualidade. 2. Professores – Stress ocupacional. 3. Professores – Saúde mental. I. Klein, Remí. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

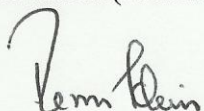
LAURI ALFONSO MOMBACH

A ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO AO MAL-ESTAR DOCENTE: UM ESTUDO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SAPUCAIA DO SUL (RS).

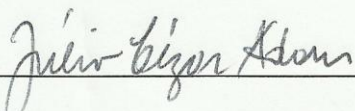
Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação

Data de Aprovação: 27 de fevereiro de 2015

Prof. Dr. Remí Klein (Presidente)



Prof. Dr. Júlio C. Adam (EST)



Prof.^a Dr.^a Rosângela Fritsch (UNISINOS)



À minha esposa Cláudia que, na sua grandeza amorosa e intelectual, soube, com sabedoria, me acolher nas angústias, dificuldades e conquistas, apoiando-me incondicionalmente. Aos meus filhos Glória e Bernardo, razões maiores de minha existência.

AGRADECIMENTOS

À Deus, porque me legou a dádiva da vida.

À minha querida família, esposa Cláudia e filhos Glória e Bernardo, porque sem a compreensão e apoio dela esta pesquisa dificilmente aconteceria.

Aos meus pais José Tarcillo e Terezinha Mombach, que foram meus primeiros mestres, com seus exemplos de vida me ensinaram o significado das palavras humildade, honestidade e persistência.

Ao Prof. Dr. Remí Klein, orientador, que com ternura e maestria me soube conduzir nesta pesquisa. Mais que orientador, foi amigo compreensivo, otimista e paciente.

À Faculdades EST, que na voz dos professores e funcionários, acolheu o meu projeto de pesquisa e me proporcionou muito mais do que amadurecimento intelectual.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

A todos os professores que acreditam e fazem com o seu trabalho a diferença no mundo, em especial àqueles que colaboraram diretamente nesta pesquisa.

RESUMO

A espiritualidade é um tema cujas pesquisas têm sido ampliadas nos últimos anos. Buscar uma redação conceitual é um primeiro desafio para aqueles que se propõem a empreender uma análise investigativa a respeito. Poucas pesquisas buscam, como esta, compreender as possíveis aproximações da espiritualidade ao campo educacional. O presente trabalho reúne, numa pesquisa bibliográfica e de campo, através da opção metodológica qualitativa, uma investigação acerca das possibilidades de relacionar a espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente. A pesquisa concentra-se no município de Sapucaia do Sul, onde doze professores são entrevistados, sendo as entrevistas transcritas, agrupadas e analisadas em quatro diferentes categorias. Consideramos que para as escolas terem sucesso no seu propósito de serem um espaço de ensino e aprendizagem, dentre outras, é fundamental a presença de professores qualificados e motivados para tal. Entretanto, em virtude de diversos fatores, muitos profissionais da educação, especialmente no Brasil, são acometidos pelo que os especialistas denominam de mal-estar docente. Sentem-se sufocados pela elevada carga horária, pouca valorização e exigências do trabalho. O cultivo de hábitos de espiritualidade pode agregar alento à vida pessoal e profissional dos professores para enfrentar os percalços do dia a dia, potencializando suas atitudes positivas, acarretando em qualidade de vida e desempenho profissional.

Palavras-chave: Educação, Mal-estar docente, Espiritualidade, Saúde, Qualidade de vida.

ABSTRACT

Spirituality is a theme that has been increasingly researched in the last years. The quest for a conceptual redaction is a first challenge for those who propose to undertake an investigative analysis of the issue. Few research projects have sought, like this one, to understand the possible approximations of spirituality with the educational field. The present work gathers together in a bibliographical and field research through a qualitative methodological option an investigation about the possibilities of relating spirituality to confronting the professor malaise. The research is concentrated in the municipality of Sapucaia do Sul, where twelve professors are interviewed, being that the interviews are transcribed, grouped and analyzed in four different categories. We consider that, for schools to be successful in their purpose of being a teaching and learning space, it is fundamental, that, among other items, there be qualified and motivated professors for such. However, many professionals in education, especially in Brazil, are afflicted by what specialists call the professor malaise. They feel they are being suffocated by the elevated class load, low valorization and work demands. The cultivation of spirituality habits can propitiate relief for the personal and professional lives of the professors thus helping to confront the daily troubles, potencializing their positive attitudes, leading to enhanced quality of life and professional performance.

Keywords: Education, Professor malaise, Spirituality, Health, Quality of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I - OS (DES)CAMINHOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES ..	19
1.1 Os (des)caminhos da educação no Brasil	20
1.2 Um raio x da educação brasileira	29
1.2.1 O papel da família na educação dos filhos	30
1.2.2 O papel social da escola em tempos incertos	32
1.3 O mal-estar docente	34
1.3.1 E quando a agressão é física?	38
1.3.2 A busca por respostas	39
II - ESPIRITUALIDADE: APORTES PARA O TRABALHO DOCENTE	49
2.1 Espiritualidade, o que é?	52
2.2 Inteligência espiritual	57
2.3 Espiritualidade e o trabalho docente	58
2.4 Espiritualidade no mundo corporativo	61
III - A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DE CONTEXTO	67
3.1 Da história do Município de Sapucaia do Sul	67
3.2 Dos dados da pesquisa e análise	69
3.2.1 Da vinculação e a vivência de uma espiritualidade (questões 2 e 3)	69
3.2.2 Da vivência de uma espiritualidade e o exercício profissional (questões 4 e 8)	72
3.2.3 Do grau de satisfação profissional (questões 5, 6 e 7)	76
3.2.4 Das fontes estressoras e estratégias de superação (questões 9 e 10)	80
3.3 Entre a espiritualidade, a saúde e a educação	85
3.3.1 Dos problemas conceituais e da noção de precariedade	85
3.3.2 Saúde e espiritualidade a partir da OMS	90

3.3.3 Da conceituação aos tratamentos no campo da saúde	91
3.3.4 Espiritualidade e saúde dos professores	94
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXO I.....	107
ANEXO II.....	109

INTRODUÇÃO

Ao propormos um trabalho de pesquisa na educação somos movidos por uma profunda confiança no papel da educação na construção da sociedade. Ainda, neste sentido, acreditamos que o êxito do trabalho educativo passa necessariamente pelo professor. O bem-estar deste agente é importante para que possa exercer a sua profissão com eficiência, servindo ao papel que lhe cabe por excelência: educar. E, ao empreendermos o estudo associando a espiritualidade à educação, somos motivados pelo desejo de compreender como as duas se entrelaçam, especialmente aquela sobre esta.

As constantes matérias veiculadas nos meios de comunicação relacionados à educação, especialmente aquelas envolvendo os professores, despertam a curiosidade e levam a pensar como os professores lidam com as demandas educacionais, com as suas frustrações decorrentes, com o seu cansaço e com a sua exaustão do trabalho. E, mais, como as equipes gestoras lidam com os trabalhadores da educação. Os sindicatos dos professores e patronais estampam em seus informativos a preocupação com o mal-estar docente. Dentre as principais queixas recorrentes dos professores estão a remuneração, as condições de trabalho, as exigências da profissão e o desgaste físico e psíquico, levando alguns ao extremo de optarem por frentes de trabalho em áreas alheias à educação. A profissão do professor tem peculiaridades que não podem ser ignoradas.

A proposição de um tema de investigação associando espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente vem carregada de um profundo desejo de encontrar uma equação que possa ser proveitosa e contribuir para potencializar a confiança do professor em si e no seu trabalho, na finalidade última de construirmos uma educação com mais qualidade. A espiritualidade, certamente, não é a fórmula que vai resolver todos os problemas ligados à educação, entretanto, esperamos que a sua valorização possa ser amplamente proveitosa e promover o bem-estar do profissional.

Portanto, o objetivo central deste trabalho consiste em analisar possíveis relações entre a espiritualidade e o trabalho docente, especificamente a partir da realidade dos professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de

Sapucaia do Sul (RS) onde está centralizada a pesquisa. Para isso, precisamos analisar inicialmente, de modo geral, fatos históricos que assolam a vida dos profissionais da educação, tornando a profissão docente um desafio. Além disso, buscar identificar possíveis processos causadores do adoecimento dos profissionais da educação. Sendo a espiritualidade uma abordagem central, faz-se necessário buscar conceituar o tema, de modo geral e na especificidade do educador, bem como, especialmente através da pesquisa de campo, identificar possíveis influências da espiritualidade na vida profissional e pessoal dos educadores.

Queremos, portanto, por meio deste trabalho, responder a seguinte questão: É possível estabelecer uma relação positiva entre a espiritualidade do professor e a prevenção ao mal-estar docente, ou seja, o cultivo de uma espiritualidade contribui positivamente para inibir o surgimento do mal-estar docente? As nossas convicções são que sim, o cultivo da espiritualidade potencializa o professor em seu agir no enfrentamento ao mal-estar docente. Em outras palavras, nossa hipótese consiste na convicção de que o cultivo e cuidado espiritual promove a maximização das potencialidades dos professores, valorizando suas capacidades, renovando suas esperanças e trazendo uma paz interior que lhes permita lidar melhor com os desafios cotidianos, evitando a sensação do mal-estar docente e o adoecimento.

Para que possamos ter êxito nesse caminho investigativo, considerando que a nossa temática para pesquisa é ampla, alternando entre dados objetivos e subjetivos, optamos em trabalhar com o método de pesquisa qualitativa. Esta opção justifica-se pela possibilidade de estabelecer uma relação mais flexível entre pesquisador e pesquisado. Para os fins deste estudo, os dados são recolhidos, basicamente, através da observação participante e da entrevista individual por meio de questões abertas. Para sua análise, é feita a transcrição com agrupamento dos dados em categorias. Da pesquisa participam profissionais da educação de doze (12) das vinte sete (27) escolas, sendo estes professores concursados que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental no Município de Sapucaia do Sul/RS. São observados os seguintes critérios para a seleção dos entrevistados: seis (6) profissionais, sendo três (3) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, com tempo de serviço entre três (3) e dez (8) anos; seis (6) profissionais, sendo três (3) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, com tempo de serviço superior a dez (10) anos de efetivo serviço.

Para falar da educação na atualidade, principalmente da relação e (in)satisfação professor com seu trabalho, faz-se necessário uma leitura histórica, mesmo que seja bem abrangente. A educação atual é resultado das opções e dos investimentos, ou a falta destes, ao longo da história. Nesse sentido, no primeiro capítulo, falamos nos (Des)caminhos da educação no Brasil e suas implicações. O acento de “(des)caminhos” não propõe *a priori* nenhum juízo de valor, apenas visa fomentar a observação crítica da realidade. Dividimos o capítulo em três partes: a primeira, histórica - *Os (des)caminhos da educação no Brasil*; a segunda, uma contextualização - *Um raio x da educação brasileira*; e a terceira, ligada especificamente ao professor - *O mal-estar docente*.

As diferentes concepções de espiritualidade são o tema central do segundo capítulo, primeiro de modo amplo e, depois, de modo restrito ao professor. Nominamo-lo de Espiritualidade: aportes para o trabalho docente, subdividindo-o em: *Espiritualidade, o que é?*, numa conceituação ampla da terminologia e prática, trazendo para o diálogo diferentes estudiosos da área; abrimos espaço e abordamos o polêmico tema da *Inteligência Espiritual*; na sequência, a referência foi explicitamente a *Espiritualidade e o trabalho docente* - ponto central desta pesquisa; e finalizamos com a abordagem da *Espiritualidade no mundo corporativo*, no intuito de conhecermos os pressupostos e estabelecermos possíveis relações à área educacional. A temática da espiritualidade volta no terceiro capítulo, após a análise dos dados, com o subtítulo de *Entre a espiritualidade, a saúde e a educação*, porém, numa ampliação conceitual e uma abordagem mais próxima à saúde. Consideramos fundamental o acento à área da saúde por estarmos tratarmos do mal-estar docente, uma doença silenciosa que afeta a classe dos professores.

Ao terceiro capítulo damos o título de: A espiritualidade a partir do professor: uma análise de contexto. Dentro deste foi feita a subdivisão em: *Da história do Município de Sapucaia do Sul*, numa abordagem de alguns aspectos constituintes do município de Sapucaia do Sul/RS, por este ser a sede da nossa pesquisa de campo; segue com: *Dos dados da pesquisa e análise*, titulação da especificidade onde é feita a análise das entrevistas a doze professores da Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul, sendo esta abordagem feita em quatro categorias, em conformidade com as questões das entrevistas: *Da vinculação e a vivência de uma espiritualidade (questões 2 e 3)*; *Da vivência de uma espiritualidade e o exercício*

profissional (questões 4 e 8); Do grau de satisfação profissional (questões 5, 6 e 7); Das fontes estressoras e estratégias de superação (questões 9 e 10). A informação da questão de número um é transversal.

I - OS (DES)CAMINHOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES

Parece-nos desnecessário empreendermos uma discussão exaustiva sobre a importância da educação na vida de uma pessoa e de uma nação, em especial a educação escolar. No entanto, o que hoje parece uma obviedade ao senso comum nem sempre foi assim. Tampouco, esta consciência sempre resultou em ações afirmativas em prol da população nos sucessivos governos ao longo da história. E mais, em alguns governos a opção foi pela não instrução de sua população em troca de determinadas vantagens.

Todo este cenário, ao qual está envolta a história da educação no Brasil, ao longo de mais de quinhentos anos, muitas vezes negativo, envolve diretamente os professores. Estes foram em algumas épocas renegados, em outros períodos referências comunitárias. Fica até difícil descrever uma linha história evolutiva desses de reconhecimento desses profissionais da educação. Por muito tempo permaneceram sob os olhares atentos da Igreja Católica. Até hoje buscam o reconhecimento e a valorização profissional. A desvalorização, associada a exagerada carga de trabalho a que estão expostos, os torna humana e psicologicamente vulneráveis, sendo acometidos com o que alguns estudiosos chamam de “Mal-Estar Docente” e na avaliação clínica de “Síndrome de Burnout”.

Ao abordarmos, nesse capítulo, o cenário da educação brasileira, especialmente na pessoa do professor, não podemos perder de vista que este faz parte de uma pesquisa mais ampla, sobre as possíveis relações positivas da espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente, num estudo orientado à Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS). Para o êxito nessa busca, faz-se necessário esta breve leitura histórica da educação brasileira, especialmente no que se refere à participação dos professores. Sendo assim, apresentamos inicialmente “Os (des)caminhos da educação no Brasil”. Depois, descrevemos o que intitulamos de “Um raio-x da educação no Brasil de hoje”. É necessário, mesmo que de modo amplo, olharmos para o contexto atual da educação. Além disso, para finalizarmos, e não poderia ser diferente, falamos do “Mal-Estar Docente”. Entendemos o professor como o centro do processo de ensino e aprendizagem e, portanto, precisa ser visto e amplamente reconhecido para ser tornar efetivamente um agente transformador por meio da educação escolar. Investir na sua formação é investir na qualificação da educação.

1.1 Os (des)caminhos da educação no Brasil

Quando nos propomos a analisar a educação brasileira na atualidade, faz-se necessário revisitar as opções pedagógicas da seleção e formação de professores, durante os mais de quinhentos anos de colonização. Não pretendemos aqui um estudo apurado da história da educação, mas um olhar sobre alguns pontos que julgamos centrais, os caminhos e descaminhos da educação e suas implicações no estado atual de ensino brasileiro, especialmente no que refere à identidade do professor.

Arroyo desenvolve uma reflexão a este respeito:

Não há como olhar-nos sem entender que o que procuramos afirmar no presente são traços de um passado que mudou menos do que imaginávamos. O reencontro com “Nossa memória” nos leva ao encontro com uma história que pensávamos não mais existir.¹

É bem verdade que nada do que fizermos hoje vai alterar substancialmente o cenário. No entanto, se observamos o passado poderemos melhor entender o presente e, quem sabe, escrever novos caminhos para a educação num futuro próximo, sem repetir os erros outrora cometidos. Este parece ser o nosso grande desafio.

No momento presente, muitas entidades sociais estão se voltando para a situação da educação em nosso país e para seu papel social. É verdade que alguns meramente criticando ou tentando achar culpados. O grupo RBS, por exemplo, encabeçou a campanha com o slogan “A educação precisa de respostas”², a fim de promover uma reflexão sobre a precariedade desse setor na sociedade brasileira, em especial no estado do Rio Grande do Sul. Parece-nos, entretanto, fundamental investigar as razões históricas de alguns dos problemas que enfrentamos na atualidade, de modo a irmos à raiz dos problemas.

Ao adentrarmos no estudo da história da educação brasileira, não podemos deixar de reconhecer o modelo medieval trazido e introduzido especialmente pelos portugueses. Isso não quer dizer que os povos que aqui residiam não tivessem conhecimentos acumulados e características próprias de educação. O modelo de instrução dos povos indígenas valorizava, sobretudo, o saber acumulado pelas

¹ ARROYO, Miguel G., *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000. p. 17.

² EDUCAÇÃO PRECISA DE RESPOSTAS. Grupo RBS, Porto Alegre, 2013 (Campanha social).

Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/capa,1429,0,0,0,Home.html>.

Acesso em: 20 dez. 2013.

gerações, sendo os mais velhos detentores do conhecimento e considerados sábios. Eram constantemente consultados e repassavam aos mais jovens a sua cultura de forma oral. Contavam suas histórias e com isso passavam a essência de sua cultura. Não possuíam professores formados em academias para tal função, aos moldes daqueles. Esta incumbência era dos anciãos e geralmente acontecia de modo informal. Com a chegada dos colonizadores começa a ser escrito um novo rumo para a história e pouco do que estava na raiz da cultura indígena se preservou.³

A chegada dos colonizadores europeus traz consigo um modelo de cultura, uma visão de ser humano, um sistema de crenças e, evidentemente, um modelo educação, que vai sendo implantado aos poucos pela atuação dos jesuítas.⁴

O período colonial brasileiro, segundo Ribeiro⁵, caracterizada por uma sociedade latifundiária, escravocrata e aristocrática, sustentada por uma economia agrícola e rudimentar, que não necessitava de pessoas letradas e nem de muitos para governar, mas sim de uma massa iletrada e submissa. Só mesmo uma educação humanística voltada para o espiritual poderia ser inserida, ou seja, uma cultura que acreditavam ser neutra.

É nesse contexto é que se insere a Companhia de Jesus, cujo papel era o de recrutar fiéis e servidores. A catequese assegurou a conversão da população indígena à fé católica e sua passividade aos senhores brancos. Embora nem sempre tenham servido a esses propósitos, os da coroa portuguesa, esse modelo se manteve por mais de duzentos anos⁶.

Nota-se que aqui temos uma mostra da educação servindo aos interesses de uma classe dominante no país, mesmo que a intenção primeira jesuíta fosse genuína. Os ideais evangelizadores, independentemente dos seus propósitos, acabaram servindo para a dominação e a exploração. Os professores indiretamente estavam corroborando aos interesses de uma classe dominante.

³ DOMINGUES, Katia C. M. *Interpretações do papel, do valor e significado da formação do professor indígena do Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/InterpretaesdoPapelValoreSignificado.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.

⁴ RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1993000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 20 nov.2014.

⁵ RIBEIRO, 1993.

⁶ RIBEIRO, 1993.

Já na primeira metade do século XVIII, Portugal era administrado com “mão de ferro” pelo Marquês de Pombal, que fez uma série de reformas educacionais que repercutiram no Brasil, tirando o poder educacional da Igreja e colocou-o nas mãos do Estado, criando assim, um ensino pelo e para o Estado. Por conseguinte, em 1759 os jesuítas foram expulsos. Porém, após sua expulsão, a situação educacional pouco mudou, pois o ensino continuou enciclopédico⁷, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e desenvolvendo a submissão às autoridades e aos modelos antigos.⁸ Os professores leigos que havia eram praticamente os mesmos que atuavam com os jesuítas.

O governo português, em 1759, desmantelou a estrutura administrativa baseada na educação religiosa jesuítica, instituindo em seu lugar as Aulas Régias, simbolizando a criação da escola pública no reino e o comprometimento de intelectuais luso-brasileiros com a Ilustração. O ideário pombalino inspirava-se no iluminismo português, refletido nas obras de Luís Antonio Verney e de Antonio Nunes Ribeiro Sanchez, que propunham uma educação leiga, voltada ao progresso científico e à difusão do saber.⁹

Embora o idealismo de Pombal, de criar uma escola do Estado, o que se viu foi a ruína do pouco que até então havia sido construído na educação brasileira pelos jesuítas. Cria-se, após esse período, um vazio, um verdadeiro caos na educação. Até o início do século XIX a educação no Brasil ficou significativamente comprometida. Os poucos professores que existiam eram mal remunerados, não possuíam formação e estavam sub júdice das elites. Existia pouco interesse na formação da população, tampouco um projeto de formação de educadores.¹⁰

Segundo Paiva Bello¹¹, com o advento da estadia de D. João VI no Brasil, abriram-se Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante, em termos de mudança, a Imprensa Régia. Não obstante as diversas iniciativas, pouco disso se manteve. A educação continuou a ter uma importância secundária na colônia portuguesa. Se formos comparar a educação na Colônia portuguesa com a educação das colônias

⁷ Compreende o ensino que tem por base a “decoreba” de certos preceitos, onde o professor é o instrutor.

⁸ RIBEIRO, 1993.

⁹ VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. *História da formação de professores no Brasil: o primado das influências externas*, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/93_159.pdf. Acesso em: 27 dez. 2014.

¹⁰ PAIVA BELLO, José Luis de. *Educação no Brasil: a História das rupturas*. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm> Acesso em: 16 dez. 2013.

¹¹ PAIVA BELLO, 2001.

espanholas, estas já possuíam universidades de longa data, como é o exemplo da Universidade de São Domingos, fundada em 1538, do México, e a de Lima, criada em 1551, enquanto a Colônia portuguesa teve a sua primeira Universidade só em 1934, em São Paulo.

Um fato grande relevância, pelo menos aparentemente e como registro histórico, foi quando em 1824 foi outorgada a Constituição Brasileira, contendo, no artigo 179, a normativa: a “instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”.¹² Entretanto, como bem sabemos, não basta existir uma lei para que ela seja cumprida. Este artigo não significou nenhuma mudança substancial. A instrução acadêmica da colônia portuguesa continuava a mercê da desorganização e da falta de interesse das elites.¹³

Pouco tempo depois, no ano de 1827, conforma Paiva Bello¹⁴, na tentativa de suprir a falta de professores, foi implantado o Método Lancaster¹⁵ (ensino mútuo), que consistia em um aluno, devidamente treinado e sob o olhar atento de um inspetor, ensinar a um grupo de dez alunos. Como podemos notar, não se tinha a preocupação clara em formar educadores, e nenhum tipo de projeto a longo prazo. Implanta-se um método paliativo, que tem por princípio básico que a tarefa de educar podia ser relegada a praticamente qualquer pessoa alfabetizada, bastando que tivesse boa intenção e fosse acompanhada, ou quem sabe, vigiada.

Em todo o período do Império, pouco foi feito pela educação brasileira. Mesmo com a Proclamação da República, não ocorreu uma significativa reformulação da educação. Embora D. Pedro II tenha declarado uma afeição particular à instrução, pouco concretamente fez para criar um sistema educacional.¹⁶

No período chamado de Primeira República, que vai de 1889 a 1929, temos alguns eventos que valem ser mencionados aqui. Benjamin Constant trouxe à educação os princípios de liberdade e laicidade, assim como da gratuidade da

¹² BRASIL. Constituição (1824). Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, RJ.

¹³ PAIVA BELLO, 2001.

¹⁴ PAIVA BELLO, 2001.

¹⁵ O Método Lancaster chegou ao Brasil por intermédio de D. João VI por volta de 1812 e somente com a lei de 15 de outubro de 1827 se oficializou no país. É também conhecido como método de ensino mútuo ou monitorial, ou seja, os alunos mais avançados ensinam aqueles que ainda não aprenderam. Perdurou até 1946. Para o Estado, o método, além de ser vantajoso e econômico, facilitava a divulgação da instrução que era um problema alarmante naquele momento histórico, especialmente pela falta professores. Além disso, ocupava os alunos.

¹⁶ PAIVA BELLO, 2001.

escola primária, como já previa a Constituição. O objetivo desta reforma era preparar o aluno para os cursos superiores e não somente preparatório para determinada área. Propunha a predominância literária à científica.¹⁷ Esta reforma, no entanto, foi duramente criticada pela corrente positivista, uma vez que não observava os princípios pedagógicos de Augusto Comte.¹⁸

A reforma proposta por João Luiz Alves¹⁹ é significativa, pois introduz a cadeira de Moral e Cívica com o propósito de conter os protestos estudantis contra o governo do então presidente Arthur Bernardes.²⁰ Mas uma vez a educação está a serviço de um grupo minoritário que deseja que a sociedade permaneça do mesmo modo: analfabeta e acomodada.

Segunda a leitura histórica de Paiva Bello²¹, por todo o Império, incluindo D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, pouco se fez pela educação brasileira e muitos reclamavam da sua baixa qualidade. Com a Proclamação da República tentou-se várias reformas que pudessem dar uma nova guinada, todavia, se observarmos bem, a educação brasileira não sofreu um processo significativo de evolução que pudesse ser considerado marcante ou significativo em termos de modelo.

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, certamente a década de mil novecentos e vinte foi a mais marcante para a educação, pois ocorreram diversos movimentos na esfera política que direta ou indiretamente influenciaram a educação. Em 1922 ocorreu o “Movimento dos 18 do Forte”²², mesma data em que ocorre a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista. Já em 1924 ocorre a Revolta Tenentista e se inicia a Coluna Prestes.²³

No tangente à educação, ocorreram diversas reformas de abrangência estadual, como as de Lourenço Filho, no Ceará, em 1.923, a de Anísio Teixeira, na

¹⁷ PAIVA BELLO, 2001.

¹⁸ Foi um filósofo Frances. Criou a corrente de pensamento chamada "Positivismo". O pensamento positivista pregava um modelo de sociedade organizada, onde o poder espiritual não teria mais importância, sendo os sábios e cientistas a primazia nas decisões.

¹⁹ Em decreto de 8 de dezembro de 1924, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal.

²⁰ PAIVA BELLO, 2001.

²¹ PAIVA BELLO, 2001.

²² A Revolta dos 18 do Forte de Copacabana foi uma revolta tenentista ocorrida na cidade do Rio de Janeiro (capital do Brasil na época) em 1922. Queriam o fim da República Velha e do domínio das oligarquias no poder; um sistema político democrático para o Brasil e um sistema eleitoral justo. Durante a marcha alguns militares desistiram, ficando apenas 17 que receberam o apoio na rua de um civil, totalizando 18. Os rebeldes foram cercados pela tropa do Governo Federal. Após forte tiroteio, dezesseis integrantes do movimento foram mortos no combate. Esta revolta inspirou outros movimentos como a Revolta Tenentista e a Coluna Prestes.

²³ PAIVA BELLO, 2001.

Bahia, em 1925, a de Francisco Campos e Mario Casassanta, em Minas, em 1927, a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro), em 1928 e a de Carneiro Leão, em Pernambuco, em 1928.²⁴ Não nos interessa desenvolver aqui cada um desses movimentos. O que fica para registro, numa rápida conclusão, é que eclodia no país uma nova mentalidade e esta passava pela educação. Com certeza não é por acaso que em tantos lugares se erguiam bandeiras em prol da educação.

Nos anos que se sucederam, entre 1930 e 1936 ocorreu uma série de fatos que mexeram nas bases da educação no Brasil. A Revolução de 30 foi um acontecimento que marcou a entrada do Brasil no capitalismo, o que exigiu, a partir de então, mão de obra qualificada. Esta mão de obra não existia no país. Seria necessário investir na educação. Ainda em 1930, diante do rol dos acontecimentos, foi criado o Ministério da Educação. O governo provisório sancionou decretos criando o ensino secundário e as universidades. No ano de 1932, um grupo de educadores lança o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova²⁵, coordenado por Fernando de Azevedo e assinado pelos mais conceituados educadores no país da época. Dois anos mais tarde, a nova Constituição discorre, pela primeira vez, sobre a educação como direito de todos. Delega à família e aos poderes públicos esta função. Como já dissemos anteriormente, neste mesmo ano foi criada a Universidade de São Paulo.²⁶

Não temos significativas iniciativas na área da formação dos educadores até o momento. A maioria dos professores possuía alguma vinculação com a Igreja Católica. A formação condizia mais com uma adequação às normas morais e religiosas do que com uma preparação pedagógica.

Para ilustrarmos esta interdependência entre professor, escola e igreja, trazemos à análise uma oração da década de quarenta. Nela fica evidente a relação dos educadores com a instituição igreja e conseqüentemente do trato com os alunos, desta época:

²⁴ PAIVA BELLO, 2001.

²⁵ Foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas. Consolidava as ideias de um segmento da elite intelectual que, mesmo com ideologias divergentes, propõe uma intervenção na organização da sociedade brasileira no quesito educação.

²⁶ PAIVA BELLO, 2001.

SENHOR,

Tu que ensinaste, perdoa que eu ensino: que use o nome de mestra, que carregaste sobre a Terra.

Dá-me o amor único da minha escola. Que nem a destruição da beleza seja capaz de roubar-lhe a minha ternura de todas as horas.

Mestre, faze duradouro o fervor e passageiro o desengano. Arranca de Mim este impuro desejo de justiça que ainda me turva a mesquinha insinuação do protesto que sobre mim, quando me ferem. Não me doa incompreensão nem me entristeça o esquecimento das alunas que ensinei.

Dá que seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender como elas o que não é carne de minha carne.

Dá que eu consiga fazer de uma de minhas pequeninas meu verso perfeito e deixe gravado minha mais penetrante melodia, para quando meus lábios não cantem mais

Mostra-me a possibilidade do teu Evangelho no meu tempo, para que não renuncie à batalha de cada dia e de cada hora por ele.

Põe em minha escola democracia, o resplendor que aureolava a tua ronda de meninos descalços.

Faze-me forte mesmo em meu desamparo de mulher pobre. Faze-me indiferente a toda aquela que não seja puro a toda pressão que não seja a de tua vontade ardente sobre a minha vida.

Amigo e companheiro, ampara-me!

Muitas vezes não terei sinão a ti ao meu lado. Quando a minha doutrina for mais pura a mais abracadora a minha verdade, eu me afastares do mundo, porém tu me apartarás contra o teu coração que foi cheio de Solidão e desamparo. Eu não procurarei sinão no teu olhar a doçura da aprovação.

Dá-me simplicidade e dá-me profundidade: livra-me de ser complicada ou banal em minha lição cotidiana.

Dá que eu levante os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada manhã em minha escola. Que não leve à minha mesa de trabalho minhas pequenas preocupações materiais, mesquinhas dores de cada instante.

Aligeira-me a mão no castigo e suaviza-a mais ainda na carícia. Repreenda com pesar, para saber que corrigi amando!

Faze-me de revista de espírito a minha escola de ladrilhas.

Envolve a labareda de meu entusiasmo seu átrio pobre, sua sala desnudada.

Meu coração lhe seja mais coluna e minha boa vontade mais ouro das escolas ricas.

E, por fim, recorda-me que ensinar e amar intensamente sobre a Terra é chegar ao último dia com o lanço de longino no costado ardente de amor.²⁷

A oração evidencia o caráter divino do magistério da época, ou seja, a ideia de que o conhecimento vem de Deus e de quem ensina assume a tarefa por Ele confiada. Além disso, esclarece sobre algumas características da identidade

²⁷MISTRAL, Gabriela. *Jornal O Povo*. 1937. Disponível em: <<http://atelierveducadores.blogspot.com/2011/01/oracao-da-mestra.html#ixzz2nsyrZdOn>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

desejável para o educador como a docilidade e a pureza no agir. Também dá indícios, ao comparar o exercício do magistério à maternidade, de ser uma profissão predominantemente feminina. A criança é entendida como um sujeito moldável. A educação é entendida como uma reprodução linear, numa transmissão fiel de conhecimento.

Nos anos que se seguem e até 1945, houve uma grande preocupação de preparar mão de obra para as novas atividades do mercado de trabalho. Prova disso é que, em 1942, entre um conjunto de reformas, cria-se o SENAI (Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial), que valoriza o ensino profissionalizante²⁸.

O período da Nova República (1946 a 1963) é marcado pela reformulação e pela adoção de uma nova Constituição. Esta estabelece a obrigatoriedade do ensino primário, sendo competência da União legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Também é retomado o preceito da educação como direito de todos²⁹.

Com base na Carta Magna, de 1946, é criada uma comissão no intuito de elaborar um anteprojeto para uma reforma geral da educação nacional. Em 1948 este anteprojeto foi encaminhado para a Câmara Federal e, após treze anos de discussões ideológicas, foi promulgada a Lei 4024, no qual predominaram as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares sobre os da educação pública³⁰.

Se por um lado as discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional foram um período de intensa reflexão, por outro lado, houve muitas iniciativas que marcaram esta época da História da Educação no Brasil³¹, como:

- Anísio Teixeira, em 1950, em Salvador – Bahia, inaugura o Centro Popular de Educação;
- Lauro de Oliveira Lima, em 1952, em Fortaleza – Ceará, inicia um trabalho didático com base nas teorias de Piaget: o Método Psicogenético;

²⁸ SILVA, Luciano P. Formação profissional no Brasil: o papel do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100022. Acesso em: 02 abr. 2015.

²⁹ RIBEIRO, 1993.

³⁰ RIBEIRO, 1993.

³¹ PAIVA BELLO, 2001.

- A partir de 1953 a educação passa a ser administrada por um Ministério próprio: o Ministério da Educação e Cultura;
- Paulo Freire, a partir de 1961, inicia uma campanha de alfabetização. Em 1962, o Ministério da Educação e Cultura cria o Plano Nacional de Educação e amplia a campanha de alfabetização criando o Programa Nacional de Alfabetização, inspirado no Método Paulo Freire.

Se neste período podemos identificar uma série de mudanças, o mesmo não podemos dizer do que se segue. O Regime Militar (1964 a 1985) foi um período obscuro da história e barrou toda e qualquer iniciativa participante da educação. Muitos professores que naquele momento estavam comprometidos com a educação foram presos, exilados e até mortos.³²

A partir de uma leitura de época podemos considerar que a experiência do professor desta época foi de alguém que estava sob constante vigilância, quando não de perseguição. A percepção particular de educação pouco importava. A subversão era duramente castigada, até mesmo com a própria vida. A crítica não era bem-vinda. Por outro lado, foi também um período de produção bibliográfica nos bastidores. Muitos intelectuais, às vezes nos exílios, não se calaram frente às ameaças e (re)elaboraram suas teorias, dentre eles, um dos maiores nomes da educação brasileira Paulo Freire.

No período pós-regime, as questões educacionais haviam avançado de um sentido puramente pedagógico e assumido um caráter político. Isso possibilitou também a participação de pensadores de outras áreas do conhecimento. A educação abriu-se de tal modo que especialistas de outras áreas pudessem refletir e discutir as concepções e os fazeres pedagógicos.³³ Ainda na atualidade colhemos os frutos daquela abertura, embora hoje, muitas vezes, seja compreendido como falta de clareza e convicção por parte de quem está à frente da educação.

Na mesma época da Constituinte (1988), foi encaminhado à Câmara Federal um projeto de lei para criação de uma nova LDB.³⁴ Até sua aprovação em 1996, foi

³² PAIVA BELLO, 2001.

³³ VIEIRA, 2008.

³⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

substituída por duas vezes. Com algumas alterações pontuais, esta é a legislação vigente no país até hoje³⁵.

De acordo com Vieira,

Assim como o modelo escolar moderno teve sua origem na Europa, também a formação dos professores aí encontrou seu respaldo teórico. Dos jesuítas ao positivismo, chegou-se ao pós 2ª Guerra Mundial, quando a influência do Banco Mundial e de outros organismos internacionais como a UNESCO já estavam embrionariamente constituídos. A gênese da formação docente está entrelaçada com vários outros componentes da cultura escolar, que nem sempre estão visíveis nos registros oficiais, mas se tornam perceptíveis pelo estudo do momento histórico em que ocorreram.³⁶

Portanto, em todas as épocas da história deste país, de algum modo, os professores marcaram presença. Talvez pudéssemos estar vivendo num país mais politizado se na história tivéssemos maiores investimentos na educação e, por conseguinte, houvesse maior valorização da classe dos professores. Ainda hoje este é um grupo em busca de reconhecimento frente à sociedade e ao poder público. Especialmente no campo da formação acadêmica profissional, houve avanços importantes, muito fruto das pautas reivindicatórias das organizações sindicais³⁷. Hoje existem incentivos governamentais para a formação de professores. Entretanto, a maior valorização salarial e condições de trabalho continuam nas pautas sindicais. Consideramos que, dada a sua importância, a educação deveria estampar as primeiras páginas das pautas de todos os governos.

1.2 Um raio-x da educação no Brasil de hoje

*“Nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino. E tudo isso começa com a pré-escola que, por sua vez, precisa da universidade.”*³⁸

Que a educação, especialmente a brasileira, precisa ser repensada - pois, de modo geral, não está fornecendo uma formação consistente - não é novidade. Numa rápida avaliação, poderíamos justificar, dizendo que os tempos são outros, que temos outros valores em voga e que, na verdade, são as escolas e os professores que não estão dando conta e não conseguem acompanhar o ritmo da juventude de

³⁵ PAIVA BELLO, 2001.

³⁶ VIEIRA, 2008, p. 3847.

³⁷ VIEIRA, 2008.

³⁸ FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não*: cartas a quem ousa ensinar. 23. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012. p. 171.

hoje. É verdade que estamos envoltos a novidades tecnológicas e que não é fácil acompanhar toda essa evolução. Especialmente se tivermos como propósito usá-las como ferramentas para efetiva aprendizagem. As mudanças são tamanhas que, enquanto se criam mecanismos para usar determinada ferramenta ou programa, pedagogicamente eles já estão ultrapassados. Não há tempo para avaliarmos efetivamente os resultados. Além do mais, não basta sabermos acessar as informações para que possamos dizer o quanto estamos (in)formados. Precisamos cuidar para não nos tornarmos analfabetos digitais. No entanto, a questão não para por aí. Este é somente um dos pontos a considerarmos para fazer uma leitura atual de educação no país a partir da ótica do professor.

1.2.1 O papel da família na educação dos filhos

Convivemos, diariamente, com notícias de agressões física e moral a professores. E quem são os agressores? Será que, daqui a pouco, a remuneração do professor precisará ser acrescida pelo benefício de periculosidade?

O que parece evidente que algo desse ciclo ensino/aprendizagem está falho. Aos pais cabe o dever de acompanhar a aprendizagem dos seus filhos, de se interessar pela aprendizagem, pelo histórico escolar deles. Que tenham a consciência do seu papel na educação dos filhos e do necessário acompanhamento dos seus filhos na escola.

A qualidade da escola brasileira começa dentro de casa. Quando os pais estimulam o aprendizado e participam da vida escolar, as crianças se alfabetizam com facilidade, obtêm notas melhores, permanecem por mais tempo no sistema de ensino e alcançam renda superior na idade adulta.³⁹

Não, não podemos atribuir a culpa do fracasso escolar à má educação das crianças. No entanto, o ensino poderia dar um salto qualitativo, se os professores não perdessem tanto tempo para disciplinar os alunos. Valores como respeito, honestidade e justiça são atemporais e apreendidos desde os primeiros anos de vida. Vivemos numa época em que as crianças, os adolescentes e os jovens têm tremenda dificuldade em observar limites e regras simples. Estamos diante de uma cultura do descartável. Os idosos são, em geral, considerados “velhos gagás”, no

³⁹ MARQUES, Tania. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vestibular/noticia/2013/06/cartilha-como-os-pais-podem-ajudar-na-educacao-dos-filhos-4172231.html>. Acesso em: 15 dez 2014.

lugar de sábios pelas experiências de vida. Culturalmente perdemos referenciais que, se não nos esforçarmos para resgatar, poderemos estar comprometendo toda uma geração.

Como educar em tempos tão incertos, com falta de convicções? Não temos tempo para ensaios, para experimentos. A educação precisa de algumas convicções, de alguns caminhos para uma finalidade, que ultrapassem os modismos.

Diante de tantas interrogações, nem tudo é questionável, nem tudo está passível de diálogo. Há uma diferença de mentalidade entre os pais e os filhos. Se tentarmos igualá-los, os filhos perderão a referência dos adultos, tão necessária para a formação da personalidade. Içami Tiba⁴⁰ tornou mundialmente conhecida uma frase, título de um livro *bestseller* da educação: “Quem ama, educa.” Podemos dizer mais: quem ama, dá limite, impõe regras, cobra responsabilidades, delega pequenas tarefas diárias, faz combinações, está atento ao dia a dia da criança ou do adolescente.

Os pais precisam educar os filhos para o mundo. Eles não são sua propriedade. Possuem responsabilidade para com eles e dela não podem fugir. Precisam dar-lhes o alicerce para que possam trilhar os próprios caminhos, arcando com as consequências de suas escolhas. Existe uma tênue correlação entre responsabilidade, liberdade e confiança que precisa ser estabelecida entre pais e filhos, em um longo processo de amadurecimento. Não há uma receita pronta a ser adotada para que esse processo seja eficaz. O que existem são algumas dicas e o propósito de acertar.

Portanto, o papel dos pais: amar incondicionalmente os filhos, a ponto de impor limites, exigir o cumprimento de regras, cobrar horários, estabelecer uma rotina de estudo, acompanhar e cobrar os resultados escolares, dosar os limites de liberdade/autonomia/responsabilidade com o rigor do cuidado e a orientação de uma voz adulta. Desse modo, certamente seriam reduzidas as manchetes nos noticiários sobre agressões a professores. A educação de um filho vai muito além da escolha ou do pagamento de uma boa escola. Exige cuidado, zelo. Quando este papel é

⁴⁰ Içami Tiba é um médico psiquiatra, colunista, escritor de livros sobre educação familiar e escolar e palestrante brasileiro.

negligenciado, o problema chega à escola e acaba por sobrecarregar os professores.

1.2.2 O papel social da escola em tempos incertos

Mas afinal, qual é o papel da escola nesses tempos conturbados? Etimologicamente, a palavra educar provém do latim *educare* que, além de instrução, também significa ação de criar, alimentar, alimentação, criação. Educador vem de *educator*: aquele que cria, pai, que faz as vezes do pai.⁴¹

Talvez um dos papéis da educação hoje e, portanto, tarefa do professor, é o de ensinar o aluno a aprender. A menos de um século, cabia ao professor trazer e apresentar as informações ao aluno, pois esse não tinha acesso às mesmas. Atualmente as informações estão aí, basta acessá-las. Diante disso, poderíamos atribuir dois papéis centrais ao professor no século XXI: ser mediador das relações humanas⁴² e do conhecimento e agir como um “filtro”. Na academia é pacífica a ideia do professor como um mediador do conhecimento. A este papel agregamos a ideia do professor como “filtro”. Adotamos o conceito de filtro da própria informática, que para as pesquisas específicas propõe filtros, pois esses buscam informações dentro da área de interesse. É claro que não estamos comparando o aluno a uma máquina, no qual vamos programar as escolhas ou estabelecer programas para executar determinadas tarefas. Estamos vivendo, queiramos ou não, no mundo das informações, entretanto, informação aqui não é sinônimo de conhecimento. O professor ajuda o aluno a filtrar as informações relevantes a serem pesquisadas e aprendidas. Portanto, o professor como um filtro justifica-se pela sua bagagem cultural e acadêmica. Isso, ao nosso entendimento, é pré-requisito à profissão de professor.

Oliveira, de modo similar, sintetiza o papel do professor contemporâneo em três aspectos:

Primeiro, que sirva como agente capaz de socializar as informações contextualizando para o educando. Segundo, que trabalhe com as

⁴¹ CODO & GAZZOTTI in CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999. p. 49.

⁴² OLIVEIRA, Ivone Boechat. *Por uma escola humana*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Freitas Bastos, 1998.

especialidades dos conteúdos e, em terceiro lugar, que desenvolva o máximo as potencialidades contidas em todas as pessoas e de forma singular em cada um.⁴³

Soratto⁴⁴, para falar dos trabalhadores da educação, inicia analisando a escola como uma organização de trabalho prestadora de serviços. Como em qualquer empresa, o trabalhador está constantemente expondo seu trabalho a críticas diretas dos clientes. Nessa linha de raciocínio, coloca-se a questão da qualidade dos serviços prestados, que de algum modo são o produto dessa empresa. Aí chegamos a uma encruzilhada em que a pergunta central gira em torno de que tipo de profissionais pretendemos formar.

A negligência na formação das crianças, adolescentes e jovens nessa empresa, prestadora de serviços, pode comprometer significativamente as gerações vindouras. Em geral os educadores têm ciência de seu papel político e social que, como dissemos, não está só relacionado à geração atual, mas ao seu futuro.

Porém, como educar em tempos tão incertos? O que hoje é uma verdade científica incontestável amanhã pode ser obsoleto. Realmente a missão educativa não é algo fácil. Para trabalharmos um pouco mais essa questão, vamos voltar a uma ideia anteriormente já abordada de que devemos ensinar a aprender. O que pretendemos grifar é de que o trabalho de um professor não pode ser a de alguém que faz das aulas memória dos conhecimentos acumulados, sendo o papel dos alunos a decora dos fragmentos mais significativos. Tampouco, sua tarefa é reinventar todo o conhecimento. Parece-nos necessário haver um equilíbrio entre o conhecimento acumulado e o conhecimento a ser construído pelos educandos. Precisamos das bases para elaboração de nossas conclusões. Os extremos são perigosos.

Estamos diante de uma cultura que menospreza seu passado. O conhecimento acumulado pelas gerações é mera informação. A educação passou por um processo que Arroyo⁴⁵ chamou de despersonalização. No lugar de ser uma relação de pessoas, as instituições acabam por ser a centralidade do processo

⁴³ OLIVEIRA, 1998.

⁴⁴ SORATTO & OLIVIER-HECKLER in CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999. p. 91.

⁴⁵ ARROYO, 2000, p. 10.

educativo. Ainda, segundo nosso autor, precisamos recuperar os sujeitos da ação educativa.

Recuperaremos o direito à Educação Básica universal para além de “toda criança na escola”, se recuperarmos a centralidade das relações entre educadores e educandos, entre infância e pedagogos. Colocando os conteúdos e os métodos, a gestão e a escola como mediadores desta relação pessoal e social.⁴⁶

Em face disso, refletir sobre a trajetória da escola é um requisito básico para que se possa chegar à implantação de reformas educacionais.

1.3 O mal-estar docente

Às vezes, diante da figura do professor(a) sinto-me como se estivesse diante de um velho e apagado retrato de família. Com o tempo perderam-se cores e apagaram-se detalhes e traços. A imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse. Mais um retrato a guardar na gaveta de nossos sonhos perdidos, para revê-lo em tempos de saudade.⁴⁷

No livro *Professora Sim, tia não: cartas para quem ousa ensinar*, Paulo Freire⁴⁸ usa a metáfora da *tia* para questionar o papel do professor. Numa releitura, em qualquer nível de ensino, podemos compreender a necessidade da valorização do professor como professor. Poderíamos acrescentar: professor sim, pai, mãe, psicólogo, confidente, não! Sim, existem coisas que são inerentes à profissão, como o diálogo e o vínculo afetivo do professor/aluno. Embora, na falta de outra pessoa adulta responsável, muitas vezes assumo indiretamente este papel, mesmo não sendo a sua função. Todavia, o professor não pode ser responsabilizado por mais esta tarefa.

Recusar a identificação da figura da *professora* com a *tia* não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da *tia*, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à *tia*. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à *professora*: sua responsabilidade profissional de que a exigência política por sua formação permanente faz parte.⁴⁹

A falta de investimentos, as mudanças socioeconômicas, os conflitos de gerações ou falha na formação dos postulantes à profissão professor, são algumas das hipóteses que encontramos nas bibliografias que abordam o cenário atual da

⁴⁶ ARROYO, 2000, p. 10.

⁴⁷ ARROYO, 2000, p. 13.

⁴⁸ FREIRE, 2012.

⁴⁹ FREIRE, 2012, p. 30.

educação no Brasil. Não pretendemos aqui fazer uma “caça às bruxas”, procurando possíveis culpados para o mal-estar docente. Vamos associar algumas evidências acerca da identidade do professor.

Vivemos em uma sociedade doente. O sistema educacional está doente. Os educadores estão adoecendo.⁵⁰ O mal-estar docente é, certamente, consequência de uma série de fatores associados ao desequilíbrio e à insegurança acerca dos processos estabelecidos e da ineficácia que apresentam. Quando um professor lida, dia após dia, com sensações de fracasso e de impotência diante da realidade educacional que o cerca, a tendência é o cansaço, quando não o abandono. A desvalorização da categoria dos educadores é tamanha que, de um líder incontestável, nas décadas passadas, esse profissional passou a ser renegado pela sociedade; sobre ele todo mundo tem um palpite a dar. Os alunos questionam sua prática educativa, assim como os pais e, não raro, a direção e o próprio sistema de ensino ao qual pertence.

Segundo Freire⁵¹, é urgente que o magistério brasileiro seja tratado com dignidade para que a sociedade possa não só esperar, mas dele exigir que atue com eficiência e competência.

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem este saber, sem esta convicção, entramos na luta por nosso salário, contra o desrespeito com que nos tratam, quase vencidos. Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é a mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. Algo mais: indispensável à vida social.⁵²

Mas como a categoria pensa a si mesma? No espelho dos outros ou no próprio espelho? A valorização social passa pela valorização que a classe tem de si mesma. O professor precisa desta convicção de que o seu trabalho é fundamental na sociedade. Sem essa clareza de princípios fica difícil convencer a sociedade e as entidades governamentais da necessidade de valorização. A educação escolar é uma atividade intencional, e como tal, necessita ser desenvolvida num contexto organizado e institucional que pressupõe a interação sadia entre formador e formando. Vai além da romanceada ideia de vocação para assumir a função como profissional da educação.

⁵⁰ CODO, 1999.

⁵¹ FREIRE, 2012, p. 171.

⁵² FREIRE, 2012, p. 164.

A valorização social da função de professor está fundada no reconhecimento de sua importância para a formação de indivíduos participantes da construção da sociedade e dos seus bens e valores. A respeitabilidade ao professor exige desta qualificação e responsabilidade no exercício da sua profissão. Não é mais suficiente o discurso romântico da vocação ou as considerações abstratas dos valores do passado, dos tempos em que a professora e o professor eram simples instrumentos dóceis do poder dos poderosos.⁵³

A educação requer respostas e essas passam pelas mãos dos seus professores. Uma transformação cultural acontece na medida do reconhecimento e do investimento na educação das pessoas.

[...] precisamos repor os mestres no lugar de destaque que lhes cabe. Fui percebendo que eles são mantidos em segundo plano. As escolas são mais destacadas nas políticas, na teoria e até nos cursos de formação do que os seus profissionais. Eles aparecem como um apêndice, um recurso preparado ou despreparado, valorizado ou desvalorizado. Depois que se decide a construção da escola, os currículos e seus parâmetros, as políticas de qualidade ou de democratização da educação... pensam nos recursos que darão conta da tarefa.⁵⁴

As características do ofício de um professor são, segundo Vasques-Menezes⁵⁵, as de uma profissão de grandes sacrifícios e poucos reconhecimentos, de trabalho pesado, que se estende na sua maioria das vezes além das horas dedicadas à escola e de poucas recompensas atribuídas.

O trabalho do professor é carregado de contradições. Enquanto, por um lado, lhe é atribuído o nobre trabalho de educar crianças e jovens, por outro, carece de condições adequadas para realizá-lo. Este antagonismo, entre a exigência e a responsabilidade e o descaso para com a sua função, gera descontentamento e desmotivação. Alguns desistem, no sentido literal da palavra. Outros permanecem lutando pelo ideal de um ensino de qualidade.

Os consecutivos insucessos em suas tentativas de atingir às expectativas quanto ao produto do trabalho levam o indivíduo a ser mais desconfiado, a agir com mais cautela. Como não se encontra em condições de suportar a ansiedade, precisam da satisfação imediata de suas necessidades para proporcionar a segurança e o alívio de tensão resultante [...]. O mundo é algo que ameaça a sua pretensa paz interior. Qualquer coisa que se interponha ao seu desejo ou conteste a sua atuação será violentamente repellido. Como consequência, suas relações passam a se apenas superficiais.⁵⁶

⁵³ ILDEFONSO DA SILVA in FREIRE, 2012, p. 23.

⁵⁴ ARROYO, 2000, p. 9.

⁵⁵ VASQUES & MENEZES, in CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999. p. 369.

⁵⁶ CODO, W.; MENEZES, I. *Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação*. São Paulo: Kingraf, 2000. p. 10.

Deste modo, o trabalhador pode assumir uma postura de frieza frente a seus alunos ou pacientes, não estabelecendo relações interpessoais, como se estivesse em contato com objetos ou coisas, desprovido do calor humano. Além disso, o profissional pode ser acometido por grande irritabilidade, tornando qualquer processo de ensino-aprendizagem inviável. Incapaz de estabelecer o mínimo de empatia indispensável para o desenvolvimento do trabalho, estará passível de ansiedade, melancolia, baixa autoestima e sentimento de exaustão física e emocional.

Por outro lado, qual o reconhecimento do papel dos professores do ensino público? Atribui-se importância indiscutível à educação, 'a escola é uma extensão da família', os professores assumem não raras vezes o papel de conselheiros, amigos e confessores, mas nada disso se transforma em recompensas concretas: **prêmios por produtividade**, abonos salariais; estes são mecanismos ainda fora dos programas de remuneração do Serviço Público. Quando muito uma plaquinha dos colegas no dia em que se aposenta. Trabalho desgastante e muito exigente, com poucos recursos tanto materiais quanto financeiros, implicando na necessidade, em algumas localidades, de recorrer à comunidade em busca de suprimentos para o funcionamento das escolas. Professores e demais trabalhadores em educação têm que se desdobrar para dar ao aluno condições de aprendizagem e desenvolvimento.⁵⁷

Embora o texto acima citado tenha mais de uma década, pouco se avançou concretamente em termos infraestruturais, direitos e qualidade da educação. Há de se avançar no reconhecimento do trabalho educacional desenvolvido, na profissionalização, entretanto, discordamos veementemente do citado "prêmios por produtividade", justamente por não dispormos de critérios para medi-lo ou, quando os temos, são injustos. As realidades da educação são diversas, sendo que não podemos meramente premiar pela produtividade do professor.

Diferente de muitas profissões, o trabalho de educador reveste-se de peculiaridades que não são levadas em conta, não apenas pela necessidade do estudo continuado, mas também pelas exigências da própria realização das tarefas. O trabalho do professor continua além da sala de aula [...]. Se faz bem feito, nada mais que obrigação cumprida; se não, recebe críticas de todos os lados.⁵⁸

⁵⁷ SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 98.

⁵⁸ SORATTO & OLIVIER-HECKLER, 1999, p. 98.

1.3.1 E quando a agressão é física?

O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo vem desenvolvendo um estudo sistemático intitulado “Observatório da violência”⁵⁹, onde publicou, em agosto de 2013, uma reportagem especial: “Violência contra professores”. Limitamo-nos aqui a citar e comentar alguns dos subtítulos dos casos descritos:

- # Quando a tarefa de ensinar vira caso de polícia;
- # Agredida por pai de alunos em 2010, diretora sofre com convulsões;
- # Professora cai em depressão e precisa mudar de casa após agressão;
- # Agredida por mãe de aluno, professora tem medo de voltar a lecionar;
- # Me sinto jogado no lixo, diz professor que largou sala de aula após agressão;
- # Três anos após agressão, professora ainda teme represália de aluno;
- # Professores se revoltam contra falta de punição a agressores
- # Professora agredida supera trauma e vira exemplo na alfabetização de crianças;
- # Sou vítima do Estado, afirma professor agredido com vaso na cabeça;
- # Professor processa Estado por falta de condições de trabalho;
- # A crise de valores na escola.

Para complementar, segue a carta de uma professora⁶⁰ agredida:

Carta de desabafo de uma professora agredida

Quantas vezes nos indignamos quando sabemos de casos de agressões a colegas, profissionais como nós.

Mas não nos indignamos o suficiente por acharmos que ainda está muito distante...

De repente, chega a nós.

O corpo dói. Mas a dor vai passando com gelo, analgésico, remédios...

O coração, este fica tão apertado que parece que sobra espaço em torno dele de tão pequeno. Este espaço é preenchido com dor. Que não tem remédio.

A alma fica endurecida. Parece que sai do nosso corpo...

A pele dói. O sangue circula doendo. Os membros movem-se doendo.

⁵⁹CHAGAS, Angela; SOARES DE OLIVEIRA, Leila *et al.* *Violência contra professores*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/reportagem-especial-violencia-contra-professores/>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

⁶⁰ CHAGAS, 2013.

Perdemos o chão. Não temos onde nos agarrar.
 Só o carinho dos amigos (conhecidos ou não) é que nos conforta.
 Sofremos nós, nossos parentes, nossos amigos, nossos companheiros.
 Sofre uma sociedade inteira que vive temerosa porque não temos quem nos proteja.
 O agressor sai de cabeça erguida, olhando para trás e rindo.
 Não só do agredido, mas de cada um de nós.
 Ri daquele que foi empurrado, xingado, ameaçado, chutado, socado.
 Ri daquele que o tirou e tentou mostrá-lo o erro.
 Ri do erro...
 Ri de quem não deveria mais permitir o erro.
 Ri da sociedade que fica refém enquanto ele continuará empurrando, xingando, ameaçando, chutando, socando...
 Ri do sangue que escorreu, do rosto que machucou, da alma que feriu.
 Apenas sai, impune, e olha para trás, e ri.
 Para mais adiante deixar refém mais muitos.
 Quem somos nós, educadores?
 Pois eu sei quem somos nós:
 Somos aqueles de quem ri o que sai impune, olhando para trás e rindo.
 Será que serei só mais uma?
 Ou a última?

Leila Soares de Oliveira

1.3.2 A busca por respostas

Segundo Jesus⁶¹, muitos fatores da vida atual permitem compreender a emergência das situações de estresse. Dentre eles o ritmo acelerado de vida, a sociedade imediatista e consumista, a percepção de incontabilidade ou de incertezas face aos resultados pretendidos, dentre outros. No tocante à situação dos professores, o número excessivo de alunos nas turmas, a indisciplina na escola e a desmotivação generalizada. A esses poderíamos acrescentar os baixos salários e a carga horária a que os profissionais são submetidos.

Nos profissionais da educação, ocorre uma frustração muito grande, pois o imaginário do “ser um professor ideal”, com a utilização de métodos e atividades criativas e instigantes, cai por terra frente aos inúmeros problemas que este profissional enfrenta diariamente. Seus sonhos vão dando lugar à realidade nua e crua, onde estagna, sofre de apatia, stress e, por vezes, pensa em abandonar a profissão. Quando o professor novo chega numa instituição cristalizada pelo tempo, vai se contaminando por esta estrutura que não oferece as condições básicas de trabalho e pelos colegas, que na verdade já desistiram da educação, e assim tentam de todos os modos imprimir uma imagem que criaram da educação, mesmo que

⁶¹ JESUS, S. N. *Bem-estar dos professores*. Estratégias para realização e desenvolvimento profissional. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1998.

esta seja equivocada. É bem verdade que o nível de gravidade de cada um desses fatores varia de professor para professor, dependendo da percepção subjetiva dos fatos e da realidade, bem como da frequência com que eles ocorrem em sua vida profissional. Nesse sentido, é fundamental termos a consciência de que cada indivíduo possui um nível de tolerância à situação estressante diferente dos demais.

O educador muitas vezes fica atônito diante de suas responsabilidades. No entanto, a educação como um todo precisa se reciclar. Os tempos mudaram⁶². Hoje os alunos dispõem de recursos que dantes não existiam, tampouco para o professor. O próprio docente precisa estar em constante aprendizagem, pois convive numa encruzilhada, num bombardeio de informações e cobranças. Todos desejam as soluções e de preferência sem esforço. As tecnologias trazem as informações, bastando acessá-las. O educador já não é mais o detentor do saber. É muito mais um mediador, um facilitador. Isso para muitos é motivo de instabilidade e desequilíbrio.

Para entender a situação do professor e da escola na atualidade, devemos considerar diversos fatores ocorridos na sociedade. Segundo Jesus⁶³, precisamos considerar as alterações sociais ocorridas com a industrialização, que afetou os próprios objetivos da educação escolar, ou seja, a passagem de um ensino de elite para um ensino de massas. Também a tentativa de combater o analfabetismo e de democratizar o ensino elevou muito o número de alunos. A escola deixa de ser reclamada como direito e passa a ser um dever e em muitos casos uma imposição. Uma outra mudança, segundo o autor, ocorreu relativo aos valores sociais, ou seja, enquanto no passado predominavam os valores ditos intelectuais e humanistas, atualmente há uma supervalorização dos valores relacionados à economia. E, por fim, a rápida evolução científica e tecnológica gerou um maior ritmo de caducidade dos conhecimentos.

A responsabilidade da educação não é tarefa exclusiva do professor. Ele não tem alunos que são seus. A escola tem alunos, sendo o professor designado a dar uma atenção mais próxima a um determinado grupo de educandos ou numa determinada área do conhecimento. Porém, toda a escola é responsável e deve prover a aprendizagem daqueles.

⁶² JESUS, 1998.

⁶³ JESUS, 1998.

A gestão escolar deve pensar a escola e dar suporte para que os educadores possam desenvolver nos seus alunos o máximo do conhecimento. Cabe à gestão escolar o papel de pensar o conjunto da escola, porém, sem se distanciar do individual de cada educador. Os propósitos da educação passam pela harmonia existente entre os diversos profissionais da educação da escola. É necessário apoio mútuo.

Se o professor, como qualquer trabalhador, vende sua força de trabalho para suprir suas necessidades materiais e afetivas, qual tem sido o saldo dessa equação? Do ponto de vista material deve receber o suficiente que lhe garanta segurança, estabilidade e conforto, entre outras coisas. No que se refere às necessidades afetivas, precisa de satisfação, reconhecimento, respeito. Quando este cálculo gera uma resposta inadequada, o resultado tende a ser o desequilíbrio. A escola, com gestão participativa, deve buscar constantemente este equilíbrio. Sabemos que um profissional reconhecido e valorizado obtém resultados muito melhores daquele que vive “por amor à causa”. Aliás, esta ideia romantizada de amor à causa da educação a qualquer custo precisa ser superada. Os educadores precisam ser profissionais da educação. Para tal, necessitam valorizar-se e ser valorizados.

O processo de formação acadêmica para o exercício da docência está bastante simplificado. Após o curso específico de licenciatura, o concurso público, acontece a nomeação e o professor é investido da incumbência de um sala de aula, onde se depara com uma realidade para a qual muitas vezes efetivamente não está preparado. Durante três anos, é observado pela equipe diretiva que emite relatórios comprovando ou não sua eficiência. Em geral, não há acompanhamento e sim cobranças. Caso não consiga desenvolver minimamente seu trabalho, é substituído. Do contrário tem uma cadeira cativa na profissão até se aposentar. Esta realidade pode frustrar as expectativas dos recém-formados. Diante deste cenário, a partir da reflexão de Benevides-Pereira⁶⁴ podemos supor três posturas dos educadores: (1) Muitos que chegam com a utopia de transformar a sociedade por meio da educação abandonam a profissão. (2) Outros continuam no idealismo, mesmo que, às vezes, solitários. (3) Um terceiro grupo segue o senso comum, descompromissados com a

⁶⁴ BENEVIDES-PEREIRA, A. M. *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

realidade. Ainda, segundo o autor, esta discrepância entre o ideal sonhado e a realidade do dia-a-dia pode influenciar no desenvolvimento do Mal-Estar Docente.

Na educação formal, o aluno necessita, além de dominar os conteúdos específicos, ser educado para a vida. Os professores, não raro, intervêm no modo dos alunos se vestirem, tentam ensinar boas maneiras, introduzem discussões sobre a religião, arte, literatura, etc, além da especificidade do seu currículo.

Desempenhar o papel de professor, na sociedade atual, requer do profissional da educação muito mais do que o ensinar em sala de aula. A docência vem se configurando como uma atividade que demanda um esforço que está além das habilidades e técnicas que os professores geralmente têm. As peculiaridades de cada instituição escolar, os diferentes contextos sociais nos quais os alunos estão inseridos, as necessidades e desejos distintos do alunado, exigem que os professores estejam capacitados a ir além do caráter pedagógico do ensino, uma vez que a educação escolar passou a ser responsável pelo desenvolvimento psicossocial dos seus alunos.⁶⁵

De algum modo, todos são beneficiados numa gestão participativa. São os pais que se sentem valorizados e ouvidos, são os professores que discutem e escolhem os melhores caminhos para uma educação de qualidade. É a missão educativa que é partilhada entre todos, seja nas suas dificuldades, seja nas suas conquistas e vitórias. Um profissional que é ouvido e participa torna-se responsável pelas consequências de suas ações. Isso gera satisfação e afasta o mal-estar docente.

Jesus⁶⁶ enfatiza que muitos professores, para darem o melhor de si e alcançarem os seus objetivos, acabam utilizando seu tempo livre, como noite ou fim de semana, para desenvolverem atividades referentes ao seu trabalho, esquecendo-se de separar sua vida profissional da vida privada. E o bem-estar docente só se dará quando houver equilíbrio destas partes.

Primeiramente, a importância do trabalho docente deveria ser resgatada, pois do *status* e do *glamour* que a profissão outrora tinha, muito pouco ainda resta. Segundo Farber⁶⁷, a questão salarial, juntamente com a falta do senso de eficácia e a falta da segurança de que o que ele faz adianta para alguma coisa, é um dos

⁶⁵ DAMÁSIO, B. F. *et al. Estresse e Burnout em professores*. Disponível em: < http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identicidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_75_83.pdf >. Acesso em: 11 dez 2013.

⁶⁶ JESUS, S. N. de. *Professor sem stress: realização profissional e bem-estar docente*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

⁶⁷ FARBER, 1991, *apud* ODELIUS, C; RAMOS, F. in CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999. p. 342.

problemas que mais contribuem para o stress e o *burnout* de professores. Os baixos salários fazem com que alguns profissionais trabalhem 60 horas semanais para manterem as condições básicas de vida.

A escola é uma instituição de socialização, composta de seres humanos reais, sejam eles os professores ou alunos, que trazem para dentro dela suas histórias de vida. Em se tratando do aspecto profissional, Libâneo⁶⁸ descreve a concepção democrático-participativa em que, segundo ele, os profissionais que trabalham na escola precisam desenvolver e pôr em ação competências profissionais específicas para participar das práticas de gestão.

A visão que os professores possuem sobre si mesmos na sua relação de trabalho é de fundamental importância para que possamos compreender o atual panorama do ensino e elaborar estratégias de enfrentamento em suas lacunas. A escola é uma construção democrática que acontece a partir da necessidade em que está inserida e com profissionais reais, limitados, sobretudo, humanos.

Conforme Cortesão⁶⁹, nos tempos atuais, os professores também se sentem mal, se interrogam sobre qual é o seu papel nesta escola. Perderam aquilo que, em tempos, foi um público garantido, disponível para aprender o que lhe era exigido.

Libâneo entende que “[...] a educação é uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal”.⁷⁰

Diante da realidade a que estamos inseridos, para revalorizar a imagem social dos professores, é fundamental alterar as situações de mal-estar docente e o investimento na educação, mesmo que o resultado positivo apareça a longo prazo.

Segundo Giancaterino:

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem. Observa-se, entretanto, que

⁶⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004. p. 101.

⁶⁹ CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?* São Paulo; Cortez, 2002. p. 29-30.

⁷⁰ LIBÂNEO, 2004, p. 64.

podemos aprender imensamente na troca de experiências e no contato com as pessoas.⁷¹

Na atualidade, encontramos muitos professores calejados pelos anos de trabalho e pelas lutas por condições dignas de trabalho. As melhorias vêm a longo prazo. Faz-se necessário uma transformação da mentalidade da sociedade para com a educação. Os próprios professores precisam mudar a mentalidade que têm sobre si mesmos. Deste modo, e de forma participativa, conseguiremos escrever novas páginas na educação deste país.

Necessitamos desenvolver em nossos professores o orgulho de sê-lo. Hoje é mais urgente que nunca produzir novos desenhos na formação do professorado e dotar os professores de novos meios, adequados às novas circunstâncias, para não condená-los necessariamente a fazer um trabalho medíocre.⁷²

O que acaba se evidenciando atualmente é a falta de uma identidade do professor. Como dissemos anteriormente, perdemos nossos referenciais de comunidade que nos acolhia e tinha em nós uma grande liderança. A sociedade mudou, as famílias mudaram... e a escola mudou? Os professores mudaram? Enquanto todo o resto da sociedade se modificou, os professores continuam tão iguais aos educadores dos tempos de nossos pais.

Os desafios da educação são muitos, principalmente no que tange a sua qualidade. Falamos no decorrer da necessidade de se ter uma infraestrutura adequada para exercer dignamente a profissão. Há de se criar políticas públicas que favorecessem a educação como bem primordial para o desenvolvimento de um país começariam com a limitação do número de alunos por turma, a criação de salas de recursos em todas as escolas públicas, inserção de equipes de apoio nas escolas (enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, especialistas em educação especial), melhores condições arquitetônicas, material adequado para o trabalho com crianças especiais e melhoria dos salários.

Todavia, aqui nos reservamos a falar dos professores porque são eles os maiores agentes desta transformação. Por isso, precisam estar munidos de instrumentos para que possam operar estas mudanças. Se historicamente foi perdida parte da identidade, do prestígio e do *status* de ser professor, está na hora

⁷¹ GIANCATERINO, R. *Escola, Professor, Aluno*. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007. p. 74.

⁷² JESUS, S. N. de. Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos? *Cadernos do CRIAP*, n. 4. Porto: Edições ASA, 2001. p. 14.

de recuperá-lo. O maior desafio que identificamos está em reunir os docentes para que se pensem enquanto agentes sociais da transformação e pensem a escola num projeto unificado. Quando conseguirmos isso, os problemas que a escola possa vir a ter serão pequenos. A escola precisa pensar-se como entidade social e a partir do seu contexto concreto. Para isso o primeiro passo é identificar com clareza as suas fraquezas e as suas fortalezas, para só depois traçar planos de ação. Envolver os profissionais na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) ajuda a criar uma identificação com a escola, um sentimento de pertença, o que é altamente positivo. Deste modo, professores tornar-se-ão cúmplices dos resultados da escola.

Educação não é obra de um solista, ou se orchestra, ou não ocorre. Entre os professores há que haver coordenação, diga-se cooperação em torno de objetivos comuns, entre funcionários (todos) e professores, tanto quanto entre alunos e corpo de professores e funcionários, é preciso construir, de alguma forma, uma 'comunidade de destino'; por último, comunidade, direta e indiretamente envolvida na escola, precisa, de alguma forma, participar do processo. Se tudo isso é um valor moral, uma prerrogativa política e uma ideologia, no caso da educação é também uma exigência técnica, um pré-requisito sem o qual, simplesmente, os objetivos não são atingidos.⁷³

Na atualidade, há a necessidade de se proporcionar a interação entre os profissionais da educação, criando instâncias onde os educadores possam ouvir os anseios e reais necessidades uns dos outros e pensar a educação. É preciso que a escola seja uma coletividade com um propósito comum. Este objetivo precisa ser perseguido por todos os agentes imbricados.

Estes profissionais sentem-se desqualificados e este sentimento se justifica, não tanto em função da pouca preparação de fato para as funções que exercem, mesmo que isto esteja realmente ocorrendo, mas principalmente pela necessidade de participar de modo informal de um cotidiano que exige mais do que sua função específica, em uma instituição que não prepara para isso e nem reconhece este papel.⁷⁴

O Mal-Estar Docente ou a Síndrome de *Burnout* tem espaço efetivo de proliferação quando os profissionais da educação ficam ao acaso, ou seja, quando não são valorizados e reconhecidos, sem espaço de participação para construírem a escola. Portanto, num ambiente onde a força motora seja a valorização e o cultivo do Eu-Interior colocado na coletividade, o mal-estar docente certamente se manifesta com menos frequência. É de vital importância que o professor comece a se pensar como agente da educação.

⁷³ BATISTA, Anália S; CODO, Vanderlei, in CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002. p. 188-189.

⁷⁴ CODO, 1999, p. 166.

Portanto, como dissemos no início, considerar a história da educação no Brasil é de fundamental importância para a leitura do contexto educacional atual. Temos consciência que, desde a chegada dos europeus, o Brasil foi marcado por uma intensa exploração das riquezas naturais existentes. Que a colônia serviu aos interesses de Portugal. Que grande parte dos que aqui chegaram vieram no objetivo único da exploração. Que somente após muito tempo começou a se constituir o que podemos chamar de uma identidade brasileira. Da mesma forma, a educação engatinhou durante muitos anos até encontrar um rumo, organizar-se e assumir seu papel formador na sociedade. Primeiramente, repetiu os padrões europeus. Depois, após a expulsão dos jesuítas, ficou à mercê dos seus governantes. Durante todo este período vários educadores ergueram a voz em prol da educação, porém, poucos fizeram significativa diferença.

Na atualidade, ainda sofremos as influências dos padrões pedagógicos europeus, porém, já desenvolvemos modelos próprios e tivemos significativos avanços. Temos belos programas de erradicação do analfabetismo, que remontam a Paulo Freire. Estabelecemos metas para a qualificação da educação. Temos sistemas de avaliação unificados e que medem a eficácia das diversas instituições públicas e privadas de educação e programas que facilitam o acesso à universidade, como por exemplo: a Provinha Brasil (avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras), o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o SISU (Sistema de Seleção Unificada) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil).⁷⁵ Multiplicamos os orçamentos na educação. Houve investimos na qualificação dos professores. Tudo indica que estamos caminhando para um futuro promissor. Entretanto, há muita coisa para ser revista, modificada, suprimida e implantada. Os tempos são outros. Antes de qualquer coisa, precisamos entender que não podemos corrigir numa década equívocos de mais de quatro séculos. Além disso, existe, no país, uma discrepância grande entre as escolas de distintas regiões, ou seja, enquanto encontramos educandários em plenas condições para atender sua demanda instrucional, há outros verdadeiramente sucateados, que não dispõem de condições mínimas. O excesso de alunos por sala, a falta de material, a falta de professores, a

⁷⁵ MEC. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/> . Acesso em: 02 abr. 2015.

falta de recursos tecnológicos e de um ambiente limpo e arejado para o desenvolvimento das aulas, têm implicação direta no sucesso do processo educacional. No entanto, certamente, nenhum tem mais peso do que a motivação e comprometimento dos professores que atuam em sala de aula. O investimento dos governos nos recursos humanos da educação tem sido insuficiente para garantir tranquilidade. Muitos professores se submetem a jornada de trabalho de sessenta horas semanas para a ampliação da renda. Enquanto os educadores têm um dos mais significativos papéis sociais, o seu salário não condiz com esta atribuição, e figura entre as piores remunerações das classes dos trabalhadores em geral. Se não bastassem os baixos salários, carecem de reconhecimento. Paira, sobre a educação, o que muitos especialistas chamam de mal-estar docente, certamente em decorrência de toda essa situação a que está acometida a educação brasileira na atualidade.

Não há uma receita instantânea e miraculosa para os problemas da educação no Brasil. Um investimento maior nos recursos humanos, associado a uma infraestrutura adequada, poderia formar melhor a vindoura geração. Mas esse é um caminho longo, que de alguma forma já foi iniciado, mas, que necessita de avaliação e acompanhamento constante. Acreditamos que um professor, satisfeito profissionalmente, sendo devidamente recompensado pelo seu trabalho e que tenha tempo para a sua família e para o cultivo de sua interioridade e espiritualidade, seja capaz de desenvolver um trabalho muito melhor.

II - ESPIRITUALIDADE: APORTES PARA O TRABALHO DOCENTE

A tarefa de escrever sobre a espiritualidade não é exatamente fácil. As concepções de espiritualidade são difusas e facilmente confundidas, dentre outras, com as terminologias de religiosidade, de fé, de crença, de religião, de transcendência, etc. Não pretendemos fazer longas abordagens com a finalidade destas diferenciações, apenas afirmar os conceitos de espiritualidade, relacionando-os especialmente ao campo educacional.

O que vale salientar, como ponto de partida, é que a dimensão espiritual faz parte da constituição do próprio ser humano. Nas diferentes épocas e culturas, é possível encontrar reflexos da espiritualidade. É verdade que se apresentam com roupagens diversas e, com isso, nem sempre se teve uma ampla compreensão dos fenômenos em sua época e local. Porém, fazendo uma leitura póstuma, podemos afirmar que sim, de algum modo estava presente. E é na religião que assumem a sua manifestação predominante.

De modo geral, poderíamos dizer que, da mesma maneira que há uma busca pela satisfação das necessidades fisiológicas, tais como a fome, a sede, a proteção, etc, há uma busca, através dos fenômenos da fé, de suprir as necessidades espirituais e encontrar respostas sobre a origem da vida, seu sentido, suas finalidades e seu fim, além de nutrir a esperança e a confiança em algo. Segundo Barbosa, “[...] quando falamos de espiritualidade não estamos nos referindo apenas à obra do Espírito Santo, mas também aos movimentos do espírito humano na busca por identidade e significados”.⁷⁶

Num apanhado histórico amplo percebemos que as ideias iluministas, a partir do século XVIII, com a pretensiosa ideologia de tudo explicar, tiveram reflexos sobre as religiões históricas. Enganou-se quem profetizou que seria o fim das instituições históricas e que as únicas verdades seriam aquelas explicadas racionalmente. Aos poucos assistimos uma volta às bases, já não numa fé ou espiritualidade ingênua, mas melhor justificada, vivida numa busca por um sentido maior, um sentido de vida. É bem verdade que esta busca não se dá de uma vez por todos, mas se atualiza a

⁷⁶ BARBOSA, Ricardo. Espiritualidade e espiritualidades. In: ANDRADE, Sérgio Fernando Lomeu de. PROGRAMA DE APOIO À AÇÃO DIACONAL DAS IGREJAS. *Espiritualidade, cidadania e ética*. Recife: Visão Mundial [Diaconia], 2001. p. 9.

cada geração e por que não dizer, a cada sujeito que busca a plena realização e a felicidade.

Nesse exemplo macro, dos ideais iluministas, ou seja, naquele momento a razão podia tudo explicar, devendo as demais ciências se curvar aos seus pés, com o tempo vimos que houve um exagero. Também a racionalidade tem seus limites e nem tudo pode ser explicado. Existe uma subjetividade que não se enquadra nos moldes da razão. A experiência subjetiva dos fatos e a espiritualidade fogem do alcance da razão. Estão na dimensão do sentido.

O Brasil se apresenta com um cenário de grande diversidade religiosa, formada predominantemente pela religiosidade dos indígenas, dos colonizadores, dos escravos africanos e dos imigrantes que aqui se estabeleceram. Essa formação tem reflexos na atualidade, e nem sempre está isenta de conflitos. Prova disso é o polêmico caso da retirada dos símbolos religiosos (crucifixos) das repartições públicas. São resquícios de um país que se autodenominava católico. Não queremos entrar aqui no mérito da questão, apenas destacar que falar de religiosidade e espiritualidade carrega consigo toda uma história e que como tal não pode ser simplesmente ignorada ou deletada.

Numa contextualização recente, Dal-Farra & Geremia⁷⁷ destacaram três importantes mudanças no cenário mundial, que repercutiram sobre o ensino na área da saúde. O primeiro consiste na avalanche de avanços tecnológicos do século XX em relação à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento de doenças. A segunda mudança se refere à educação superior, no sentido das reflexões a respeito das aproximações metodológicas de ensino que atendam às necessidades de estudantes que vão atuar em um mundo de transformações complexas que atingem diretamente o mundo laboral. Por fim, a presença, cada vez mais frequente na última década, de publicações científicas e discussões a respeito da influência da espiritualidade sobre a saúde humana.

No cenário descrito, o que nos interessa é o acento dado às pesquisas e as discussões, na área da saúde, ligadas a espiritualidade. Evidentemente que essa

⁷⁷ DAL-FARRA, Rossano André; GEREMIA, César. *Educação em Saúde e Espiritualidade: Proposições Metodológicas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022010000400015. Acesso em: 20 dez. 2014.

abordagem não reflete uma unanimidade, porém, já basta que artigos com este teor estejam sendo produzidos, refletidos e publicados.

Conforme o teólogo Leonardo Boff⁷⁸ vivemos um novo tempo, com uma redefinição da concepção que o ser humano possui sobre si mesmo. Se por um momento a humanidade privilegiou valores ligados à racionalidade e à materialidade, hoje vivemos uma volta do homem sobre si mesmo, uma busca pela essência da vida.

O que importa, porém, é que mundialmente, estendendo-se a todos os países, há uma redefinição do ser humano como um ser que busca um sentido plenificador, que está à procura de valores que inspirem profundidade a vida.⁷⁹

Não obstante as promessas e os sonhos de felicidade e plena realização, amplamente difundidos pela cultura da pós-modernidade, com grandes ganhos materiais, e das vaidades decorrentes do destaque hierárquico que seduz a muitos, parece-nos que chegamos ao consenso de que algo ficou pelo caminho. O resgate do humano e, por conseguinte, do espiritual, tem caracterizado o fim do século XX e o início do século XXI, inclusive sendo amplamente adotado nas corporações.

Mas, afinal, o que é a espiritualidade? Quais são os conceitos adjacentes? Quais são os autores que dialogam estes conceitos? Nesta altura, é fundamental buscarmos conceitos sobre a espiritualidade para que na sequência possamos aproximá-los do campo educacional, especialmente na perspectiva do professor. Este é o ponto central desta pesquisa, ou seja, qual é a implicação da espiritualidade sobre a vida do professor, na ordem pessoal e profissional? Após a conceituação necessária sobre a espiritualidade, ampliamos a reflexão integrando o tema da “Inteligência Espiritual”, e na sequência, estendemos o estudo abordando algumas ideias relacionadas a presença da espiritualidade no mundo corporativo. Acreditamos que possamos identificar elementos correspondentes ao trabalho do professor na escola.

⁷⁸ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

⁷⁹ BOFF, 2001. p. 13.

2.1 Espiritualidade, o que é?

Para abordarmos o tema da espiritualidade no professor, precisamos, antes de qualquer coisa, dizer de que tipo de espiritualidade estamos falando. Como já dissemos, conceituar a espiritualidade não é uma tarefa simples, devido à abrangência do termo.

Um primeiro ponto essencial que precisamos considerar ao falarmos de espiritualidade, segundo Vasconcelos⁸⁰, que ela está intimamente ligada a vida, e, portanto, ao nosso trabalho. Em outras palavras, não podemos ora ser uma pessoa, ora outra. Vamos para o trabalho com nossas crenças e descrenças, com nossas certezas e incertezas, coragens e medos, etc. Não há como separá-las, pois fazem parte da nossa identidade, da nossa vida. Por outro lado, podemos administrar o espaço de vazão que a elas damos. Isso depende muito do local onde atuamos profissionalmente. Corroborando com esta ideia, temos Rodrigues da Silva, que afirma que:

[...] a espiritualidade se refere a uma questão de natureza pessoal para a compreensão de respostas a questões fundamentais da vida, sobre significado, o qual pode (ou não) levar ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos (Moreira-Almeida, Lotufo Neto, & Koenig, 2006). Para Hill e Pargament (2003), a espiritualidade está ligada a aspectos subjetivos da experiência de busca pelo sagrado, processo através do qual as pessoas procuram descobrir e, em alguns casos, transformar aquilo que há de sagrado em suas vidas.⁸¹

Ampliando um pouco a temática, podemos descrever a espiritualidade, especialmente a partir de Vasconcelos⁸², como o desejo de encontrar o máximo propósito na vida, e viver de acordo. Ele também já traz uma perspectiva em relação ao trabalho, considerando a espiritualidade indissociada ao trabalho.

[...] definimos espiritualidade como o processo de movimentação de poderosas forças universais que jazem no nosso íntimo em direção ao mundo exterior. No contexto do trabalho, implica em externar plenamente todo arsenal de virtudes e qualidades intelectuais que já possuímos com vistas à construção de experiências mais enriquecedoras e realizadoras para nós e para os que nos cercam ou depenem do nosso esforço.⁸³

Entretanto, a espiritualidade não está necessariamente ligada a uma religião. Esta é apenas uma das formas de viver a espiritualidade. Compreendemos a

⁸⁰ VASCONCELOS, Anselmo F. *Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: dimensões, reflexões e desafios*. São Paulo: Atlas, 2008. p. 10.

⁸¹ RODRIGUES DA SILVA, Rogério. Espiritualidade e Religião no Trabalho: Possíveis Implicações para o Contexto Organizacional. *PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 2008, 28 (4), p. 768-779.

⁸² VASCONCELOS, 2008, p. 10.

⁸³ VASCONCELOS, 2008, p. 17.

espiritualidade transcendendo qualquer forma de institucionalizada pelas diversas crenças religiosas. Neste sentido, escrevem Salgueiro e Goldim:

Toda a pessoa é espiritual, enquanto dotada de espírito. A espiritualidade não implica necessariamente a fé em uma divindade específica. A palavra espírito não se refere especificamente à divindade, mas a capacidade de autoconsciência, de fazer uma reflexão sobre si mesmo. O ser humano é um ser intrinsecamente espiritual, pois demonstra esta capacidade de refletir e autotranscender-se.⁸⁴

O líder budista, Dalai-Lama⁸⁵, relata que não há uma razão efetiva que impeça o ser humano de desenvolver a sua espiritualidade, mesmo em alto nível, relacionada a virtudes tais como compaixão, paciência, tolerância, perdão, alegria, responsabilidade e harmonia - que promovem a felicidade tanto de quem as pratica como de quem as recebe -, independentemente de aceitar e seguir qualquer sistema religioso. Com isso não estamos relativizando a religião, apenas afirmamos que é possível o desenvolvimento espiritual pleno fora de uma instituição legalmente constituída. Talvez possamos dizer que a religião se constitua numa forma de viver a espiritualidade, enquanto esta seja a essência.

Ainda sobre a abrangência da espiritualidade, Kivitz a conceitua como uma dimensão do humano, ligada ou não a uma religião institucionalizada. Apresenta-a no conflito da finitude e da infinitude humanas, ou do ser e não-ser:

[...] pode-se resumir o conceito de espiritualidade: trata-se de uma dimensão do humano, ou uma experiência humana; pode ser religiosa ou não, isto é, pode se manifestar nos domínios da religiosidade institucionalizada, ou mesmo dentro do espírito da religião, como também no espaço secular, despido do espírito da religião, mas, inevitavelmente, diante dos conflitos, terror, fascínio e angústia do ser humano perante o infinito, a consciência e a experiência de sua própria finitude; expressa-se na busca de sentido último de sua existência; concretiza-se na resposta humana às ameaças do ser pelo não-ser; manifesta-se na relação religião-cultura, em que ambas estão interligadas como substância e forma.⁸⁶

A concepção da espiritualidade como dimensão humana e, portanto, podendo se manifestar dentro do espírito religioso bem como no mundo secular é fundamental para a abordagem da espiritualidade do professor e das respectivas implicações. A ideia basilar está na consciência de finitude e da abertura e busca da infinitude, da transcendência.

⁸⁴ SALGUEIRO & GOLDIM, 2007, p. 15, *apud* PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: Fonte de saúde na perspectiva de uma educação para a inteireza. In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 108.

⁸⁵ DALAI-LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

⁸⁶ KIVITZ, Ed René; SILVA, Geoval Jacinto da. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. *Espiritualidade no mundo corporativo: aproximações entre prática religiosa e vida profissional*. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2007. p. 48.

Murad⁸⁷ considera que há uma espiritualidade típica nas “religiões de raiz”, todavia, no mundo moderno, existe o desejo de reunir elementos da espiritualidade de diferentes religiões e criar uma “espiritualidade eclética”, desvinculada de suas origens. Aponta uma série de tópicos como traços comuns das espiritualidades, considerando a sabedoria das grandes religiões da humanidade e a sensibilidade do homem e da mulher, conforme segue resumidamente:

- assumir uma postura de vida de “ser do Bem”, em todos os seus relacionamentos.
- Buscar um sentido integrador para a existência pessoal, coletiva e cósmica.
- Aprender do caminho espiritual das várias religiões, valorizando seus símbolos e ritos.
- Superar os excessos das religiões históricas, tais como a repressão sexual, o conformismo diante do sofrimento, a culpabilidade trágica e infantil, a figura patriarcal e autoritária de Deus, a intolerância com as outras expressões religiosas.
- Promover a cultura da paz, desenvolvendo a tolerância e o respeito às diversidades, em todas as suas formas (étnica, cultural, de gênero, sexual, religiosa, etc).
- Cultivar o cuidado como o ecossistema, através de atitudes pessoais e ações coletivas que visam à sustentabilidade.
- Aderir a um estilo de vida saudável.
- Fazer um caminho de evolução espiritual, pela integração das pulsões, autoconhecimento, cultivo da sabedoria e iluminação.

Ao indicar estes pontos, Murad estabelece claramente os pontos de uma nova concepção para a vivência da espiritualidade. Embora isso seja um panorama geral, não significa uma nova ordem religiosa. É justamente o contrário. Não há uma organização central ou uma ordem estabelecida, engessada. Frente à realidade na

⁸⁷ MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 123-125.

qual cada qual está inserido, há de alguma forma um consenso de vida estabelecido socialmente e que segue algumas dessas características.

A secularização, ao tempo em que promove a emancipação do mundo e da sociedade em relação às instituições religiosas, abre as portas para a experiência e expressão de uma espiritualidade não-religiosa, que caracteriza o fenômeno religioso na pós-modernidade.⁸⁸

A partir desta ideia, pode-se dizer, de algum modo, que a volta à espiritualidade se constitui numa reação da pós-modernidade à modernidade. Assim, a espiritualidade vivida não está mais sob a tutela das religiões. Ainda que as religiões exerçam forte influência sobre a religiosidade das sociedades, a experiência de uma espiritualidade livre de seu domínio permite que a relação com o sagrado e o transcendente invada o ambiente secular.

Esta espiritualidade, fora dos muros dos templos, pode ser encontrada nas relações com as artes, com as diversas ciências, nas relações afetivas, no seio familiar e na filosofia, como reflexão a respeito da vida, seu sentido e os sentimentos que dali suscitam.⁸⁹

Na atualidade, muitas pessoas professam que têm fé, que vivem uma religiosidade, mas não possuem uma religião. Segundo Murad⁹⁰, o termo espiritualidade, na atualidade, traduz tanto o caminho existencial de evolução espiritual de uma pessoa quanto a dimensão mística da fé e da religião.

Ainda, conforme Murad⁹¹, a palavra “espiritualidade” tem a mesma raiz que “espírito”. Num primeiro sentido, pode ser compreendido a partir de Deus, o espírito é o próprio amor que circula na Comunidade Divina. Num segundo sentido, alude a uma dimensão humana.

Borges Teixeira⁹² define a espiritualidade como uma forma contínua de viver, alicerçada nas crenças da pessoa sobre a vida e na preocupação com o seu desenvolvimento interno, entretanto, sem que, necessariamente, esteja implicada em devoções a deuses ou a práticas dogmáticas de religião.

⁸⁸ KIVITZ, 2007, p. 70.

⁸⁹ KIVITZ, 2007, p. 71.

⁹⁰ MURAD, 2012, p. 126.

⁹¹ MURAD, 2012, p. 157.

⁹² BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 35-36.

Como podemos verificar os limites conceituais a respeito da questão da espiritualidade não são bem definidos, especialmente em relação à religiosidade, conforme podemos verificar nas seguintes afirmações: “Espiritualidade representa o meio pelo qual nós encontramos um sentido para tudo, além de esperança, conforto e paz interior em nossas vidas.”⁹³

Espiritualidade se refere a um amplo domínio da subjetividade humana, refletindo nos valores e ideais mais preciosos das pessoas, assim como o senso de quem são, as suas crenças, o significado e o propósito de suas vidas junto à conexão que elas estabelecem com os outros e com o mundo em que vivem.⁹⁴

Sobre a espiritualidade no sentido do devir humano, Murad afirma que “a existência do homem e da mulher neste mundo é uma peregrinação em direção a Deus, ‘luz de toda luz’, um caminho para a santidade, que ao mesmo tempo é dom de Deus e opção humana, graça e liberdade”.⁹⁵ Conclui afirmando que o crescimento humano resulta do exercício constante de autoconhecimento, ou seja, a pessoa descobre suas fraquezas e fortalezas a partir de atos e suas atitudes cotidianas. Diante disso, reconhece-se errante, pede perdão e segue em frente.⁹⁶

A evolução espiritual, por sua vez, segundo o autor, é o crescimento humano levado à sua máxima potência, colocado em relação a Deus.

Na sua peregrinação humana, a pessoa sente que o Senhor a conduz pela mão, iluminando-lhe a inteligência e a sensibilidade, fazendo-a capaz de amar mais e agir segundo o Bem. Por isso a necessidade da oração, da meditação, de momentos explícitos de deixar-se iluminar por Deus, como fez Jesus.⁹⁷

É interessante notar, nesta afirmação, que embora a espiritualidade seja abordada como peregrinação humana, está alicerçada numa força maior. O que é subjetivo é o modo do seguimento. Porém, a consequência é a vida no amor e para o bem.

Finalizamos com uma contribuição de Murad, ainda relacionada ao caminho espiritual, caminho este que é, por um lado, pessoal, mas que na sua vivência se torna, necessariamente, comunitário.

⁹³ SPIRITUALITY AND HEALTH. Disponível em: <http://www.aafp.org/afp/2001/0101/p89.html>. Acesso em 27 dez. 2014.

⁹⁴ DAL-FARRA, Rossano André; GEREMIA, César. *Educação em Saúde e Espiritualidade: Proposições Metodológicas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022010000400015. Acesso em: 20 dez. 2014. p. 588.

⁹⁵ MURAD, 2012, p. 185.

⁹⁶ MURAD, 2012, p. 186.

⁹⁷ MURAD, 2012, p. 187.

A espiritualidade é o processo da experiência de fé, pessoal e comunitária, que motiva as ações e alimenta as convicções mais profundas. Refere-se à busca e ao encontro com o sagrado, que confere sentido a existência. [...] há um caminho espiritual a ser trilhado por cada pessoa, que se identifica com sua própria existência.⁹⁸

Acentua-se nessa abordagem a necessidade de uma disposição interior que confere sentido à existência humana. Esse processo, embora alimentado na comunidade, é individual.

2.2 Inteligência espiritual

A inteligência humana, até o início do século XX tinha uma única e definitiva medida, denominada de “QI”. Só em meados da década de 90, a descoberta da inteligência emocional mostrou que não era suficiente a pessoa ser um gênio se não soubesse lidar com as emoções. Veicula-se a ideia da existência de uma Inteligência Emocional. Mais recentemente, com as novas descobertas, estudiosos como Dana Zohar e Torralba apontam para um terceiro quociente, o da Inteligência Espiritual, um tipo de inteligência que aumenta os horizontes das pessoas, torna-as mais criativas e se manifesta em sua necessidade de encontrar um significado para a vida.⁹⁹

A Inteligência Espiritual, fundamentada por Torralba, consiste na faculdade de nos perguntarmos pelo sentido da existência, tomar distância da realidade para elaborar projetos de vida, transcendendo a materialidade. Segundo ele,

El ser humano es un ser que trasciende lo material. Es una unidad de cuerpo y alma. En sentido estricto, no “tenemos” un cuerpo. Más bien vivimos en él, nos expresamos en él, lo gozamos y lo padecemos. Tampoco “tenemos” un espíritu, como si fuera un objeto o una propiedad anexa. Hay en el ser humano algo que escapa a la racionalidad y a la materialidad, un destello de eternidad, un enigma¹⁰⁰.

Na visão de Torralba, assim como o corpo, a espiritualidade requer um exercício para alcançar sua plena maturidade. Neste sentido, entende a vida espiritual, primeiramente como uma autoconsciência.

⁹⁸ MURAD, 2012, p. 155.

⁹⁹ <http://jornalggn.com.br/noticia/fisica-e-filosofa-dana-zohar-fala-sobre-a-inteligencia-espiritual>. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹⁰⁰ TORRALBA, Francesc. Espiritualidad Caminante. Disponível em: <http://www.espiritualidadprogresista.blogspot.com.br/2011/03/entrevista-francesc-torralba-sobrela.html>. Acesso em: 12 jul. 2014

Na perspectiva de Leão, inteligência espiritual é um componente novo, que emerge com o novo paradigma. “[...] equivale ao QS, que significa quociente espiritual, que está ligado à necessidade humana de ter propósito na vida. Ele seria o componente que usamos para desenvolver valores éticos e crenças que nortearão toda a nossa vida”.¹⁰¹

Ainda, conforme a conclusão de Leão,

[...] a espiritualidade é a manifestação de uma inteligência humana, [...] Essa espiritualidade que estamos falando é uma experiência que se afirma na orientação da vida, de sua defesa e de sua promoção. Esta espiritualidade está diretamente ligada à vida cotidiana do ser humano. O interesse espiritual leva uma pessoa a um encontro com uma verdade profunda. Isso seria vivenciar uma espiritualidade. Dessa forma, viver uma espiritualidade representa um verdadeiro projeto de vida. Toda espiritualidade tem a dimensão ética de defender e expandir a vida. Inteligência espiritual, portanto, é uma capacidade inata e interna do cérebro e da psique humana que extrai seus recursos mais profundos do âmago do universo. É um instrumento desenvolvido ao longo de milhões de anos que habilita o cérebro a descobrir e a usar sentido na solução de problemas.¹⁰²

Embora a existência de uma inteligência espiritual não seja unanimidade na academia, existem diversas pesquisas atentam para a conclusão de que todos os seres humanos são portadores dessa capacidade divina. A partir desta perspectiva, poderíamos concluir que a religião é um dos resultados ou uma consequência da inteligência espiritual.¹⁰³

Assim como temos dificuldade de realizarmos pesquisas científicas acerca da espiritualidade, ainda encontramos limitações para aprofundar pesquisas na área da Inteligência Espiritual. Os próprios autores reconhecem essa dificuldade. No entanto, independentemente de se conseguir comprovar ou não a sua existência, é inegável a presença da religiosidade e da espiritualidade, e de seu poder transformador, nas diversas culturas humanas.

2.3 Espiritualidade e o trabalho docente

Já não é novidade a afirmação de que a educação é o princípio pelo qual o ser humano se desenvolve, adquirindo autonomia em relação a si mesmo e ao mundo. A escola é seu espaço por excelência, sendo, por conseguinte, o professor

¹⁰¹ LEÃO, Deusilene Silva de. Espiritualidade, Inteligência essencial ao ser humano. 2009. (Dissertação de Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2009. p. 110-111.

¹⁰² LEÃO, 2009, p. 111.

¹⁰³ LEÃO, 2009, p. 113.

uma peça chave. Logo, o bem-estar docente é um dos elementos fundamentais para o sucesso deste processo. A espiritualidade, a partir de Boff, é entendida aqui como uma busca pessoal por significado e sentido da existência, vinculada ou não à religião formal, e está imbricada neste processo educacional. Nesses termos, consideramos fundamental o cuidado espiritual, pois a intensidade de sua vivência está proporcionalmente ligada à maximização das potencialidades das pessoas, pela valorização de suas capacidades.

É inegável que a espiritualidade tem uma ligação umbilical com o nosso trabalho. É por meio dele que externamos a educação ética, os valores morais e os princípios de cidadania que aprendemos ao longo da existência.

Pargament *apud* Koenig¹⁰⁴ entende a espiritualidade como uma busca pelo sagrado. Ela é, segundo ele, a função mais central da religião. Tem a ver com a maneira como as pessoas pensam, sentem, agem ou se inter-relacionam em seus esforços para encontrar, conservar e, se necessário, transformar o sagrado em suas vidas.

Para pensarmos a espiritualidade na perspectiva da educação, podemos perfeitamente trazer para o conversa a ideia de Boff, que entende a espiritualidade como uma dimensão da humanidade. Olhada sobre esse prisma, o educador é também seu portador. O próprio aluno traz para o espaço escolar sua espiritualidade, e é papel do professor conduzir e levar a bom termo isto. Neste sentido, todo meio onde atua é, de alguma forma, afetado pela profundidade da sua vivência, mesmo que não a externe em forma de uma prática confessional.

A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale sacrificar tempo, energia e, no limite, a própria vida [...] Quando nos abrimos para acolher essas mensagens, para orientar nossa vida num sentido que produza leveza, irradiação, humanidade, aí deixamos aflorar a nossa dimensão espiritual.¹⁰⁵

Segundo Morais, a busca pelo bem comum deve nortear as atividades educativas a ponto das particularidades serem relativizadas às suas exigências.

O 'ideal maior' que deve alimentar a busca de uma era nova é o de superação do individualismo egoísta, para que alcancemos a real

¹⁰⁴ PARGAMENT *apud* KOENIG. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012. p. 15.

¹⁰⁵ BOFF, 2001, p. 81.

solidariedade. Com absoluta certeza, um mundo sem solidariedade será sempre infeliz e carregado de sofrimentos. Logo, a educação que não é para a solidariedade é uma falsa educação que não é para a solidariedade é uma falsa educação, apta a criar sociedades cada vez mais falsas e corrompidas. A busca do crescimento íntimo e da renovação espiritual tem como razão menor o bem particular como razão maior, sempre, o bem comum [...].¹⁰⁶

Está aqui evidenciada uma perigosa relação daquele professor que impõe sobre os seus alunos a sua espiritualidade e seu modo de conceber o mundo. Mesmo que possua uma formação espiritual e acadêmica desenvolvidas, é importante que o aluno esteja envolvido no processo educacional, como sujeito da aprendizagem, e não mero receptor das verdades do seu professor. Deve prevalecer, segundo o autor, o “ideal maior”.

Nesse mesmo sentido, Araújo defende a ideia de uma espiritualidade engajada, contextualizada e transformadora. A espiritualidade deve gerar, necessariamente, uma nova forma de ver, ser e estar no mundo.

Precisamos também de uma educação da espiritualidade humana não alienada e nem alienadora. Não precisamos nos isolar deste mundo para nos espiritualizarmos. Ao contrário disso, existe uma imperiosidade de engajamento neste mundo para o desenvolvimento da espiritualidade. A rigor a verdadeira espiritualidade é militante [...].¹⁰⁷

Como cada indivíduo possui uma dimensão espiritual, faz-se necessário cuidar desta área. Cuidar do espírito é, por conseguinte, cuidar de si mesmo, corpo, mente e psique. Boff¹⁰⁸ entende que “muitas de nossas angústias e das nossas doenças são consequências da dimensão espiritual não desenvolvida, anêmica, distorcida ou totalmente recalçada”. Se tomarmos isto como princípio de vida, dedicar um tempo e um espaço para a nossa espiritualidade, poderemos nos tornar mais plenos e mais humanos.

No tocante à educação, proporcionar aos educadores e educandos espaços formativos nesta área certamente resultará num sentimento de pertencimento e bem-estar, significando grandes ganhos para todos. Precisamos usar a criatividade para levar a bom termo esta exigência, ou seja, criar espaços para que cada qual possa viver sua espiritualidade, num profundo gesto de respeito e de acolhida.

¹⁰⁶ MORAIS, Regis de. *Espiritualidade e Educação*. Campinas: Centro Espírita Allan Kardec, 2002. p. 36.

¹⁰⁷ ARAÚJO, A. R. S. *Complexidade, espiritualidade e Educação: Por uma Educabilidade do Espírito Humano*. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos, 2005.

¹⁰⁸ BOFF, 2001, p. 82.

Corroborando com essa ideia, Araújo¹⁰⁹ afirma que a espiritualidade corresponde à própria existência humana, adquirindo tanta importância quanto o próprio existir. A espiritualidade implica em viver segundo a dinâmica profunda de toda a vida e da vida toda.

Educar para a inteireza do ser humano requer a superação de um saber fragmentário. Esta educação deve ser para a pessoa integral, considerando as dimensões física, mental/racional, emocional e espiritual.

Na educação, o processo é tão importante quanto o resultado. Neste processo todos devem ser agentes. Portanto, não há uma espiritualidade preponderante, ou seja, que se sobrepõe à outra. Tampouco a espiritualidade do professor deva ser considerada maior ou melhor que a dos seus alunos. O que importa é que ambas sejam consideradas e que as relações se desenvolvam num profundo respeito à diversidade. Como já dissemos, o fato do professor viver intencionalmente uma espiritualidade repercute automaticamente nas relações que estabelece com seus alunos, através da capacidade da escuta, da reflexão, do diálogo, da acolhida, etc. Entretanto, em meio a isso tudo, pode proporcionar espaços específicos para que haja a vivência de momentos mais intensos ligados à espiritualidade. A escola como um todo deve ser organizada para a formação integral dos seus alunos.

2.4 Espiritualidade no mundo corporativo

Embora não possamos classificar a escola como uma corporação, - pelo menos no sentido literal da terminologia, que é aplicada ao mundo dos negócios -, especialmente pela sua finalidade, acreditamos que temos um diálogo de aproximação a fazer através da concepção e da necessidade da presença da espiritualidade em seus meios.

Relacionado ao mundo corporativo, aos poucos damos-nos conta de que não podemos entender determinada corporação como um conjunto de peças que trabalham independentes para gerar um resultado final coletivo. Há de se ter um

¹⁰⁹ ARAÚJO, 2005, p. 244.

espírito de equipe para obter sucesso. Pessoas compromissadas com algo que o único objetivo não seja o financeiro.

O vácuo instalado na sociedade moderna pela marginalização de valores essenciais, não apenas os religiosos, foi preenchido, entre outras coisas, pelo mito do progresso a qualquer custo. Este mito, finalmente acaba atingindo a maioria dessa sociedade. [...] Mas esse mito começa expor suas fraturas. Os desencantos, as frustrações e desilusões, há algum tempo, vêm sulcando profundamente a sociedade. Os excessivos apelos de fora começam a dar lugar para os de dentro, da alma humana. É preciso também deixar falar a subjetividade humana.¹¹⁰

Também nas instituições escolares precisamos pensar nessa perspectiva, ou seja, observar a subjetividade humana, considerar todos como sujeitos de sua história e, em especial, o professor. Neste sentido podemos nos perguntar: Quem são os sujeitos da educação? Qual é a realidade que encontram para se desenvolverem pessoal e, no caso dos professores, também profissionalmente? Qual a visão de gestão que fala mais alto?

Vasconcelos¹¹¹ entende que a espiritualidade no trabalho é o reconhecimento de que os empregados têm uma vida interior que nutre e é nutrida por uma atividade laboral impregnada de significado no contexto da comunidade.

Vasconcelos¹¹², a partir de uma revisão bibliográfica, elabora o conceito de bem-estar espiritual (especialmente no trabalho), como “o sentimento positivo decorrente do nosso empenho e esforço na atividade profissional de ajudar na construção de algo melhor para os outros”. Este sentimento é matriz motora que interfere diretamente na qualidade de vida dos envolvidos, podendo gerar ganhos em criatividade e na produção, seja do conhecimento ou da manufatura.

Isto não significa que a vivência de uma espiritualidade, no sentido mais amplo da palavra, sempre seja tranquilamente aceito dentro de um ambiente de trabalho, até porque implica numa determinada postura, numa opção pela ética profissional. Deste modo, sendo a espiritualidade concebida como um tipo de energia interior, resultam dela, necessariamente, ações coerentes e consistentes.

Espiritualidade assim torna-se uma dimensão que nos permite experimentar o mundo com total consciência, intensidade e liberdade. Desenvolver espiritualidade é desenvolver nossa sensibilidade, abrindo-a para os mais sutis e profundos aspectos da realidade. É nos colocarmos em contato com as extremidades, com os desafios que conduzem a criatividade (o que não é

¹¹⁰ ARAÚJO, 2005, p. 138.

¹¹¹ ASHMOS & DUCHON, 2000 apud VASCONCELOS, 2008, p. 15.

¹¹² VASCONCELOS, 2008, p. 18.

surpreendente que muitos artistas e cientistas tenham se interessado por espiritualidade.¹¹³

A experiência de fé, vivida e tematizada em perspectiva unificadora, leva a organização a valorizar seus colaboradores, a criar espaços para que eles cuidem de si, a assegurar um ritmo exigente, mas também humanizador.¹¹⁴

Na perspectiva de Murad, o grande critério para a espiritualidade está na ética, pois os valores aparecem nas práticas. Uma organização que incorpora a espiritualidade no seu dia a dia caracteriza-se, fundamentalmente, por uma série de posturas éticas, em ações que impactam nos clientes e fornecedores, nos colaboradores, na comunidade local e no planeta como um todo.¹¹⁵ Portanto, nunca uma ação nesta área ocorre alheia ao restante do grupo ou é completamente isolada.

Segundo Murad¹¹⁶, gestão e espiritualidade parecem fazer parte de âmbitos diferentes, sendo incompatíveis. Enquanto esta gira em torno de valores sólidos, da gratuidade, do reforço da identidade, da busca do que é perene e estável, num tempo kairológico, aquela se move pela ótica da eficiência, do resultado, do imediatismo, da inovação, etc. Como romper a distância entre elas e achar um meio termo, um equilíbrio? Como ajudar as pessoas a transitarem com tranquilidade entre as duas?

Segundo Barbosa¹¹⁷, a segunda metade do século XX foi marcada por várias rebeliões e protestos, como o movimento *hippie*, o movimento feminista, as lutas ligadas à ecologia, o surgimento dos livros de autoajuda e a descoberta da inteligência emocional, a renovação carismática, o movimento da música “gospel” e o surgimento das igrejas neopentecostais com as promessas de prosperidade. Todos estes são, de algum modo, movimentos de protesto do espírito humano frente ao totalitarismo racional. Precisamos estar atentos à história fazendo a leitura apropriada para gerar e gerir o nosso cotidiano.

Na atualidade vivemos uma intensa busca pelo sagrado e uma abertura espiritual. A ditadura racional parece dar espaço para o ingresso da sabedoria oriental. A população oriental foi considerada, por muitos, como uma cultura

¹¹³ LOZANO & RIBERA, 2004, p 178, apud VASCONCELOS, 2008, p. 23.

¹¹⁴ MURAD, 2012, p. 134-135.

¹¹⁵ MURAD, 2012, p. 140.

¹¹⁶ MURAD, 2012, p. 121.

¹¹⁷ BARBOSA, 2001, p. 10.

atrasada. Agora assistimos a uma visita ao oriente para (re)descobrir o segredo da paz interior, a felicidade na simplicidade e no silêncio. Busca-se serenidade na vida. Isso não significa um abandono das tradições ocidentais, mas uma tentativa de um (re)equilíbrio.

Vasconcelos¹¹⁸ descreve um “quadro das dimensões da espiritualidade no trabalho” muito interessante, apresentando um paralelo paradigmático. De um lado transcreve como o “velho paradigma” a fragmentação, a autoabsorção, a ênfase nos valores materiais e o propósito instrumental do trabalho. Paralelamente, como paradigma emergente, a totalidade; o foco relacional; a inclusão de valores espirituais e o propósito desenvolvimental do trabalho. O fato de termos os valores espirituais entre as perspectivas não surpreende. O que devemos pensar é como isso se concretiza. De que modos o mundo corporativo e as diferentes escolas devem se organizar para proporcionar espaços para a espiritualidade? Embora não tenhamos um parecer conclusivo, podemos elencar alguns caminhos. Um primeiro ponto fundamental é não negar que estes valores fazem parte do seu contexto. Tanto as escolas quanto as corporações são constituídas de pessoas para poderem funcionar. Estas pessoas são sujeitos pensantes, afetivos, sociais e espirituais e que carregam suas histórias de vida. Considerar estas histórias é vital para, a partir delas, significar a presença na escola ou empresa.

Segundo Nash & McLennan, *apud* Kivitz¹¹⁹, seis realidades influenciam a chegada da espiritualidade no mundo do trabalho: (1) a geração pós-guerra, que acredita que o trabalho deve resultar em algo mais do que o salário; (2) a economia global, que exige a integração entre múltiplas culturas e tradições religiosas; (3) o crescente estresse relacionado ao trabalho, sendo a espiritualidade uma fonte de alternativas às propostas do iluminismo científico; (4) novos conceitos científicos; (5) paradigmas pós-modernos da integração entre ciência e religião como fontes de verdades; e (6) o surgimento dos gurus de negócios, que propõem uma nova mentalidade corporativa.

Nesta mesma linha de elaboração, Kivitz¹²⁰ apresenta cinco razões para fomentar o fenômeno da espiritualidade no mundo corporativo: (1) por não se

¹¹⁸ VASCONCELOS, 2008, p. 7.

¹¹⁹ NASH & McLENNAN, 2003, *apud* KIVITZ, 2007, p. 56.

¹²⁰ KIVITZ, 2007, p. 49.

restringir a qualquer experiência específica; (2) por transitar facilmente no domínio considerado secularizado, ou seja, num ambiente despido da conotação religiosa e dogmática; (3) por inserir o trabalho no horizonte de possibilidade da experiência e manifestação do sagrado; (4) por oferecer fundamento para que se arbitre a respeito da existência, pertinência, qualidade, autenticidade e legitimidade do fenômeno considerado espiritual; (5) por prescindir do espaço religioso institucionalizado como *locus* da manifestação do sagrado.

Também nas escolas podemos conceber perfeitamente estas razões, mesmo quando se tratar de uma instituição pública e de caráter laico. Considerá-las em nada afeta a laicidade da instituição, pois, como afirma na primeira razão, não se restringe a qualquer experiência específica.

Numa síntese, Vasconcelos considera que “na atualidade predomina a indiscutível necessidade de liberarmos o que temos de melhor em nossas almas para o nosso bem e do planeta que nos acolhe, seja por meio dos estímulos da religião ou não”.¹²¹

O cultivo da espiritualidade favorece a liberdade interior. Não se trata subestimar os resultados, ou substituí-los pela cultura da “boa intenção”, pois isso é desastroso para a instituição. Mas sim, ao fazer tudo o que lhe está ao alcance da mão, o gestor percebe-se peregrino e mantém a serenidade de quem repousa em Deus.¹²²

Diante do que desenvolvemos até aqui e de modo geral podemos afirmar que, embora, na atualidade, possa parecer praticamente impossível pensar e separar a espiritualidade do trabalho humano, a reflexão e o seu entendimento são recentes e ainda geram estranheza. Admitir que isso possa ocorrer, de modo natural pela experiência de vida dos indivíduos que estão envolvidos, é relativamente bem aceito. O que gera maior espanto é pensar que uma corporação pense e proponha tal vivência de modo intencional, como estratégia organizacional e de trabalho. Numa instituição escolar sua aceitação em geral é mais fácil, uma vez que a educação, especialmente a brasileira, estava ligada à Igreja Católica.

No mundo corporativo, as constantes mudanças exigem a inovação. Sem isso as empresas não mais sobrevivem. Nesse sentido também o empregado passa a ser considerado como sujeito que busca soluções criativas para um melhor desempenho da fábrica o do produto. O bem-estar do sujeito torna-se fundamental.

¹²¹ VASCONCELOS, 2008, p. 27.

¹²² MURAD, 2012, p. 132.

O ser humano precisa estar inteiramente envolvido no seu trabalho. Portanto, sua dimensão espiritual precisa ser considerada.

Considerar a espiritualidade como uma dimensão humana, dentro de uma das possibilidades conceituais, abre precedentes para pensarmos sua presença dentro do espaço escolar e, como vimos, no mundo corporativo. Mais do que isso, exige sua presença, já que, em geral, o PPP (Projeto Político-Pedagógico) menciona a formação integral da pessoa.

Outro aspecto que nos parece fundamental retomar está ligado à vida do professor, ou seja: Como este cultiva sua espiritualidade, sendo ele o agente primeiro da educação escolar? Dizíamos antes, por meio de referenciais, que a espiritualidade do educador reflete diretamente sobre sua prática. Lembremos aqui que o professor se torna na vida de muitos alunos um referencial de adulto. E quando este professor não vive sob certos princípios éticos, próprios de quem cultiva uma espiritualidade positiva, como, por exemplo, a justiça, a responsabilidade, a paz, a fraternidade, o respeito? Abrindo mais a pergunta: basta ao professor uma formação acadêmica? Basta o ensino do conteúdo que lhe cabe na parcela da divisão curricular? O professor é responsável pela formação do indivíduo que está a sua frente ou cabe-lhe a instrução a partir do seu conteúdo? As respostas a estas perguntas precisam ser respondidas por todas as instâncias formadoras de professores, pela gestão escolar e por cada um dos professores. Com certeza, dependendo das respostas, teremos ao menos duas posturas claras no pensar a educação e na relação com os educandos. Talvez tenhamos mais a aprender do mundo corporativo do que imaginávamos, pois, se este considera a espiritualidade, por que a consideramos tão pouco no meio educacional?

III – A ESPIRITUALIDADE A PARTIR DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DE CONTEXTO

3.1 Da história do Município de Sapucaia do Sul

Antes de partirmos propriamente para a análise dos dados da pesquisa, cabe uma rápida parada para falarmos do município de Sapucaia do Sul, uma vez que a investigação foi desenvolvida nesta cidade.

A história do hoje município de Sapucaia do Sul começa a ser escrita em 1738, quando, de posse da terra, pela Carta de Sesmaria¹²³, chegaram à fazenda de Sapucaia portugueses e açorianos.

A partir dos anos de 1930, começou a onda dos sítios. Devido a sua localização, apenas a 25 km de Porto Alegre, muitas pessoas escolheram esta região para terem uma casa no campo. Assim, os grandes proprietários de terra acabavam dividindo suas fazendas em pequenos pedaços que eram comercializados como sítios, especialmente na capital. Nos finais de semana, muitas famílias se deslocavam, especialmente de Porto Alegre, para usufruir os “bons ares” de Sapucaia.

No final do século XIX e início do século XX, devido a sua localização e a sua ocupação, a região foi território de muitos matadouros que abasteciam com carne toda a região.

No ano de 1940, inicia-se a construção da BR2, hoje BR 116. Nesta data, em comum acordo, o município de São Leopoldo e o Estado estabeleceram isenção de tributos fiscais para todas as empresas que se instalassem na região. As indústrias trariam milhares de pessoas de todos os lugares em razão do número de empregos que geravam. Esse aumento populacional e de ocupação levou o então distrito de São Leopoldo a município, o que ocorreu em 14 de novembro de 1961. Entretanto, apenas para constar, a data celebrada no município é o dia 20 de agosto, uma vez que marca o dia da vitória do plebiscito que resultou na emancipação.¹²⁴

Para termos uma ideia do crescimento populacional vertiginoso, observemos que população de Sapucaia, em 1920, era de apenas 880 habitantes. Já no ano de

¹²³ Cartas de posse de terras ligadas a uma política fundiária para assegurar a colonização brasileira.

¹²⁴ [Http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/](http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/). Acesso em: 10 dez. 2014.

1960, havia na região 18000 habitantes.¹²⁵ Hoje o município possui, segundo o censo de 2010¹²⁶, 130957 habitantes.

Por pertencer à chamada Região Metropolitana de Porto Alegre, possuir ligação ferroviária e de passageiros, facilitando a locomoção dos trabalhadores, pelo baixo preço das terras, o que facilitou a instalação de famílias mais pobres, e em função da precária infraestrutura ligada à cultura e ao lazer, a cidade cresceu de modo desordenado e ficou conhecida com “cidade-dormitório”¹²⁷, quadro esse que vem se modificando aos poucos com os novos investimentos.

Em se tratando de educação, onde está o nosso foco de investigação, Sapucaia do Sul possui, conforme dados do Censo Educacional de 2012¹²⁸, 877 professores do Ensino Fundamental - sendo 570 ligados à esfera de administração municipal; 269 professores do Ensino Médio - com 34 da esfera de administração municipal, e 193 da Educação Infantil, - com 144 ligados à secretaria municipal de educação. São 47 escolas de Ensino Fundamental - 24 municipais; 10 escolas de Ensino Médio - 2 municipais; além de 57 escolas de Educação Infantil – sendo 24 de administração municipal. Foram 19386 matrículas no Ensino Fundamental - sendo 13818 nas escolas municipais; 4829 matrículas do Ensino Médio – com 554 ligados à secretaria municipal de educação, e 1950 matrículas na Educação Infantil – com 1539 ligados à esfera municipal.

Portanto, para atender a essa demanda educacional é necessário um bom planejamento estratégico e a longo prazo. Se por um lado estão os alunos, que merecem um ensino de qualidade, por outro, estão os profissionais da educação, que merecem reconhecimento e um bom ambiente de trabalho. Gestar esta demanda com excelência, eis o desafio!

¹²⁵ <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/>. Acesso em: 10 nov. 2.014.

¹²⁶ <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=432000&search=riograndedosul|sapucaia-do-sul>. Acesso em: 10 nov.2.014.

¹²⁷ GONÇALVES, Felipe de Sousa. A expansão urbana sobre o relevo do município de Sapucaia do Sul – RS. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2013. p. 87.

¹²⁸ <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=432000&idtema=117&search=riogrande-do-sul|sapucaia-do-sul|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>. Acesso em:10 nov. 2014.

3.2 Dos dados da pesquisa e análise

A abordagem sobre o mal-estar docente e, em contrapartida, sobre o bem-estar docente, é uma temática recorrente em diversos sindicatos dos profissionais da educação. A satisfação e realização profissional é importante em todas as áreas, entretanto, em se tratando da educação, merece uma atenção especial, pois os professores lidam diretamente com sujeitos que estão em plena formação de suas identidades e qualquer equívoco nesta área poderá deixar sequelas para toda a vida.

A abordagem que propomos, de olhar o trabalho do professor sob o viés da espiritualidade, parece-nos uma possibilidade de encontrar razões que mantêm a motivação e o foco na educação.

A pesquisa qualitativa, para o projeto de visa investigar a relação da espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente, realizada com doze professores da Rede Municipal de Educação do município de Sapucaia do Sul/RS e que agora passamos a analisar, foi composta por dez questões abertas (Anexo I), desenvolvidas na modalidade de entrevistas gravadas e transcritas. Para uma melhor análise dos dados, criamos quatro categorias, sendo que cada uma abarca duas ou três questões. Com a finalidade de salvaguardar a identidade dos entrevistados, os seus nomes foram substituídos por pseudônimos.

3.2.1 Da vinculação e da vivência de uma espiritualidade (questões 2 e 3)

Um primeiro dado que nos chamou a atenção foi que dos doze professores ouvidos na entrevista, dois afirmaram não terem nenhuma participação ou vinculação com qualquer tipo de instituição religiosa. Isto, obviamente, não significa que não tenham fé ou uma espiritualidade, apenas que esta não está vinculada a uma entidade estruturada. Os demais dez entrevistados dizem ter uma participação em alguma instituição religiosa, porém, desses, nove a descrevem sem regularidade, podendo ter espaçamento mensal ou ser esporádica.

Um dado que despertou a curiosidade foi o fato de que quatro entrevistados justificaram amplamente o fato de não estarem participando das celebrações comunitárias com maior regularidade, quando a pergunta não solicitava tal

explicação. Isso nos leva a alguns questionamentos que, com os dados que temos, talvez nem seja possível respondermos. Primeiramente poderíamos nos perguntar sobre o nível e a maturidade espiritual desses participantes. Uma generalização apressada nos leva a pensar tratar-se de uma fé infantil que necessita de justificações. Também estas justificações podem ter ligação à tradição de cada qual e a uma carga moral e de temência a Deus. Numa perspectiva mais otimista e positiva, podemos supor tratar-se de consciência da importância da vivência de uma espiritualidade.

É interessante ressaltar a partir das entrevistas feitas a consideração positiva dos efeitos resultantes da experiência da vivência de uma espiritualidade. O relato da Professora Cátia vai ao encontro do que estamos falando:

[...] gosto muito também de ir, quase que mensalmente, ali no Padre Reus, em São Leopoldo. Isto porque é uma prática da minha família, porque a gente se sente bem de ir lá e, às vezes, por ventura, assistimos a uma missa, mas gostamos do ambiente. Nos dá uma paz, uma energia boa, enfim, não sei denominar o que se sente lá, mas a gente gosta de permanecer lá.¹²⁹

Na fala descrita não há nenhuma inferência direta sobre a educação. A fala gira em torno de um bem-estar pessoal resultante da experiência religiosa. Podemos concluir, o que a esta altura já pode parecer óbvio, que não existimos na dualidade, ou seja, ora somos pessoas “do mundo”, ora somos educadores. As pessoas são profissionais na sua inteireza do ser, com seus sonhos, seus medos, suas coragens, sua espiritualidade, etc.

Nesta mesma perspectiva, na pergunta seguinte, o questionamento girava em torno da existência ou não de algum exercício prático ligado à espiritualidade, no desempenho profissional. É surpreendente perceber que, exceto um, todos afirmaram possuir e descreveram algum tipo de exercício de meditação, concentração, oração, etc, do qual fazem uso na sua profissão. Tudo bem que podemos nos perguntar sobre seus modos de expressão e se estão ou não relacionados a uma espiritualidade, mas o fato de afirmarem possuir algum tipo de exercício ligado à espiritualidade comprava que há uma crença em algo transcendente, independente dos nomes que lhe conferimos. Não pretendemos aqui desenvolver nenhuma teoria sobre a tipologia de crença descrita ou sua profundidade, apenas ressaltar que ela existe.

¹²⁹ Professora Cátia.

Nesse sentido, observemos o relato da Professora Teresa:

Eu comecei a fazer algumas coisas que eu notei que me relaxavam [...] eu crio mantras pra mim mesma. Eu comecei a sentir que eu saía da escola mais relaxada, porque eu carregava muitos problemas para casa. Eu às vezes saía angustiada, porque eu sou muito perfeccionista e achava que não conseguia cumprir aquilo que eu me tinha proposto. Qualquer frustração me magoava muito. Então eu crio mantras: 'Independentemente dos resultados, fiz o melhor que pude'.¹³⁰

O uso de mantras como prática religiosa e de concentração não é novidade. Entretanto, o tipo de mantra e o seu uso na espiritualidade do professor não é um fato corriqueiro e amplamente difundido, menos ainda o teor do mantra específico, “independentemente dos resultados, fiz o melhor que pude”. A mentalização e a internalização desta máxima pode surtir resultados benéficos e evitar o sentimento de frustração, contanto que seja algo autêntico. Nota-se que houve um aproveitamento ou uma adaptação criativa de um ritual antigo, o mantra, na prática docente. Será que mais alguém sabe da prática desse ritual feito por essa professora? Será que já houve algum espaço formativo para a partilha de tais práticas?

O Professor Antônio, assim como o Professor Marcos, alegam criar momentos de espiritualidade nas suas casas, onde fazem memória das atividades da escola. O Professor Marcos ressalta que

[...] na vida pessoal alguns momentos sim. Até de agradecimento. Eu não vou em religião porque eu não tenho religião, eu não sou nem batizado. Mas no meu momento pessoal sim, eu acredito em Deus e faço a reflexão direta, vamos dizer, é um canal direto, sem a interlocução da Igreja, não sei se você me entendeu.¹³¹

Diante dessas falas dos professores, surpreende, e aparece nesta última também, a diversidade de experiências e práticas de vida relacionadas à espiritualidade. Vários desses rituais não estão ligados a nenhuma tradição religiosa específica, mas são resultado de uma reelaboração de rituais diversos existentes. Para citar mais um exemplo, observemos a fala da Professora Teresa:

Vou confessar uma coisa: já acompanhou o processo dos alunos quando eles entram na minha sala? Eu falo boa tarde pra cada um, né. Boa tarde ou bom dia. E eu repouso minha mão no ombro de cada um. Eu faço uma pequena mentalização, uma prece, digamos assim. Eu faço uma pequena mentalização espiritual quando eu coloco a minha mão em cada um deles.¹³²

¹³⁰ Professora Teresa.

¹³¹ Professor Marcos.

¹³² Professora Teresa.

Esses rituais demonstram a dinamicidade da espiritualidade presente na vida pessoal dos professores e nas ações pedagógicas. A espiritualidade existe, porém, traduz-se nos mais diferentes modos. Engana-se quem pensa e pretende objetivar essas abordagens, pois são experiências do sentido, da subjetividade. Assim seu significado não pode ser abarcado totalmente numa explicação teórica.

3.2.2 Da vivência de uma espiritualidade e o exercício profissional (questões 4 e 8)

Embora nem todos efetivamente cultivem uma espiritualidade, tampouco tenham um único modo de vivê-la, a maioria dos professores entrevistados ressaltou sua importância e as consequências positivas quando da sua vivência. A Professora Teresa salienta que pela vivência de uma espiritualidade consegue formar um vínculo forte com seus alunos, além de se tornar uma pessoa melhor, superando suas expectativas pessoais a cada dia. Para o Professor Marcos, o exercício do silêncio, da meditação, da oração, etc, é positivo, “dinamiza teu otimismo”. No entendimento do Professor Carlos, “ninguém consegue viver sem ter uma espiritualidade. [...] tem que acreditar em alguma coisa, porque eu acho que isso faz parte do ser humano, está dentro de nós, a gente acreditar que tem um ser superior, um ser mais que nós”.¹³³

A Professora Maria relata, como consequência da vivência da espiritualidade, o equilíbrio, a paciência e a tolerância com os outros, “saber aceitar também a opinião dos outros, porque tem todo aquele lado do entendimento, de ficar tranquilo, de ficar paciente, de saber esperar, saber entender”.¹³⁴ Na visão do Professor João, a meditação e a oração o interrogam sobre a prática do docente, numa busca pelo equilíbrio entre o espírito e a prática.

No entendimento da Professora Lourdes, a meditação, a oração e a reflexão sobre a vida e a prática são muito importantes. Salienta que é cristã, crê em Deus e tem a confiança que, se está aqui hoje tendo conseguido enfrentar 29 anos de sala de aula, é porque Deus está em sua vida, senão não estaria mais nessa tarefa, que está cada vez mais difícil. O pensamento do Professor Antônio corrobora com esta

¹³³ Professor Carlos.

¹³⁴ Professora Maria.

ideia quando afirma que “de certa forma o trabalho com pessoas é um pouco conflitante. Se a gente tem uma convicção religiosa, uma vivência religiosa, isso favorece a gente a ter, de certa maneira, um autocontrole, uma autoconfiança”.¹³⁵ Já a Professora Lúcia depõe dizendo que, quando consegue se disciplinar mais nesses momentos, consegue ficar mais tranquila. Vê, portanto, que o exercício da espiritualidade influencia diretamente sobre o seu trabalho.

Perguntados se acreditam que a espiritualidade, no sentido amplo da palavra, influencia na vida pessoal e profissional dos professores, a Professora Cátia menciona na sua resposta uma preocupação quando essa beira o lado do fanatismo. Entende que o professor deva ter uma visão mais ampla e deve desnudar-se de preconceitos. Entende que o professor deva usar seu poder na sala de aula para ampliar horizontes e não para restringi-los a esta ou aquela fé.

A preocupação da professora Cátia é legítima, sobretudo quando os professores não percebem a intensidade do seu poder de persuasão sobre seus alunos. A opinião bem posta pode ser um alento para as crianças ou os adolescentes em formação, porém, uma visão unilateral e preconceituosa pode ter efeitos nocivos, pois, embora muitas vezes não demonstrem, os alunos têm no professor uma referência de um adulto e que, como tal, possui uma opinião formada sobre tudo. E em se tratando do fanatismo religioso, pode levar o estudante a desenvolver uma ideia errada, negativa ou restrita das religiões ou da espiritualidade.

Voltando especificamente à temática da espiritualidade dos professores, a Professora Teresa entende a espiritualidade como um caminho para o autoconhecimento. No seu entendimento, quando um profissional tem essa preocupação, a cada dia, de se autoconhecer, isso é libertador. “O autoconhecimento nos permite sermos melhores professores.”¹³⁶ Nesse sentido, o autoconhecimento é entendido como um processo de superação das limitações pessoais.

O Professor Carlos, embora acredite que a espiritualidade faça diferença na vida do professor, salienta que isso não ocorre por via de regra, pois, segundo ele, também nas igrejas existem pessoas que professam algo quando na realidade

¹³⁵ Professor Antônio.

¹³⁶ Professora Teresa.

praticam outras coisas. Portanto, acredita que o fato do educador cultivar uma espiritualidade pode ser benéfico no exercício da sua profissão, porém, mantém a ressalva de que isso não ocorre necessariamente e em todos os casos.

A Professora Lourdes entende que, “se todos os professores cultivassem uma espiritualidade, depositassem em Deus a sua confiança, eu creio que nós teríamos uma educação muito melhor do que nós temos atualmente”.¹³⁷

Nesse mesmo sentido está a fala da Professora Patrícia, que entende que existe uma diferença notória entre aqueles que vivem uma espiritualidade e aqueles que não a vivem.

No meu ver eu percebo que, eu que trabalho 7 anos com o mesmo grupo de colegas professores, eu percebo uma visão diferente. Professores que eu conheço que já têm uma espiritualidade, levam de um jeito diferente em certas circunstâncias e não se abatem tão rapidamente, numa situação frustrante. Acho que criam uma certa paciência maior, um modo de relevar as coisas, o ser humano [...] um modo de entender o ser humano diferente.¹³⁸

As duas falas, da Professora Lourdes e da Professora Patrícia, concluem, de modo similar, os efeitos benéficos da espiritualidade sobre a vida dos educadores e dos seus alunos. São percepções de educadores que relatam a vivência pessoal da espiritualidade, portanto, têm em si o exemplo do que estão afirmando.

No entendimento do Professor Marcos, a pessoa não precisa estar ligada a uma igreja para “estar espiritualizado”. Marcos destaca quatro dimensões do ser humano: espiritual, física, racional e emocional. “Se um dos quatro não está bem, 25% da pessoa não vai bem. Então, você tem que ter o espiritual também.”

Para o Professor João, mesmo que as opções religiosas sejam diferentes,

[...] temos que ter por base acreditar em algo, em alguém para manter a nossa vida sempre de pé [...] se tu não está bem consigo mesmo e não está bem, numa paz de espírito, isso reflete no mau andamento das aulas, tu traz muita negatividade pra ti mesmo, se espalha ao redor do seu trabalho.¹³⁹

O Professor Matheus entende que a espiritualidade influencia a vida do professor. Segundo ele, não tem como não dizer que uma religião vai interferir na tua vida, no teu modo de agir.

Para a Professora Helena, quanto mais humanista for o professor, melhor ele vai conseguir enxergar o aluno. Nesse sentido,

¹³⁷ Professora Lourdes.

¹³⁸ Professora Patrícia.

¹³⁹ Professor João.

[...] se o professor tiver aquela parte espiritual mais desenvolvida, ele vai conseguir lidar melhor com o aluno, porque às vezes o aluno não é errado, mas a atitude que ele teve foi errada. Então, se a gente conseguisse separar o ser com a atitude que ele fez, é bem complicado. E a parte espiritual deve estar bem desenvolvida para ajudar a fazer essa reflexão.¹⁴⁰

Segundo o entendimento da Professora Maria, “todo mundo tem que ter uma religião, um lado espiritual. Porque se você não acredita em alguma coisa, se você não tem fé em alguma coisa, a tua vida também não tem sentido”.¹⁴¹ Ainda, complementa Maria, “é muito difícil, eu acho, tu ter um professor que não acredite em alguma coisa. Eu acho que na nossa profissão a gente acredita, porque senão a gente tinha abandonado. Em alguma coisa a gente tem que acreditar”.¹⁴²

Nota-se que a Professora Maria desenvolve sua compreensão de espiritualidade associada à fé e, nessa visão, destaca a importância de se acreditar em algo. Vê nisso uma necessidade de todo o profissional da educação. Pode-se ler, nas entrelinhas, que entende que, se o professor não acredita no poder transformador do seu trabalho, não tem sentido de ser.

O Professor Antônio enfatiza na sua entrevista a referência que o professor se torna para o aluno. Com tal, entende que o professor acaba, a partir de si, criando um modelo de ser humano. O aluno busca saber o que pensa o seu professor e no que ele acredita. Nesse sentido, dependendo do modo como esse profissional trata o aluno, ele sente como algo ligado à espiritualidade. Segundo Antônio, é isso que eles querem da gente.

A partir desses relatos dos professores entrevistados, nota-se um consenso na compreensão de que a vivência da espiritualidade influencia positivamente na atividade profissional. Se essa influência acontece sobre os que lhes são confiados, podemos subentender que é porque já fez diferença na vida pessoal de cada qual. Sim, existem diferentes compreensões do que seja a espiritualidade, assim como existem diferentes modos de vivê-la. Entretanto, o que ninguém questiona efetivamente é a influência desta sobre a vida e o seu espaço laboral. Com isso, respondemos, de modo preliminar e parcial, a nossa questão de investigação, concluindo que a espiritualidade atua no enfrentamento ao mal-estar docente, pois,

¹⁴⁰ Professora Helena.

¹⁴¹ Professora Maria.

¹⁴² Professora Maria.

segundo os entrevistados, e de modo geral, há uma melhora na vida daqueles que a cultivam.

3.2.3 Do grau de satisfação profissional (questões 5, 6 e 7)

Quando perguntados quanto ao grau de satisfação profissional, tivemos as diversas respostas. Se por um lado temos pessoas comprometidas e envolvidas na formação dos educandos, temos, pelo outro lado, pessoas que estão na educação, mas sem motivação. Nota-se que a maioria optou pela profissão de educador(a), mas com o tempo foi perdendo a empolgação. Diante disso, voltam duas perguntas capitais: O que acontece no processo educativo que é capaz de tirar de alguns profissionais o encanto, a ponto de gerar o desejo de buscar a realização noutra profissão diversa da educação? E o que faz com que alguns mantenham a motivação e se realizem profissionalmente na educação?

Um primeiro dado a considerar é que, dos doze entrevistados, onze já se questionaram quanto à escolha da profissão. Esse é um fato de extrema relevância. Afinal, o que faz com que permaneçam na educação? Estabilidade? Realização pessoal, mesmo diante dos percalços e conflitos do dia-a-dia? Falta de oportunidades em outras áreas? Comodidades? Talvez não consigamos responder com segurança a todas estas questões, mas vamos buscar algumas hipóteses a partir das falas dos próprios entrevistados.

Na entrevista da Professora Cátia, é possível identificar um processo em que ocorre o esgotamento ao longo do tempo. Ela inicia falando de quando começou na área da educação, sem experiência de sala de aula e após se firmou na área, por meio de um concurso público, no município de Sapucaia do Sul. A partir daí, a cobrança pela qualidade do seu trabalho passa a ser dela mesma, até porque, pelo que relata, não houve acompanhamento e cobrança externa, da escola. Nesse caso, fica fácil de identificar que a expectativa inicial foi frustrada pela realidade com a qual se confrontou. O que também fica evidente é que ela não se conformou e não se conforma com a situação.

[...] todo dia praticamente tentava reafirmar que se o que eu estava fazendo estava correto, se estava acrescentando, modificando positivamente a vida deles, não somente na Língua Portuguesa que é a minha área, mas uma visão de mundo que é o que tentava abranger em sala de aula, trabalhar com

eles. E aí eu ia para casa pensando, será mesmo, será?... e ao passar dos anos eu me questionava cada vez mais, será que estou realmente atingindo os objetivos que eu impus a mim, na aula de hoje? Ou será que estou me adequando, me moldando ao que a escola espera? O que a escola espera, que não tenha maiores problemas, maiores indisciplinas? Será que eu estou me tornando esta professora que eu não gosto? Particularmente, né, então, isto é um processo diário de muito sofrimento, posso salientar que de muito sofrimento porque a gente perde um pouco a identidade profissional.¹⁴³

Nesse relato aparecem duas buscas, a da professora e da escola. Certamente que elas não são contraditórias, mas complementares. O fato do profissional da educação encontrar eco as suas buscas de realização pessoal, de se sentir com um agente da educação, não exclui o desejo da escola de que esse processo ocorra num ambiente de tranquilidade e disciplina. Talvez aqui foi o de sintonizar o trabalho do professor com a missão de toda a escola, ou seja, que o professor seja acompanhado e sinta que seu trabalho faz parte de um processo maior de ensino-aprendizagem.

Os relatos da Professora Patrícia, da Professora Teresa, da Professora Lúcia e da Professora Maria vão numa mesma linha. Embora afirmem já terem se repensado profissionalmente, demonstram um profundo amor à profissão e têm nela uma missão pessoal, uma vocação. As dificuldades são suplantadas por esse desejo de ser professor. Próxima a essa ideia está o relato da Professora Lourdes que entende a sua profissão como uma missão pelo dom que Deus lhe deu de ensinar.

O Professor João, o Professor Matheus e a Professora Helena evidenciam pontos em comum que são fatores pelos quais se repensam na profissão. Um dos pontos apontados está no desinteresse do alunado. Mas a maior ênfase está ligada às questões disciplinares e à incapacidade da resolução desses problemas. Sentem-se desamparados pela instituição, como aparece na fala do Professor Matheus.

Às vezes o cara se sente meio sozinho na sala de aula. Não tem pra quem recorrer. Isso é difícil mesmo. O cara não tem apoio, muitas vezes. Por diversos problemas, tem a questão da indisciplina, aí não tem pra quem mandar, sabe, parece um negócio sem fundo, você não sabe pra quem mandar. Manda, o aluno volta, pouco te adianta.¹⁴⁴

Corroborando com essas ideias está o Professor Antônio, entretanto, relata dois extremos, sendo um de satisfação pelo trabalho que realiza e outro de insatisfação e dúvida profissional em situações de conflitos. Entretanto, e essa é a

¹⁴³ Professora Cátia.

¹⁴⁴ Professor Matheus.

novidade que apresenta, alega que a sua idade não lhe permite pensar uma outra possibilidade profissional.

A situação do Professor Antônio certamente não é um fato isolado. Qualquer profissão que lida diretamente com pessoas, é desgastante. Ainda mais, como é o caso da educação, em que há um compromisso com o cuidado e a formação das pessoas. O desgaste pode ser algo natural. Isso pode levar o sujeito a se repensar profissionalmente, ou, como no caso do professor em questão, permanecer na profissão, especialmente, pela estabilidade e pelas vantagens econômicas adquiridas.

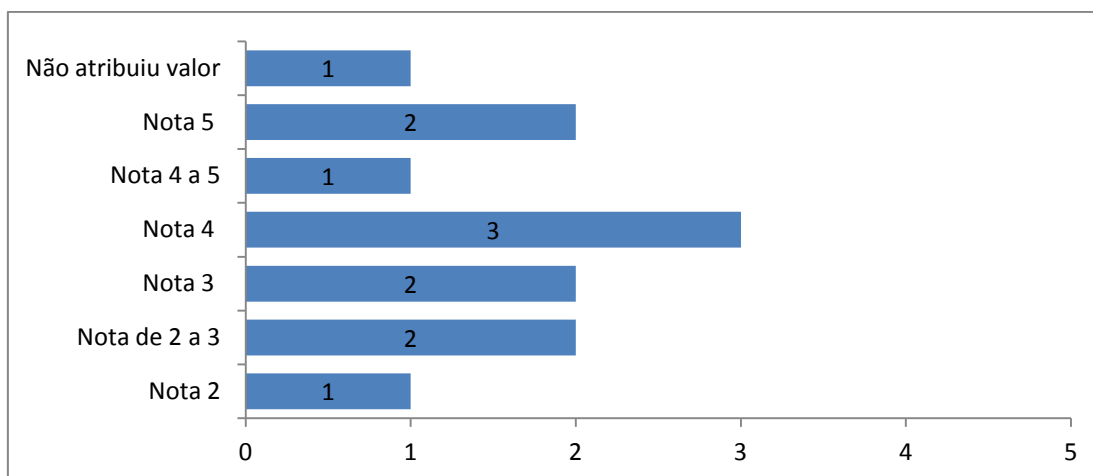
Poderia pensar em uma outra possibilidade, mas a gente não pode recomeçar certas coisas. Se a gente tivesse vinte anos poderia até pensar. Quem passa dos quarenta já pensa não, a gente batalhou, chegou ali, olha pra trás... eu já pensei muitas vezes assim, mas é num momento de conflito, quando a gente não tem retorno de alguma atividade que fez.¹⁴⁵

O Professor Marcos, por sua vez, foi o único, dos participantes dessa pesquisa, que afirmou nunca se ter repensado enquanto profissional da educação. Aponta dois fatores para isso: estar a pouco tempo na profissão e conseguir separar adequadamente o pessoal e o profissional. Segundo ele, “Colega, aluno e tal é aqui dentro. Tu sai daqui tua vida é outra. Não carrego... costume separar profissional e pessoal [...]”.¹⁴⁶ Esse exercício, de conseguir encerrar o expediente da profissão de professor na escola, será este um dos segredos para a saúde do professor? Será que isto é efetivamente possível? Sabemos que o ambiente de trabalho influi na qualidade de trabalho, entretanto, certamente não é determinante. Sim, as instituições precisam oferecer um espaço (físico e de tempo) para que os profissionais possam realizar seu planejamento, o que evita a sobrecarga de trabalho. Entretanto, este é apenas um dos fatores e não o fator determinante. Se fosse assim, seria relativamente fácil resolver os problemas ligados à educação.

Nas entrevistas, a questão ligada ao grau de satisfação e realização profissional, numa escala numérica gradual de um (1) a cinco (5), sendo um (1) muito insatisfeito e cinco (5) muito satisfeito e realizado, tabulamos os resultados para uma melhor visualização, conforme segue:

¹⁴⁵ Professor Antônio.

¹⁴⁶ Professor Marcos.



Nota-se que, embora toda a insatisfação relatada na questão que descrevemos anteriormente, sendo que a maioria alegava já ter se questionado sobre a continuação na profissão, seis profissionais se atribuíram nota quatro ou acima de quatro. Contraditório? Talvez não. O fato é que há uma inquietação presente entre os profissionais entrevistados quanto a sua profissão. Isso não quer dizer que efetivamente queiram abandonar a profissão ou que estejam completamente insatisfeitos. Sim, dentre estes existem aqueles que não ousam largar a estabilidade pela realização profissional.

O que se evidencia em alguns relatos, como do Professor Carlos, é que com o passar dos anos a empolgação e a satisfação com a profissão mudaram bastante. “Não sinto mais aquela realização total como tive no início. As coisas mudaram bastante, não falo só em termos salariais [...]”.¹⁴⁷

A Professora Patrícia também assinala nesse sentido:

Agora no momento eu me vejo 4. Já tive momentos em que eu me sentia 5, mas estou numa certa instabilidade na questão profissional. Não me pergunte o porquê exatamente, porque eu acho que é uma bola de neve, são várias coisas que vão acontecendo, o público deste ano, algumas turmas que a gente está tendo bastante dificuldade, e eu estou repensando sim.¹⁴⁸

O que podemos extrair de positivo destas falas é que muitos professores se dão conta de que não estão bem, de que a profissão de professor necessita ser repensada. Talvez isso seja insuficiente para uma efetiva mudança, porém, já é um primeiro passo importante. O que não podemos é entrar na onda do processo de vitimização, postura daqueles que adotam uma atitude de eternos insatisfeitos, os quais, independentemente dos avanços e das conquistas, sempre estão insatisfeitos

¹⁴⁷ Professor Carlos.

¹⁴⁸ Professora Patrícia.

e reclamando. Esses geralmente fazem pouco para mudar, pois a postura de vítima é mais cômoda. Não vamos entrar no mérito das questões pessoais que poderiam levá-los a isso, apenas uns acentos gerais que podem ajudar na reflexão. Nesse sentido, podemos considerar que, atualmente, o fato de alguém ser um professor já não carrega, como outrora, um elevado status social. Esse espaço precisa ser conquistado. Ele é mais inerente ao professor do que à classe dos professores de modo geral. Não vamos emitir um juízo de valor sobre a questão, mas apenas uma constatação da mudança postural da sociedade frente à classe dos professores. Se houve um decrescente apressado pelos professores, de modo geral, existe uma parcela destes que gozam de pleno reconhecimento dos alunos e da comunidade escolar, muito pela postura relacional com os seus alunos e, de modo geral, com o trabalho que desempenham. Logo, precisamos sim lutar coletivamente pela valorização da classe dos professores, entretanto, individualmente precisamos resgatar nos professores sua autoconfiança e acordá-los para sua responsabilidade social independentemente da retribuição pecuniária.

3.2.4 Das fontes estressoras e estratégias de superação (questões 9 e 10)

Nesse último bloco, encontram-se duas questões de fundamental importância para concluir esta investigação. Trata-se das fontes estressoras e das estratégias de superação. É evidente que vários já abordaram estas questões ao longo da entrevista, mas aqui os retomam de forma metódica.

Para iniciar esta análise, transcrevo uma parte da fala da Professora Cátia:

[...] a escola não proporciona isso. Não proporciona um aconchego para os professores que apresentam esta dificuldade. Então eu vejo uma escola doente, com falhas de políticas públicas que não investem, que não é interessante que o professor tenha este aconchego, este cuidado. Todo esse, esse, esse, pelotão que fica por trás, para dar este suporte pedagógico, o professor se vê acuado às vezes. Ele quer acessar, ele quer renovar sua prática, mas está cada vez mais distante e vira um discurso muito bonito no xérox, no livro de pedagogia, em algum filósofo. Mas no dia a dia o professor se distancia cada vez mais e através desse distanciamento ela vai perdendo cada vez mais a identidade e a vontade de estar fazendo o que ele tem que fazer porque ele vai cada vez se distanciando. [...] E aí voltando ao início da pergunta: que fatores me deixam estressada e ansiosa enfim, é a descrença dos meus colegas no potencial deles. Assim eles abandonam a sua crença, o seu poder de que eu posso fazer, eu vou fazer o meu trabalho, e se acomodam [...].¹⁴⁹

¹⁴⁹ Professora Cátia.

Há muitas coisas para analisarmos nessa fala, a começar pelo que a professora chama de falta de aconchego e cuidado do professor. Aparece claramente a falta de um espírito coletivo na prática docente, ou seja, o professor desse discurso sente-se desamparado, não de recursos, mas do olhar da equipe pedagógica da escola. Faz aquilo que acha conveniente. Enxerga-se numa busca solitária. Seus projetos não encontram eco, passando despercebidos. Aparece clara a dicotomia entre o discurso e a prática. O resultado, segundo a Cátia, é a descrença do professor no seu potencial.

A Professora Teresa possui uma fala parecida. Aponta a falta de reconhecimento, não dos alunos, mas da escola como um todo, como uma fonte de estresse. “[...] todas às vezes que eu me senti um lixo como profissional foi por não me sentir valorizada. Eu senti que fazia o melhor trabalho que podia, mas eu não era reconhecida. E é isso que mais me magoa, o não reconhecimento.”¹⁵⁰

A Professora Patrícia aborda como fator estressor a impotência diante das diferentes situações. Ela observa que existem fatos que não são resolvidos, apenas protelados e passados para outras instâncias. Evidencia-se um problema, seja comportamental ou da falta de vontade para os estudos e o acompanhamento da criança e do adolescente, que já não é somente da escola, mas da sociedade como um todo. Nesse sentido, a escola é apenas o lugar onde se desencadeiam os processos, porém, incapaz de resolvê-los. Quando as parcerias com as outras instâncias do poder público são falhas, os problemas se agigantam.

A fala do Professor Carlos vem ao encontro desta, pois também aborda a impotência frente a diferentes situações do cotidiano. A novidade é que ele a direciona para a questão da violência escolar e as drogas. Nesse caso, inclusive o professor está sujeito a sofrer as consequências desta falta de limites. Isso provoca um sentimento generalizado de insegurança.

A Professora Lourdes fala da falta de apego e interesse dos alunos pela escola e pelos estudos. Segundo ela, muitos alunos vêm obrigados e por não terem outro lugar para ir. A escola torna-se um lugar onde muitos não queriam estar ou, no máximo, um lugar de socialização. Nesse sentido, ressalta, não importa tanto o que

¹⁵⁰ Professora Teresa.

o professor apresenta como aula, porque alguns simplesmente não estão dispostos a nada que venha da escola.

O Professor Marcos amplia esta questão do desinteresse do aluno e traz como motivação para o estresse do professor o acúmulo de funções da escola, pois essa assume, em muitos casos, também o papel que por direito seria dos pais. Nesse sentido, o professor sente-se sobrecarregado e frustrado no seu trabalho, pois não consegue dar conta do que lhe era por obrigação, ensinar. Assim, é evidente que podemos nos questionar quanto ao que compõe o currículo da escola na atualidade. O que nos importa aqui é especialmente o sentimento do professor, a leitura que faz de sua realidade.

O Professor João aborda como fonte de estresse o baixo rendimento dos alunos. O Professor Matheus foca sua fala sobre a falta de interesse do aluno na sala de aula, o que impede que o professor consiga dar sua aula. Segundo ele, o professor fica mais tempo chamando a atenção de seus alunos do que ensinando. No final, cita, sem desenvolver, a alta carga horária a que muitos professores se submetem. Fica difícil pensarmos a qualidade de vida para um professor que está sessenta horas semanais envolvido na escola.

A Professora Helena também traz na sua fala a exagerada carga horária dos professores. Retoma dois outros aspectos já abordados aqui que são o desinteresse e o desrespeito dos alunos. A Professora Maria aborda a questão de modo similar quando fala na falta de ambição e de pensar no futuro dos alunos. Segundo ela, o que importa é o agora, o imediato. Isso afeta diretamente o trabalho e gera desconforto do professor.

A Professora Lúcia também aborda a falta de limites e interesse como problemas. Mas o que mais chama a atenção na sua fala é a falta de comprometimento ou então da competência de alguns profissionais da educação.

Outra coisa também é quando tu faz um trabalho comprometido, tu realmente quer fazer as coisas bem feitas e fazer o que tu deve fazer, e daí tu vê colegas que não são comprometidos e não estão nem aí e muitas vezes quem ocupa o cargo de direção também não está nada comprometido. Então, na verdade o trabalho não anda, em função porque a gente não trabalha sozinho, a gente precisa de todo um apoio. Às vezes as pessoas que estão apoiando não estão fazendo bem o seu papel, ou são incompetentes realmente e não conseguem fazer o que deve ser feito. Acho que isso é

bastante complicado e também são fatores que influenciam diretamente no estresse.¹⁵¹

A escola é um todo e funciona bem quando todos os setores estão interligados e efetivamente funcionando. O descompromisso de alguns pode ser extremamente nocivo para o bem-estar comum, gerando um possível isolamento e o nivelamento por baixo. Na escola há alunos a serem educados e ensinados e isso é tarefa de todos e durante todo o tempo. A ideia de que estes alunos são meus e aqueles são teus é equivocada. Eles até podem estar mais diretamente sobre a tua responsabilidade em algum momento, mas, ainda assim, são alunos da escola. Quando a direção não tem clara esta questão, servindo a interesses particulares que prejudicam a transparência e o senso de coletividade, a escola se fragiliza. A coletividade é a força motora e o sucesso da escola. Lembrando o óbvio, a coletividade forma-se de sujeitos diferentes, com temores e coragens, saberes e opiniões diferentes, mas com um mesmo propósito.

Embora tenhamos uma coletividade na escola, e essa é muito importante, existe também um modo como cada professor lida com as situações estressoras com que se depara. Também a dimensão de um determinado problema ou situação é subjetiva. A Professora Cátia, por exemplo, retornou seus estudos. A Professora Patrícia os encara através da terapia com consultas regulares ao psicólogo. Além disso, busca atividades de lazer nos finais de semana num exercício pessoal de tentar se “desligar da escola”. Na mesma linha anda o Professor Matheus, pois depõe que tenta separar o pessoal do profissional, por isso, procura não falar muito da escola em casa, além de buscar fazer coisas alheias à educação.

Chamou nossa atenção para o método da Professora Teresa que está ligado a uma prática da espiritualidade.

Então, eu comecei a sofrer menos com esse sentimento. Poxa vida, eu estou fazendo o meu melhor e não sou valorizada, e eu comecei a lidar melhor com isso quando eu vi que não adiantava me empenhar muito para que me valorizasse. Eu faço o melhor que posso. Tenho a certeza que faço o melhor que posso, por isso eu tenho esse meu mantra, “independentemente dos resultados, fiz o melhor que pude”. Eu fiz o melhor que pude, se vou ser valorizada, se eu vou ser reconhecida, eu não sei, aí vai depender dos outros, os outros que vão fazer essa escolha.¹⁵²

Observamos que esta professora faz uso de uma mentalização positiva, de um mantra, como método pessoal de superação das situações de estresse no

¹⁵¹ Professora Lúcia.

¹⁵² Professora Teresa.

ambiente escolar. O fato de possuir a consciência de ter feito seu melhor para aquele momento gera-lhe um estado de espírito de satisfação, independentemente do resultado geral da ação. Isso nos leva a acreditar que a torna menos suscetível ao estresse.

A Professora Lourdes partilha sua experiência de vida e afirma que se apega à oração como um meio de superação das situações de estresse.

Olha, eu atualmente é a oração. Eu peço a Deus que me dê forças. Como disse: muitas vezes tenho vontade de não voltar para a sala de aula, ou voltar para as turmas que eu vejo que realmente que eu estou ensinando alguma coisa. Então, o que eu faço é isso, rezo a Deus que me dê forças [...].¹⁵³

Se observamos as falas desta professora, podemos notar que ela possui uma longa caminhada na educação, embora esteja menos tempo no quadro funcional do município de Sapucaia do Sul. Não obstante todo cansaço pela caminhada, apega-se à oração como meio de conseguir levar adiante seu trabalho de educadora. Entende a tarefa de ensinar com um dom divino que lhe foi confiado e, portanto, tem a missão de levar a termo esse trabalho.

A Professora Lúcia destaca como métodos de superação das situações de estresse a atividade física e os momentos de introspecção.

O Professor Antônio confessa que uma estratégia sua é estar bem preparado e organizado para aquilo que pretende desenvolver em aula. Além disso, busca leituras que ajudem a entender as dinâmicas de sala de aula. Sinaliza a alternância de estratégias para a abordagem dos temas como um método para evitar situações de desinteresse. Revela que a experiência do uso da música se tem revelado como um bom método. O Professor João usa estratégias semelhantes, ou seja, “fazer uma atividade diferente, não deixar nada repetitivo, sempre buscar que os alunos se superem”.

Segundo o Professor Marcos, uma opção para evitar o estresse é “dar uma risada. Nesta questão da superação do estresse, uma coisa é não chegar ao ponto do stress. Contar antes o problema”.¹⁵⁴

A Professora Helena começa sua fala com uma reflexão sobre as diferentes situações e da necessidade de interagir com os diferentes setores da escola, além de buscar diferentes modos de abordagem com os alunos.

¹⁵³ Professora Lourdes.

¹⁵⁴ Professor Marcos.

A Professora Maria apresenta uma visão um tanto conformista de que é preciso aceitar que as pessoas são diferentes e que há diferentes habilidades e interesses. Certamente esta postura evita o sentimento de insatisfação e frustração frente a um conteúdo não assimilado pelos alunos, mas será a postura mais adequada?

Pelas falas dos entrevistados podemos ver uma grande gama de estratégias elucidadas. Cada qual, pelas suas experiências, elaborou seus métodos para tentar vencer os conflitos pessoais de institucionais. Pudemos observar também que vários professores descreveram meios de evitar as zonas de conflitos e nem tanto estratégias de superação.

Vale o destaque que dois professores citaram explicitamente a espiritualidade com meios de superação das situações estressoras. Outros dois entrevistados a citam indiretamente.

3.3 Entre a espiritualidade, a saúde e a educação

*“Em todo ser humano, existe um pedaço de solidão que nenhuma intimidade humana consegue preencher – é ali que Deus nos encontra.”*¹⁵⁵

3.3.1 Dos problemas conceituais e da noção de precariedade

Embora o termo espiritualidade seja amplamente usado, seu estudo ainda é restrito. A própria conceituação é difusa. A associação da espiritualidade à saúde, embora não seja algo novo, ainda, especialmente no ocidente, está envolta a preconceitos.

Segundo Moreira-Almeida,

Estudar cientificamente a espiritualidade é uma empreitada muito entusiasmante e perigosa. Essa é uma área repleta de preconceitos, preconceitos a favor e contra a espiritualidade. A maioria das pessoas tem opiniões sobre o tema, mas habitualmente essas opiniões foram formadas sem uma análise aprofundada das evidências disponíveis. É fácil deslizar, por um lado, para um ceticismo intolerante e uma negação dogmática ou, por outro, para uma aceitação ingênua de afirmações pouco fundamentadas. Não importa se possuímos crenças materialistas ou espirituais, atitudes religiosas

¹⁵⁵ SCHUTZ *apud* BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 13.

ou anti-religiosas, necessitamos explorar a relação entre espiritualidade e saúde para aprimorar nosso conhecimento sobre o ser humano e nossas abordagens terapêuticas.¹⁵⁶

Segundo Koenig¹⁵⁷, para que seja possível uma pesquisa sobre religião, espiritualidade e saúde são necessárias definições claras de cada terminologia. A dificuldade reside que ao termo original da espiritualidade foram agregados outros significados, ampliando seu horizonte de abrangência, para abarcar conceitos psicológicos positivos, paz de espírito, bem-estar pessoal e felicidade. Estes são aspectos da vida que não têm relação necessária à religião.

Koenig entende que devemos elaborar duas definições do termo espiritualidade, sendo uma para conduzir pesquisas e estudar a relação entre espiritualidade e saúde e a outra para aplicar o que foi descoberto ao tratamento de pacientes.¹⁵⁸ Ainda, segue o autor, a espiritualidade tornou-se um termo popular e flexível. Deste modo, devido a sua amplitude e imprecisão conceitual, pode incluir os mais diversos temas ligados à existência.

A definição [de espiritualidade] é baseada na busca inerente de cada pessoa do significado e do propósito definidos da vida. Esse significado pode ser encontrado na religião, mas, muitas vezes, pode ser mais amplo do que isso, incluindo a relação com uma figura divina ou com a transcendência, relações com os outros, bem como a espiritualidade encontrada na natureza, na arte e no pensamento racional.¹⁵⁹

Não obstante a bela definição de que a espiritualidade é encontrada em todas as culturas e sociedades, sendo expressa pela busca do indivíduo de um significado definitivo existencial por meio da participação religiosa e/ou da crença em Deus, na família, no naturalismo, no racionalismo, no humanismo, nas artes, etc, o autor ressalta a dificuldade de lidar com a conceituação do termo para a pesquisa, justamente pela amplitude de sua definição. Nesse sentido, ela possui aspectos cognitivos, existenciais e comportamentais. Os aspectos cognitivos (ou filosóficos) incluem a busca de um significado, do propósito e da vida, bem como as crenças e os valores de acordo com os quais uma pessoa vive. Já os aspectos experienciais e

¹⁵⁶ MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. *Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora*. Disponível em:

<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/3.html>, p. 3-4. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹⁵⁷ KOENIG, Harold G.. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 12.

¹⁵⁸ KOENIG, 2012, p. 12.

¹⁵⁹ KOENIG, 2012, p. 13.

emocionais envolvem sentimentos de esperança, amor, conexão, paz interior, conforto e suporte.¹⁶⁰

Em síntese podemos dizer, conforme o autor, que a espiritualidade inclui significado e propósito, paz interior e conforto, conexão com os outros, suporte, sentimentos de admiração, reverência ou amor e outros termos, sempre saudáveis e positivos.¹⁶¹ Notemos que a espiritualidade, nessa compreensão, não precisa envolver religião, ou seja, pode ser secular.

Em face desse impasse – entre as diferentes definições do termo da espiritualidade, e para efeitos de pesquisa, Koenig recomenda a definição de espiritualidade aquela ligada às suas origens na religião. Nessa compreensão, “a palavra espiritualidade tem sido historicamente associada à religião ou ao sobrenatural e envolve linguagem religiosa, argumento que, para chamar algo de espiritual, é preciso haver alguma conexão com religião”.¹⁶² O termo religião precisa ser entendido na definição do autor, onde inclui também expressões religiosas não tradicionais, como a astrologia, adivinhação, bruxaria, práticas de cura indígenas, etc. Ao que não está em conexão com a religião ou com o sobrenatural Koenig chama de humanística.¹⁶³

A religião¹⁶⁴, segundo Koenig, pode levar o ser humano a um maior bem-estar por uma série de caminhos, como: pela promoção da esperança, do otimismo e da alegria, através do aumento do suporte social e dando significado e propósito à vida.¹⁶⁵ Nesse sentido, os ensinamentos religiosos tendem a ser promotores de uma visão positiva do mundo, mundo este que engloba esta vida e a vida após a morte.

Koenig explora o significado do termo religião:

Pode-se definir religião como um sistema de crenças e práticas observadas por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, idolatram, comunicam-se com ou aproximam-se do Sagrado, do Divino, de Deus (em

¹⁶⁰ KOENIG, 2012, p. 13.

¹⁶¹ KOENIG, 2012, p. 14.

¹⁶² KOENIG, 2012, p. 14-15.

¹⁶³ KOENIG (2012, p. 17) conceitua o humanismo como uma categoria ampla de filosofias éticas ativas que afirmam a dignidade e o valor de todas as pessoas, com base na capacidade de determinar o certo e o errado, recorrendo a qualidades humanas universais, sobretudo o racionalismo. Implica num compromisso com a busca da verdade e da moralidade por meios humanos em apoio a interesses humanos.

¹⁶⁴ O termo religião, frequentemente usado por KOENIG, representa uma das formas de se viver a espiritualidade.

¹⁶⁵ KOENIG, 2012, p. 78.

culturas ocidentais) ou da Verdade Absoluta, da Realidade ou do nirvana (em culturas orientais).¹⁶⁶

Embora não seja diretamente o nosso objeto de estudo, vale a pena observarmos esta diferenciação. A abordagem que realiza se aproxima de uma ideia das instituições hierarquicamente estabelecidas, como o cristianismo, o islamismo, o hinduísmo, etc. Geralmente oferecem um código moral de conduta que é aceito por todos os membros da comunidade.

Borges Teixeira¹⁶⁷, outro estudioso da área, entende que é a partir da “condição ontológica da vida” que podemos falar e compreender a espiritualidade. A ideia de ontologia aqui apresentada está ligada às questões originárias do ser humano e de seu modo pessoal de conceber o sentido último das coisas.

É interessante observar que, nesta perspectiva, “ao mesmo tempo que o ser humano está enraizado no pequeno mundo de seu cotidiano, seu estatuto ontológico revela a sua abertura ao mundo”.¹⁶⁸ Segundo o autor, somos por essência seres da abertura, ou seja, por mais que se possa tentar, não é possível amarrar os pensamentos ou as emoções. É inerente ao ser humano o desejo, a busca por aquilo que está além do imediatamente dado, do perene, do transcendente, podendo este ser ou não ser Deus.

Aos propósitos desta pesquisa convém considerar que, neste cenário que a religiosidade e a espiritualidade, apesar de relacionadas, não são claramente descritas como sinônimos. A religiosidade envolve sistematização de culto e doutrina compartilhados por um grupo. A espiritualidade está balizada em questões sobre o significado e o propósito da vida, com a crença em aspectos espiritualistas para justificar sua existência e significados. Embora haja sobreposição entre espiritualidade e religiosidade, a última difere-se pela clara sugestão de um sistema de adoração/doutrina específica partilhada com um grupo.

Outro aspecto interessante a se considerar, segundo Borges Teixeira é que “o ser humano é nutrido pela sua finitude, não só porque destinado à morte, mas porque esta constitui a sua estrutura. A morte não é um acontecimento derradeiro, mas que acontece diversas vezes ao longo da vida.”¹⁶⁹ Nesta perspectiva, o fato do

¹⁶⁶ KOENIG, 2012, p. 11.

¹⁶⁷ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 14.

¹⁶⁸ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 22.

¹⁶⁹ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 23.

ser humano possuir memória e, por conseguinte, consciência de si, leva-o à procura de uma felicidade. Isso o diferencia dos demais animais. Por vezes parece um eterno insatisfeito, pois aspira a plenitude de si. Isso não só pessoalmente, mas também enquanto seu fazer, ou seja, é natural que deseje ver o resultado de suas ações no mundo, do seu estar e ser no mundo.

Segundo Peres *et al.*, há no ser humano, pelo noção de inacabamento, uma incessante busca pelo significado de tudo que o envolve, e isso com uma íntima ligação a espiritualidade.

A atenção ao aspecto da espiritualidade se torna cada vez mais necessária na prática de assistência à saúde. Cada vez mais a ciência se curva diante da grandeza e da importância da espiritualidade na dimensão do ser humano. Ser humano é buscar significado em tudo que está em nós e em nossa volta, pois somos seres inacabados por natureza e estamos sempre em busca de nos completar. A transcendência de nossa existência torna-se a essência de nossa vida à medida que esta se aproxima do seu fim.¹⁷⁰

Segundo Safra, *apud* Borges Teixeira, “como ser paradoxal, o homem é finito que anseia o infinito, limitado que vive o ilimitado, criatura que anseia por um criador. É um ser que vive entre agonias impensáveis e o terror do totalmente pensado”.¹⁷¹ Este homem é um ser aberto ao outro e ao mesmo tempo é originalmente só.

A experiência do sagrado leva o ser humano a experimentar a sua vida como doação, sempre em devir. Cada passo da existência constitui um sucessivo dar-se de nascimentos e mortes, vividos a cada momento. A espiritualidade se constitui no momento em que o ser humano coloca o fluxo de sua vida – devir – em consonância com a sua concepção do absoluto.¹⁷²

O ser humano é um ser inquieto e que busca resposta para as suas inquietudes. Busca um sentido para a sua vida. Perguntas como: Qual é o sentido da vida? Qual é a finalidade do viver e do morrer? De onde eu vim e para onde eu vou depois de findar minha trajetória aqui na terra? São questões existenciais relevantes e que desacomodam qualquer sujeito.

Diante da precariedade da vida, da finitude da experiência humana, do enigma da morte, diante das perguntas sem resposta que jorram de tantas vivências humanas dramáticas, o coração e a mente de todo homem sejam levados a buscar e a encontrar o significado profundo, o sentido verdadeiro da vida e da história. Significado e sentido que abrem a perspectiva da transcendência, e da espiritualidade; a perspectiva do Absoluto.¹⁷³

¹⁷⁰ PERES, Mario F. P., *et. al.*, *A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos*. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/82.html>, p. 82. Acesso em: 20 dez. 2014.

¹⁷¹ SAFRA, 2005, p. 27 *apud* BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 25.

¹⁷² BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 27.

¹⁷³ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 28.

Em geral, a sociedade contemporânea tem dificuldade em aceitar a precariedade e a finitude das coisas, inclusive da vida. Vivemos como se fôssemos imortais, por vezes até inconsequentemente. Esta postura pode ser percebida especialmente nas gerações mais novas, os adolescentes e jovens nas escolas. Daí um primeiro conflito de gerações entre professores e alunos, que vai muito além de uma questão etária, mas de visão de mundo.

3.3.2 Saúde e espiritualidade a partir da OMS

Em toda a história da humanidade, a manutenção da saúde foi muitas vezes associada também a elementos da psicologia, à espiritualidade e à religião, porém, foi a partir do momento em que a espiritualidade começou a figurar como componente importante na compreensão de saúde pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é que se acentuaram os estudos nesse sentido. Esta definiu a saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença (WHO, 1946). Mais tarde, a 101^a sessão da Assembleia Mundial de Saúde propôs uma modificação do conceito de saúde da OMS para “um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social”.¹⁷⁴

Delete: Health is a state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity.

Insert: Health is a dynamic state of complete physical, mental, spiritual and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity.¹⁷⁵

Nota-se a inclusão explícita do termo “espiritual” na definição, o que lhe agrega valor de pesquisa.

Outro ponto relevante e que merece ser considerado é a ideia da qualidade de vida que vem crescendo em importância como medida de avaliação de resultados de tratamento em medicina.

Nessa perspectiva, o WHOQOL-SRPB suplementa o WHOQOL-100¹⁷⁶ com oito facetas adicionais ao domínio ‘Aspectos espirituais/Religião/Crenças

¹⁷⁴ FLECK, Marcelo Pio de Almeida. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100004. Acesso em: 16 nov. 2014.

¹⁷⁵ WORLD HEALTH ORGANIZATION. Amendments to the Constitution. April, 7th; 1999. Deletar: Saúde é um estado de completo bem estar físico, mental, e social e não apenas a ausência de uma doença ou enfermidade. *Inserir*: Saúde é um estado de completo bem estar físico, mental, espiritual e social, e não apenas a ausência de uma doença ou enfermidade. (Tradução nossa)

¹⁷⁶ A busca por um instrumento que avaliasse “qualidade de vida”, dentro de uma perspectiva genuinamente internacional, fez com que a Organização Mundial da Saúde (OMS), elaborasse um

personais'. Os demais domínios do WHOQOL-100 permanecem inalterados. As facetas adicionais do WHOQOL-SRPB são:

- Conexão com o ser ou força espiritual: o quanto a conexão com Deus auxilia na resolução de problemas ou no confronto de momentos difíceis;
- Sentido na vida: nível com o qual o indivíduo enxerga um sentido em sua vida;
- Admiração: capacidade de admirar e apreciar as coisas que estão ao redor do indivíduo, de forma a inspirar-lhe a viver;
- Totalidade e integração: sentimento de equilíbrio entre a mente, o corpo e a alma, de forma a criar harmonia entre as ações, pensamentos e sentimentos do indivíduo;
- Força espiritual: nível com o qual a presença de força espiritual interna ajuda em épocas difíceis e/ou na melhoria da vida do indivíduo;
- Paz interior: nível de paz e harmonia com o qual o indivíduo consegue viver;
- Esperança e otimismo: sentimento de esperança e otimismo que o indivíduo possui com relação à melhoria da sua vida;
- Fé: o quanto a fé conforta e fortalece o dia-a-dia do indivíduo, melhorando o seu bem-estar e a forma com a qual este aproveita a vida¹⁷⁷.

No Brasil, uma prova da busca pelo entendimento da influência da espiritualidade sobre a qualidade de vida e a saúde física e psíquica, é que em 2007 a Revista de Psiquiatria Clínica da Universidade de São Paulo lançou um caderno especial (34, suplemento 1), reunindo diversos autores de renome internacional e que pesquisam o assunto aqui no Brasil.¹⁷⁸

3.3.3 Da conceituação aos tratamentos no campo da saúde

É inegável o crescente uso do termo espiritualidade na saúde.

Exercitar a reflexão sobre o sentido de suas vidas e valorizar as crenças saudáveis de nossos pacientes passou a ser cada vez mais unânime entre os profissionais da saúde. Apesar das resistências, os dados empíricos demonstram que a espiritualidade é uma dimensão humana que não deve ser ignorada.¹⁷⁹

instrumento composto por 100 itens, denominado de WHOQOL-100. Na metade dos anos de 1990, a Divisão de Saúde Mental da OMS iniciou um novo projeto para aprimorar o domínio espiritualidade dentro do WHOQOL, com o objetivo de desenvolver um conceito abrangente e útil para o trabalho em diferentes culturas e para grupos com diferentes crenças pessoais, religiosas e espirituais. Com um projeto similar ao do WHOQOL, o novo domínio tomou a forma de um módulo composto por itens que englobam o construto SRPB relacionado à qualidade de vida e à saúde, o qual ficou conhecido como WHOQOL-SRPB.

¹⁷⁷ PEDROSO, Bruno; GUTIERREZ, Gustavo Luis; PICININ, Claudia Tania. *Qualidade de vida, espiritualidade, religião e crenças pessoais*: análise do instrumento WHOQOL-SRPB. Disponível em: <http://www.fafit.com.br/revista/index.php/fafit/article/viewFile/37/21>. p. 1-12. Acesso em: 20 de dez. 2014

¹⁷⁸ <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/>. Acesso em: 15 nov. 2014.

¹⁷⁹ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 35.

De modo conclusivo, o autor¹⁸⁰ afirma que as principais hipóteses de que hoje temos conhecimento se referem a que a espiritualidade pode ajudar em duas vias: uma protetiva, mediante o suporte psicossocial, que ajudaria na promoção de comportamentos saudáveis, e a via individual, por meio do *coping*¹⁸¹, que se tem mostrado mais ativo e assertivo em pessoas com práticas voltadas à espiritualidade.

Os estudos correlacionais e de associação passaram a trazer a variável espiritualidade como fator protetivo à saúde. Esse movimento tem alimentado a utilização de instrumentos que mensurem o quanto essa prática está envolvida na proteção às patologias e no auxílio para lidar com as doenças crônicas, principalmente em estados terminais. Em decorrência desse fato, inúmeros cientistas têm despertado o interesse por estudos envolvendo o *coping* (capacidade de enfrentamento) religioso, ou seja, buscam explicar os recursos de enfrentamento dos problemas por meio das crenças pessoais em determinadas forças externas, geralmente ligadas a algum credo religioso.¹⁸²

Segundo este autor¹⁸³, apesar de os mecanismos para tal ainda não terem sido plenamente elucidados, as vias de reconhecimento do efeito da espiritualidade na saúde aparecem de diversas fontes.

No campo do tratamento clínico, na área da psicologia, a espiritualidade, segundo o autor¹⁸⁴, pode auxiliar as pessoas a enfrentarem dificuldades referentes a determinadas experiências de vida e a darem um sentido e uma conotação diferente ao acontecimento. Ainda, segundo ele, a visão espiritual amplia o nível de consciência e permite um posicionamento mais amadurecido frente aos revezes da vida. Isso não significa que o sofrimento deixa de existir, mas é visto sob outro ângulo. Nesse sentido, pode-se entender a espiritualidade como um catalisador do processo de vida da pessoa.

Se considerarmos estas premissas, é fundamental que sejam pensados ou repensados os currículos da formação dos profissionais dessas áreas para que quando em exercício possam valorizar e respeitar a espiritualidade de seus pacientes, como fator protetor.

¹⁸⁰ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 36.

¹⁸¹ Termo associado à saúde e à adaptabilidade social, que designa o processo cognitivo utilizado pelos indivíduos para lidar com situações de stress e que inclui os esforços para administrar problemas no seu cotidiano.

¹⁸² BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 35.

¹⁸³ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 36.

¹⁸⁴ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 39-40.

Em diversos estudos na área da saúde pode-se notar que a espiritualidade tem sido relacionada a aspectos positivos da vida e à dor humana¹⁸⁵, assim como à resiliência.¹⁸⁶

Para Koenig, “[...] no tratamento de pacientes, não é necessário definir a espiritualidade de forma tão rigorosa como na condução de pesquisa científica”.¹⁸⁷ Nesta perspectiva e segundo o autor em questão, alguns pacientes talvez não se considerem religiosos, mas, ainda assim, podem estar procurando um significado maior fora de si mesmos ou lutando com questões existenciais.¹⁸⁸ Ressalta que o objetivo geral do clínico deva ser encontrar um terreno comum com todos os pacientes, e isso significa não tentar mudar crenças, mas, em vez disso, tentar apoiar crenças que ajudem o paciente a enfrentar a doença”.¹⁸⁹ Conclui que:

Embora o campo da religião, espiritualidade e saúde ainda esteja na infância e sejam necessárias muitas pesquisas para verificar (ou refutar) descobertas prévias, muito trabalho considerável já foi feito. Existe boa razão para começar a implantar parte do que já é conhecido na prática clínica.¹⁹⁰

É a partir da aceitação da ideia de que ficamos mais suscetíveis a doenças infectocontagiosas, especialmente como resfriados, quando estamos enfrentando uma situação difícil na vida, como estresse, uma separação, a morte de um ente querido, que Koenig compreende que a influência que as emoções têm sobre os sistemas de cura natural no corpo é uma área importante de pesquisa, se quisermos entender os modos como fatores religiosos ou espirituais podem afetar a saúde.¹⁹¹ Todavia, quando falamos da espiritualidade, temos que levar em conta também os mecanismos sobrenaturais, porém, sobre esses a pesquisa científica não produziu respostas.

A partir de uma revisão bibliográfica e de pesquisas de campo, Koenig conclui que

[...] é comum as pessoas dependerem de crenças e de práticas religiosas para lidar com circunstâncias estressantes da vida, perda de entes queridos e

¹⁸⁵ BORGES TEIXEIRA, 2012, p. 45.

¹⁸⁶ Termo que, aplicado à vida humana e animal, representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistente e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social. Cf. ANTUNES, Celso. *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade* (fascículo 13). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 13.

¹⁸⁷ KOENIG, 2012, p. 18.

¹⁸⁸ KOENIG, 2012, p. 18.

¹⁸⁹ KOENIG, 2012, p. 19.

¹⁹⁰ KOENIG, 2012, p. 23.

¹⁹¹ KOENIG, 2012, p. 37.

perda de saúde ou de independência. Ainda, segundo ele, as crenças e os ensinamentos religiosos incentivam as pessoas a tomarem melhores decisões, que ajudam a reduzir a probabilidade de estarem em situações altamente estressantes.¹⁹²

Existem evidências, segundo Saad *et al*, apud Lemos, de que pessoas com a espiritualidade trabalhada e desenvolvida tendem a adoecer menos, buscam ter hábitos de vida mais saudáveis e, quando adoecem, desenvolvem menos depressão, recuperando-se mais rapidamente. Ainda, segundo os autores, a espiritualidade colabora para a melhora da saúde graças a vários fatores: há um melhor estado psicológico (por trazer esperança, perdão, altruísmo e amor) e, por conseguinte, melhor estratégia para lidar com problemas e redução do estresse, o que gera equilíbrio das funções orgânicas controladas pelo sistema nervoso, com a produção de hormônios e a imunidade.¹⁹³

[...] as religiões advogam em geral o perdão e a absolvição, frequentemente úteis em resolução de conflitos. Aqui observamos que vários estudos internacionais contemplam o tema espiritualidade e psicoterapia demonstrando pertinência dessa interface com bons resultados terapêuticos.¹⁹⁴

Se olharmos para o cenário religioso brasileiro¹⁹⁵, percebemos a diversidade religiosa existente. O que nos interessa nesse sentido, é que cerca de 90% da população declara possuir alguma vinculação religiosa. De posse desses dados gerais entendemos a importância de se ampliar a investigação neste campo para que esses diversos sistemas de crenças e espiritualidade sejam também considerados no tratamento de doenças e na promoção do bem-estar.

3.3.4 Espiritualidade e saúde dos professores

E aqui voltamos ao nosso tema geral, ou seja, quais são as implicações da espiritualidade sobre a vida pessoal e profissional dos professores? Partimos do

¹⁹² KOENIG, 2012, p. 67.

¹⁹³ LEMOS, Conceição Maria de; PIETROBON, Rosa Cecília. Uma visão da espiritualidade na psicocardiologia. In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 59.

¹⁹⁴ PERES, Julio Fernando P.. Como o trauma, a psicoterapia e a espiritualidade convergem? In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 84-85.

¹⁹⁵ <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao>. Acesso em: 20 dez 2014.

princípio, a partir de Portal¹⁹⁶, da espiritualidade como caminho fundante essencial para busca e manutenção da saúde, na perspectiva de uma educação para a inteireza. Nesta perspectiva, a espiritualidade é compreendida como que diretamente ligada à essência do ser humano.

Mas, afinal, qual é o nosso conceito de saúde? Não podemos compreender a saúde apenas como a ausência de uma doença, mas como um estado de bem-estar físico, mental, social e espiritual, onde a alegria e a satisfação em viver são constâncias. O ser humano, ao se dar conta da sua condição incompletude, busca, por um lado, aceitar sua condição de inconclusão e, por outro lado, ir ao encontro, numa busca, do que o completa, no fim das contas, a felicidade. Portanto, cabe ao ser humano, cada um do seu modo, encontrar um sentido para a sua existência. Conforme Portal, “pessoas felizes acalantam pensamentos positivos, alegres, saudios, amorosos e tranquilos”.¹⁹⁷

Segundo Portal, falar em vida, em saúde, em espiritualidade, em ser cósmico, em plenitude, é falar em autoconhecimento, em autotransformação, transcendência e, conseqüentemente, em expansão de consciência.¹⁹⁸ Neste raciocínio, o desenvolvimento espiritual do professor é deveras importante e, ainda que não de modo conclusivo, pode se entender que está também relacionado a sua saúde e ao seu bem-estar docente.

Com frequência, segundo Portal¹⁹⁹, a espiritualidade é associada à interioridade do ser, com as “coisas da alma”, enquanto que a saúde com a exterioridade, com as coisas do corpo. No entanto, ambas têm em comum a busca do bem-estar e o sentido maior para a vida.

Se o estado de espírito por nós cultivado é responsável pela maior ou menor proporção das substâncias químicas do cérebro pelas quais os pensamentos operam, podendo ser benéficos ou maléficos ao organismo, não estaria aí um dos indicadores da estreita e sutil relação entre espiritualidade (sentido da vida), saúde e felicidade?²⁰⁰

¹⁹⁶ PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: Fonte de saúde na perspectiva de uma educação para a inteireza. In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). *Espiritualidade e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 107.

¹⁹⁷ PORTAL, 2012, p. 115-116.

¹⁹⁸ PORTAL, 2012, p. 110.

¹⁹⁹ PORTAL, 2012, p. 116-117.

²⁰⁰ PORTAL, 2012, p. 116.

Nesse sentido, podemos concluir com a autora que a ausência da espiritualidade e de um sentido para a vida tem uma relação estreita com as doenças, sejam elas de ordem psíquica ou física.

Segundo a concepção de Portal, que desenvolve pesquisas acerca da educação para a inteireza, existem, sim, profissionais da educação “sujeitos inteiros” que buscam permanentemente o equilíbrio e no investimento diário de “dar sentido às suas vidas”, sendo nelas coerentes e, portanto, saudáveis. São aqueles sujeitos que “fazem a diferença” pela coerência de suas ações e pela firmeza de princípios desvelados em suas práticas diárias.²⁰¹ Se a escola quiser crescer na sua qualidade da educação ofertada e dirimir as dificuldades, poderia dar espaço para que projetos e ações positivas (e aqui está inclusa a dimensão espiritual) sejam partilhados e, assim, pouco a pouco, contagiem a todos. Parece-nos que, quanto mais o foco for sobre o problema, mais ele se agiganta. Em contrapartida, se a atenção for sobre as ações positivas, maiores elas se tornarão. Que a acolhida, a comunicação, a transparência e a atenção a todos os sujeitos da educação seja uma constância nas práticas da direção! Que cada profissional da educação possa encontrar nessa escola um espaço para a sua realização profissional!

²⁰¹ PORTAL, 2012, p. 120.

CONCLUSÃO

Ao encerrar esta pesquisa, temos a sensação de na verdade estar na metade de um processo. Não que não tenhamos dados suficientes para respondermos ao que nos propomos, mas pela abrangência e pela urgência da temática da espiritualidade na vida pessoal e profissional dos seres humanos, aqui retratada na ótica da educação, na pessoa do professor. Sobre o tema da espiritualidade, podemos dizer que é demasiadamente amplo e confuso para ser abarcado numa única definição. Entretanto, independentemente dos diferentes olhares, das diferenças conceituais, esteja ele ligado à dimensão da religião ou ao seu significado mais amplo de humanidade, de busca pelo sentido e da qualidade de vida, seu uso sempre está associado a aspectos positivos.

Portanto, associar a espiritualidade à prevenção do mal-estar docente é desafiante, principalmente em face à compreensão de tratamento ocidental que possuímos relacionado à saúde. Todavia, a partir da pesquisa bibliográfica e de campo, conseguimos reunir elementos suficientes que confirmem nossa hipótese de que o cultivo da espiritualidade pode sim auxiliar no enfrentamento ao mal-estar docente. Precisamos considerar o ser humano na sua totalidade, enquanto ser biológico, psíquico, social e espiritual. Se alguma dessas dimensões estiver negligenciada, as demais serão afetadas em decorrência dessa.

Da pesquisa realizada junto aos professores, por meio das entrevistas, vale destacar que dois professores, do total de doze, descreveram literalmente recorrerem à espiritualidade como alento para superação dos desafios do dia a dia na escola. Além disso, foi surpreendente perceber que, exceto um, afirmaram possuir, e descreveram com tal, algum tipo de exercício de meditação, concentração, oração, etc, de que fazem uso na sua profissão. Isso nos leva a considerar que a espiritualidade é um elemento amplamente difundido na classe dos professores, todavia, na subjetividade, ou seja, dos exercícios descritos poucos se externalizam, ou seja, poucos são públicos. Cada um usa e vive sua espiritualidade de modo muito particular e sem que seus pares o percebam. E mais, ressaltam a importância do cultivo de determinado ritual ou prática. Associam benefícios à vivência de sua espiritualidade, bem como consideram fundamental que cada qual possua um sistema de crenças, uma espiritualidade.

Para comprovarmos o que dissemos, selecionamos algumas frases ou expressões de professores constantes em duas de nossas categorias: *da vinculação e a vivência de uma espiritualidade* - referente às de número 2 e 3; e *da vivência de uma espiritualidade e o exercício profissional* – relacionados às descrições das respostas as questões 4 e 8. Essas são algumas das frases que demonstram a percepção, pelos professores, dos efeitos positivos do cultivo de alguma espiritualidade. A Professora Teresa, por exemplo, fala de sua experiência ligada à espiritualidade, dizendo que notou se sentir mais relaxada. Ainda, segunda a Professora Teresa, pela vivência de uma espiritualidade, consegue formar vínculos fortes com seus alunos, além de se tornar uma pessoa melhor, superando suas expectativas pessoais a cada dia. Para ela, a espiritualidade é um caminho para o autoconhecimento, que permite sermos melhores professores. A Professora Maria considera que o cultivo da espiritualidade a ajuda a aceitar também a opinião dos outros, porque, segundo ela, tem todo aquele lado do entendimento, de ficar tranquilo, de ficar paciente, de saber esperar, saber entender. Já o Professor Antônio enfatiza que uma vivência religiosa favorece o autocontrole e a autoconfiança. A Professora Lourdes entende que, se todos os professores cultivassem uma espiritualidade, depositassem em Deus a sua confiança, teríamos uma educação muito melhor do que nós temos atualmente. A Professora Patrícia diferencia positivamente professores que já têm uma espiritualidade, que, segundo ela, levam de um jeito diferente certas circunstâncias e não se abatem tão rapidamente, numa situação frustrante. Segundo ela, criam uma certa paciência maior, um modo de relevar as coisas, o ser humano. O Professor João ressalta, a partir da espiritualidade, a importância de estar bem consigo mesmo, numa paz de espírito, alegando que isso reflete no andamento das aulas. A Professora Helena conclui que, se o professor tiver aquela parte espiritual mais desenvolvida, ele vai conseguir lidar melhor com o aluno. Essas falas demonstram que, independentemente da espiritualidade estar ligada ou não a uma instituição, sua vivência repercute positivamente sobre a vida dos professores e conseqüentemente nas suas relações familiares e profissionais.

Tudo isso nos leva a considerar que existe muito mais no ser humano do que se manifesta. A dimensão espiritual, exceto por meio de alguns rituais, não aparece aos olhos nus. Faz parte da subjetividade. Existe uma compreensão dos fatos, do

mundo e das pessoas que é singular para aquela pessoa. Se tivermos isso claro, seremos tomados de um profundo cuidado e respeito para com cada professor. Mesmo que ele se autodenomine católico, evangélico, umbandista, etc, existe uma subjetividade na vivência dessa sua espiritualidade. Até aquele, aparentemente descrente de tudo e de todos, pode ser portador de um desejo ou uma vivência não formal de espiritualidade. O respeito deve ser a palavra de lei.

Nas diferentes instituições, sejam elas públicas ou privadas, confessionais ou leigas, há uma caminhada a ser feita e talvez leve bem mais de uma geração para que se considere o elemento da espiritualidade nas relações de trabalho. Entretanto, existem elementos que podem ser alterados que independem da mudança comportamental de toda uma sociedade. A gestão escolar pode criar espaços de acolhida dentro da escola para que cada sujeito se sinta bem e possa viver com intensidade sua vida. Ainda assim, se não for a nível de gestão, o próprio educador pode tomar a iniciativa de criar alguns espaços e tempos que gerem o bem-estar seu e dos que estão consigo. Como já dissemos anteriormente, não existe um receituário ou um manual. A vida é dinâmica e a escola também deve ser. O professor está nessa dinamicidade, o que é desafiante sim, porém, engrandecedor para todo aquele que conseguir estar inteiro. A espiritualidade é um caminho que pode ajudar e tem ajudado, como vimos na pesquisa, a muitos professores no exercício de sua profissão. Não é possível padronizar o caminho, até porque existem muitos modos de se viver a espiritualidade, porém, é importante criar espaços para dar vazão a essa dimensão humana. É importante que todos se sintam acolhidos nesses processos.

REFERÊNCIAS

AMÉRICA FAMILY PHISICIAN. **Spirituality and Health**. Disponível em: <Http://www.aafp.org/afp/2001/0101/p89.html>. Acesso em: 27 dez. 2014.

ANDRADE, Sérgio Fernando Lomeu de. PROGRAMA DE APOIO À AÇÃO DIACONAL DAS IGREJAS. **Espiritualidade, cidadania e ética**. Recife: Visão Mundial [Diaconia], 2001.

ARAÚJO, A. R. S. **Complexidade, espiritualidade e Educação**: Por uma Educabilidade do Espírito Humano. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos, 2005.

ARAÚJO, T. M. de *et al.* Saúde e trabalho docente a partir da construção de uma rede de produção coletiva. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 37. p. 183-211, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ. Vozes. 2000.

BARBOSA, Ricardo. Espiritualidade e espiritualidades. In: ANDRADE, Sérgio Fernando Lomeu de. PROGRAMA DE APOIO À AÇÃO DIACONAL DAS IGREJAS. **Espiritualidade, cidadania e ética**. Recife: Visão Mundial [Diaconia], 2001.

BATISTA, Anália S; CODO, Vanderlei, *in* CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. **Burnout**: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). **Espiritualidade e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição Política do Império do Brazil**. Rio de Janeiro, RJ.

CHAGAS, Angela; SOARES DE OLIVEIRA, Leila *et al.* **Violência contra professores**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/reportagem-especial-violencia-contra-professores/>. Acesso em: 15 dez. 2013.

CODO & GAZZOTTI *in* CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

CODO, W.; MENEZES, I. **Burnout: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação**. São Paulo: Kingraf, 2000.

CORTESÃO, L. **Ser professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI**. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

DALAI-LAMA. **Uma ética para o novo milênio**. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DAL-FARRA, Rossano André; GEREMIA, César. **Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022010000400015&script=sci_arttext. Acesso em 13 out. 2013.

DAMÁSIO, B. F. *et al.* **Estresse e Burnout em professores**. Disponível em: < http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I ND_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_75_83.pdf >. Acesso em: 11 out. 2013.

DOMINGUES, Katia C. M. **Interpretações do papel, do valor e significado da formação do professor indígena do Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/InterpretaesdoPapelValoreSignificado.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.

EDUCAÇÃO PRECISA DE RESPOSTAS. Grupo RBS, Porto Alegre, 2013 (Campanha social). Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/capa,1429,0,0,0,Home.html>. Acesso em: 20 dez. 2013.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100004. Acesso em: 16 nov. 2014.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 23. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.

GIANCATERINO, R. **Escola, Professor, Aluno**. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007

GONÇALVES, Felipe de Sousa. **A expansão urbana sobre o relevo do município de Sapucaia do Sul – RS**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em:

[Http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao](http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao). Acesso em: 15 dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Educacional**.

Disponível em:

[http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=432000&search=riogrande dosul|sapucaia-do-sul](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=432000&search=riogrande%20do%20sul|sapucaia-do-sul). Acesso em: 10 nov. 2014.

JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores**. Estratégias para realização e desenvolvimento profissional. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1998.

JESUS, S. N. de. Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos? **Cadernos do CRIAP**, n. 4. Porto: Edições ASA, 2001.

JESUS, S. N. de. Prevenção do mal-estar docente através da formação de professores. **Educação** – PUCRS, ano XXV, Porto Alegre, n. 48, p 25–43, 2002.

JESUS, S. N. de. **Professor sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JORNAL DE TODOS OS BRASIS. **Física e filósofa Dana Zohar fala sobre a inteligência espiritual**. Disponível em: [Http://jornalggn.com.br/noticia/fisica-e-filosofa-dana-zohar-fala-sobre-a-inteligencia-espiritual](http://jornalggn.com.br/noticia/fisica-e-filosofa-dana-zohar-fala-sobre-a-inteligencia-espiritual). Acesso em: 20 dez. 2014.

KIVITZ, Ed René; SILVA, Geoval Jacinto da. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. **Espiritualidade no mundo corporativo**: aproximações entre prática religiosa e vida profissional. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2007.

KOENIG, Harold G.. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LEÃO, Deusilene Silva de. **Espiritualidade, Inteligência essencial ao ser humano**. 2009. 119. (Dissertação de Mestrado] – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2009.

LEMOS, Conceição Maria de; PIETROBON, Rosa Cecília. Uma visão da espiritualidade na psicocardiologia. In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org). **Espiritualidade e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MARQUES, Tania. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vestibular/noticia/2013/06/cartilha-como-os-pais-podem-ajudar-na-educacao-dos-filhos-4172231.html>. Acesso em: 15 dez. 2014.

MEC. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 abr. 2015.

MISTRAL, Gabriela. **Jornal O Povo**. 1937. Disponível em: <<http://atelierdeducadores.blogspot.com/2011/01/oracao-da-mestra.html#ixzz2nsyrZdOn>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

MORAIS, Regis de. **Espiritualidade e Educação**. Campinas: Centro Espírita Allan Kardec, 2002.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. **Espiritualidade e saúde: passado e futuro** de uma relação controversa e desafiadora. 2007. p. 3-4. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/3.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**: uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2012.

ODELIUS, C; RAMOS, F. in CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

OLIVEIRA, Ivone Boechat. **Por uma escola humana**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Freitas Bastos, 1998.

PAIVA BELLO, José Luis de. **Educação no Brasil**: a História das rupturas. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>> Acesso em: 16 dez. 2013.

PARGAMENT *apud* KOENIG. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

PEDROSO, Bruno; GUTIERREZ, Gustavo Luis; PICININ, Claudia Tania. **Qualidade de vida, espiritualidade, religião e crenças pessoais**: análise do instrumento WHOQOL-SRPB. Disponível em: <http://www.fafit.com.br/revista/index.php/fafit/article/viewFile/37/21>. p. 1-12. Acesso em: 20 dez. 2014.

PERES, Julio Fernando P.. Como o trauma, a psicoterapia e a espiritualidade convergem? In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org). **Espiritualidade e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

PERES, Mario F. P. *et. al.* **A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos**, 2007. p. 82. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/82.html>. Acesso em: 18 dez. 2014.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: Fonte de saúde na perspectiva de uma educação para a inteireza. In: BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. & MÜLLER, Marisa C. (Org.). **Espiritualidade e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

PREFEITURA DE SAPUCAIA DO SUL. **História**. Disponível em: <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/historia/>. Acesso em: 10 dez. 2014.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil**: notas para uma reflexão. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1993000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de nov. de 2014.

RODRIGUES DA SILVA, Rogério. Espiritualidade e Religião no Trabalho: Possíveis Implicações para o Contexto Organizacional. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2008, 28 (4), 768-779.

SILVA, Luciano P. **Formação profissional no Brasil**: o papel do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100022. Acesso em: 02 abr. 2015.

SORATTO & OLIVIER-HECKLER in CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

TORRALBA, Francisc. **Espiritualidad Caminante**. Disponível em: <http://www.espiritualidadprogresista.blogspot.com.br/2011/03/entrevista-francesc-torralba-sobre-la.html>. Acesso em: 12 jul. 2014.

VASCONCELOS, Anselmo F. **Espiritualidade no Ambiente de Trabalho**: dimensões, reflexões e desafios. São Paulo: Atlas, 2008.

VASQUES & MENEZES, in CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. **História da formação de professores no Brasil**: o primado das influências externas. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/93_159.pdf. Acesso em: 27 dez. 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Amendments to the Constitution**. April, 7th; 1999.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente: um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS)”

Nome do (a) Pesquisador (a): Lauri Alfonso Mombach

Nome do (a) Orientador (a): Remí Klein

1. **Natureza da pesquisa:** A Sra. (O Sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar possíveis relações entre a espiritualidade e o trabalho docente.
2. **Participantes da pesquisa:** Desta pesquisa participarão (12) doze profissionais da educação de (12) doze escolas diferentes, sendo, portanto, (1) um de cada uma das escolas sorteadas. Os critérios para a participar da entrevista são os seguintes: (6) seis profissionais, sendo três (3) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, com tempo de serviço entre três (3) e dez (10) anos; seis (6) profissionais, sendo três (3) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, com tempo de serviço superior a dez (10) anos de efetivo serviço.
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo a Sra. (Sr.) permitirá que o pesquisador Lauri Alfonso Mombach use os dados da pesquisa para análise e elaboração teórica da dissertação, observando os critérios de confidencialidade, abaixo discriminados. A Sra. (O Sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a Sra. (o Sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. **Sobre as entrevistas:** O entrevistado responderá a um conjunto de 10 (dez) questões relacionadas a sua vida pessoal e profissional, conforme documento anexado.
5. **Riscos e desconforto:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Entretanto, por se tratar de um questionário que instiga às experiências e vivências relacionadas à vida pessoal e profissional, as lembranças podem gerar desconfortos de ordem emocional. Os procedimentos adotados nesta pesquisa

obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

6. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo servirão de base para a elaboração teórica de um trabalho acadêmico. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato. Somente o pesquisador e o orientador terão conhecimento dos dados.
7. **Benefícios:** Ao participar desta pesquisa a Sra. (o Sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre os as relações entre a espiritualidade e a atuação profissional de educadores, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para que sejam desenvolvidas políticas que beneficiem a estes e agreguem qualidade a educação. O pesquisador compromete-se a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** A Sra. (O Sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Local e data

TELEFONES

Pesquisador: (51) 91058568

Orientador: (51) 96956131

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa:

ANEXO II

Título da pesquisa: A ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO AO MAL-ESTAR DOCENTE: um estudo na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul (RS)

Nome do pesquisador: Lauri Alfonso Mombach

Nome do Orientador: Remí Klein

Vínculo: Faculdades EST

INSTRUMENTO DE PESQUISA COM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

01. Dados gerais:
 - a) Tempo de serviço nesta instituição:
 - b) Sexo: () Masculino () Feminino
 - c) Cargo de ocupação atual: Professor
02. Você participa com frequência e regularidade de alguma igreja/religião?
03. Na rotina diária de suas atividades profissionais, você reserva algum tempo pessoal de reflexão, de silêncio, de oração ou de meditação? Explique!
04. Se sua resposta for positiva diante das questões número 1 e/ou 2, no seu entendimento, qual é o grau de importância disso na sua vida?
05. Em algum momento de sua carreira do magistério você já se sentiu sobrecarregado a ponto de repensar-se profissionalmente? Justifique!
06. Numa escala gradual de 1 a 5 de satisfação e realização profissional (sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito e realizado), avalie seu atual estado de espírito e justifique!
07. Você acredita que o seu trabalho faz diferença na vida dos alunos que lhe são confiados? Explique!
08. Você acredita que a espiritualidade, independentemente de estar ligada ou não à religiosidade, influencia na vida pessoal e profissional dos professores? Explique!
09. Quais são as principais situações que enfrenta em seu cotidiano que atuam como fontes de pressão geradoras de estresse excessivo?

10. Mediante situações de pressão e aos efeitos do estresse, como você tenta superar essas dificuldades? Quais são as estratégias de superação que utiliza?